

**UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA ACADÊMICA
MESTRADO EM CIÊNCIAS DA LINGUAGEM**

TATIANA MARIA CORRÊA CAVALCANTI

**ANÁLISE DO DISCURSO DE ADULTOS DIAGNOSTICADOS
COMO GAGOS EM TRÊS CIDADES DO INTERIOR DO
ESTADO DE PERNAMBUCO**

RECIFE
2011

TATIANA MARIA CORRÊA CAVALCANTI

**ANÁLISE DO DISCURSO DE ADULTOS DIAGNOSTICADOS
COMO GAGOS EM TRÊS CIDADES DO INTERIOR DO
ESTADO DE PERNAMBUCO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem da Universidade Católica de Pernambuco, para obtenção do grau de Mestre em Ciências da Linguagem.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Nadia Pereira da Silva Gonçalves de Azevedo

RECIFE
2011

C376a Cavalcanti, Tatiana Maria Corrêa
Análise do discurso de adultos diagnosticados como gogos em
três cidades do interior do estado de Pernambuco / Tatiana Maria
Corrêa Cavalcanti ; orientador Nadia Pereira da Silva Gonçalves
de Azevedo , 2011.
126 f.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Católica de Pernambuco.
Pró-Reitoria Acadêmica. Curso de Mestrado em Ciências da Linguagem,
2011.

1. Análise do discurso. 2. Gagueira. 3. Distúrbios da linguagem.
I. Título.

CDU 801

CERTIFICADO

Certifico que **TATIANA MARIA CORRÊA CAVALCANTI**, aluna regularmente matriculada no Programa de Mestrado em Ciências da Linguagem desta Universidade, realizou a Defesa da Dissertação intitulada "**ANÁLISE DO DISCURSO DE ADULTOS DIAGNOSTICADOS COMO GAGOS EM TRÊS CIDADES DO INTERIOR DO ESTADO DE PERNAMBUCO**", às 13:30 horas, do dia 18 de março de 2011, no Anfiteatro, 3º andar, do Bloco G4, Rua Almeida Cunha, 245 – Boa Vista, Recife PE, tendo recebido a Menção "**APROVADA**" por unanimidade da Banca Examinadora, constituída pelos Professores Doutores: Nadia Pereira da Silva Gonçalves Azevedo (orientadora e presidente da banca), Wanilda Maria Alves Cavalcanti (Titular Interno), Jônia Alves Lucena (Titular Externo).

Recife, 18 de março de 2011.

Prof. Dra. Maria Cristina Lopes de A. Amazonas
Coordenadora Geral de Pós-graduação

**ANÁLISE DO DISCURSO DE ADULTOS
DIAGNOSTICADOS COMO GAGOS EM TRÊS CIDADES
DO INTERIOR DO ESTADO DE PERNAMBUCO**

Defesa pública em:

Recife, 18 de Março de 2011.

BANCA EXAMINADORA

Presidente: Orientador: Profa. Dra. Nadia Pereira Gonçalves de Azevedo

1º Examinador: Profa. Dra. Jônia Alves Lucena

2ª Examinador: Profa. Dra. Wanilda Maria Alves Cavalcanti

RECIFE
2011

*Aos meus pais e
minha avó (in memoriam),*

O Haver

*Resta, acima de tudo, essa capacidade de ternura
Essa intimidade perfeita com o silêncio
Resta essa voz íntima pedindo perdão por tudo
- Perdoai-os! porque eles não têm culpa de ter nascido...*

*Resta esse antigo respeito pela noite, esse falar baixo
Essa mão que tateia antes de ter, esse medo
De ferir tocando, essa forte mão de homem
Cheia de mansidão para com tudo quanto existe.*

*Resta essa imobilidade, essa economia de gestos
Essa inércia cada vez maior diante do Infinito
Essa gagueira infantil de quem quer exprimir o inexprimível
Essa irreduzível recusa à poesia não vivida.*

*Resta essa comunhão com os sons, esse sentimento
Da matéria em repouso, essa angústia da simultaneidade
Do tempo, essa lenta decomposição poética
Em busca de uma só vida, uma só morte, um só Vinicius.*

*Resta essa vontade de chorar diante da beleza
Essa cólera em face da injustiça e o mal-entendido
Essa imensa piedade de si mesmo, essa imensa
Piedade de si mesmo e de sua força inútil.*

*Resta esse sentimento de infância subitamente desentranhado
De pequenos absurdos, essa capacidade
De rir à toa, esse ridículo desejo de ser útil
E essa coragem para comprometer-se sem necessidade.*

*Resta essa faculdade incoercível de sonhar
De transfigurar a realidade, dentro dessa incapacidade
De aceitá-la tal como é, e essa visão
Ampla dos acontecimentos, e essa impressionante*

*E desnecessária presciência, e essa memória anterior
De mundos inexistentes, e esse heroísmo
Estático, e essa pequenina luz indecifrável
A que às vezes os poetas dão o nome de esperança.*

*Resta esse desejo de sentir-se igual a todos
De refletir-se em olhares sem curiosidade e sem memória
Resta essa pobreza intrínseca, essa vaidade
De não querer ser príncipe senão do seu reino.*

*Resta esse constante esforço para caminhar dentro do labirinto
Esse eterno levantar-se depois de cada queda
Essa busca de equilíbrio no fio da navalha
Essa terrível coragem diante do grande medo, e esse medo
Infantil de ter pequenas coragens.*

Vinicius de Moraes

AGRADECIMENTOS AOS QUE ME AJUDARAM A TECER OS FIOS DESSA HISTÓRIA

A Deus, minha força, áurea e proteção maior;

Aos meus pais, pelo contínuo apoio e cuidado, pela construção do meu caráter coerente, por terem me ensinado o caminho correto, enfim, por todo amor a mim concedido durante toda minha caminhada.

À Vovó, que partiu, mas deixou em mim lembranças de uma vida tão doce. Como não há muitas palavras para dizer o indizível, digo apenas que amo e amarei, sempre! “Saudade é ter pena de estar longe”.

Minha irmã, Thaiana, por agüentar muitas vezes meu mau humor, pelo companheirismo e amizade.

Aos meus mais próximos, tia Socorro, Carlitos, Cinha, tia Ceça, Nanda, Belinha, vovó Dadá e toda a minha família, ainda bem que tem vocês, exatamente do jeito que vocês são. Cada um, de uma forma específica, agradeço imensamente todo apoio.

Ao meu tio Tenório, porque sei que de onde estás, estás iluminando a tua doutora. Agradeço pelo exemplo de força e garra, qualidades que sem elas, eu não teria chegado até aqui.

Prof. Dr. Nadia Azevedo, ou melhor, minha Prof^a querida, orientadora e amiga. Falar e agradecer é trazer para o texto todo carinho, respeito e admiração que estão nas entrelinhas de toda dissertação. Obrigada por toda paciência na orientação sempre com indispensáveis palavras, por tudo. E por muito mais.

À Jônia e a Wanilda pelas sugestões importantíssimas para a construção desse trabalho.

À Larissa, minha dinda, que foi um dos grandes presentes que trabalhar com a gagueira me deu. Obrigada pelo apoio, pela ajuda e pelas calorias que ganhamos juntas. Você é uma das pessoas mais adoráveis que já conheci.

Elias Gomes, pelo apoio para a conclusão da minha dissertação, por confiar em mim e no meu trabalho.

À Tercinho, pela ajuda na realização da minha coleta e por ter me apresentado a grande maioria dos sujeitos da minha pesquisa.

Aos entrevistados, toda minha gratidão pelo tempo disposto com tanta alegria e afeto. Tantas histórias de vida forte, vida-pulsante.

Aos pacientes do Grupo de Gagueira da UNICAP, que me proporcionam tanto aprendizado e dão sentido a fazer exatamente o que faço.

As companheiras de profissão e pelas minhas amigas que fiz durante o mestrado, Ju, Talita, Mary, Poly. Obrigada pela companhia nessa caminhada, minhas queridas frenéticas.

À FACEPE pelo financiamento da pesquisa.

Agradeço também aqueles os quais não citei os nomes, mas que certamente participaram direta ou indiretamente para a construção deste trabalho.

RESUMO

A grande maioria dos estudos sobre a gagueira caracteriza-se por abordagens descontextualizadas do problema que a circunscrevem a partir das suas manifestações externas, o que é observável de imediato – o sintoma. Encontramos na literatura fonoaudiológica uma heterogeneidade de hipóteses sobre sua origem, contraposta a uma homogeneidade em sua caracterização. Porém, essas abordagens convergem em um mesmo ponto: a gagueira é tomada como manifestação de algo que se dá a ver no corpo, entendido como tensão muscular, respiração, produção articulatória. Este trabalho se propôs a realizar uma análise discursiva de adultos diagnosticados como gogos. Especificamente, buscou analisar o que dizem sobre suas dificuldades em desenvolverem seus processos de linguagem e interação, imersas em um quadro de gagueira. Procuramos identificar também as marcas e formações discursivas que caracterizam o discurso dos adultos diagnosticados como gogos e descrever as estratégias discursivas que servem como apoio para o alcance de uma possível fluência e veículo de interação utilizado pelos sujeitos em estudo. Diante das discussões fonoaudiológicas sobre a gagueira, procuramos estudá-la a partir do funcionamento linguístico-discursivo. Para isso, respaldamos dos pressupostos teóricos da Análise do Discurso de linha francesa (AD) que nos permitiu uma visão ideológica do discurso, atravessando os construtos teóricos do Marxismo, da Linguística e da Psicanálise. A AD acessa uma Linguística tocada pela ideologia, o que permite problematizar a noção de normal/patológico que atravessa a constituição do sujeito gago e o discurso fonoaudiológico, além de compartilhar uma visão psicanalítica do sujeito, o que se considera importante, visto que há o interesse por estudar a constituição do sujeito-gago. Para a realização da pesquisa, utilizamos uma entrevista semi-estruturada com 13 sujeitos com queixa de gagueira. Nossa análise foi ancorada na interdiscursividade, na qual pudemos identificá-la como formações discursivas materializadas no discurso dos sujeitos pesquisados. Sendo assim, afirmamos a gagueira como um distúrbio de linguagem que apresenta uma relação direta com as condições de produção, tendo implicações entre o sujeito que fala, o interlocutor e as situações de gagueira

Palavras-chave: gagueira, discurso, análise do discurso, distúrbio de linguagem.

ABSTRACT

Most studies on stuttering characterized by decontextualized approaches to the problem that circumscribes from its outward manifestations, which is observable immediately - the symptom. The literature speech heterogeneity of hypotheses about their origin, as opposed to homogeneity in its characterization. However, these approaches converge on one point: stuttering is taken as a manifestation of something that is to be seen in the body, understood as muscle tension, respiration, articulatory production. This study proposes to conduct a discursive analysis of adults diagnosed as stutterers in three cities in the interior of Pernambuco (Macaparana, São Vicente Ferrer e Limoeiro) and analyze what they say about their difficulties in developing their process of language and interaction, immersed in a Table of stuttering. Also tried to identify the brands and discursive properties that characterize the speech of adults diagnosed as stuttering and describe the discursive strategies that serve as supporting the achievement of a possible interaction of creep and vehicle used by the subjects under study. Given the discussions about stuttering speech therapy try to study it, from the linguistic and discursive operation. For this, we endorse in the theoretical assumptions of discourse analysis of the French line (AD) that allowed us a vision of ideological discourse, through theoretical constructs of Marxism, linguistics and psychoanalysis. The AD accesses a linguistics played by ideology, which enables us to raise the notion of normal and pathological crossing the constitution of the subject stuttered speech and speech therapy in addition to sharing a psychoanalytic view of the subject, which is considered important, since there is interest by studying the constitution of the subject-stutterer. To carry out the research used a semi-structured interview with 13 subjects with complaints of stuttering. Our analysis was based on interdiscursivity, where we could identify them as discursive materialized in the speech of individuals. Therefore, we affirm the stuttering as a disorder of language that has a direct relation to production conditions, with a direct order from the speaking subject, the speaker and the situations of stuttering

Keywords: stuttering, speech, discourse analysis, language impairment.

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS

RESUMO

ABSTRACT

CONSIDERAÇÕES INICIAIS	10
1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	13
1.1 Gagueira: a construção de vários caminhos através das teorias	13
1.1.2 A constituição do Sujeito-gago e a Psicanálise	46
1.2 Análise do Discurso de Linha Francesa	49
2. CAPÍTULO 2 – METODOLOGIA	68
2.1 Tipologia do Estudo	68
2.2 Seleção dos Sujeitos	69
2.3 Coleta de Dados e Técnicas de Pesquisa	69
2.4 – Procedimentos de Análise e Considerações Éticas	71
CAPÍTULO 3 – A GAGUEIRA NA PERSPECTIVA DISCURSIVA	74
CONSIDERAÇÕES FINAIS	112
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	117
APÊNDICES	123

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O interesse pelo estudo da gagueira surgiu ainda na graduação quando fui selecionada para realizar uma pesquisa de iniciação científica, o PIBIC (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica). Durante a pesquisa fiquei impressionada pela complexidade que tange tal assunto, e cada vez mais estimulada e curiosa para desvendar esse caminho tão sinuoso que é a gagueira. Deparei-me com tantos olhares, tantos ângulos de visão, tantas interpretações, porém a grande maioria convergia em um único ponto. A gagueira é algo que se dá a ver no corpo.

Grande parte das teorias existentes aborda o assunto por uma ótica positivista do problema. As teorias que hoje se destacam são da Psicologia Experimental, Social, da Filosofia Fenomenológica e Biologia. A literatura fonoaudiológica brasileira compreende vários estudiosos do assunto, porém traçando rumos diferentes em seus trabalhos, mas permanecendo fiéis ao seu ponto de vista, que é desvendar a sua verdade em relação à gagueira. Durante a realização da minha pesquisa, percebi que, mesmo já existindo teorias que abordassem a linguagem do sujeito, a quantidade de pesquisas nessa área ainda é muito escassa.

Durante a época do estágio na Clínica de Fonoaudiologia da Unicap, tive a oportunidade de atender um paciente com queixa de gagueira, o que só fez com que me dedicasse mais na tentativa de desvendar esse enigma. Graças à disciplina que cursei sobre gagueira, pude fazer um planejamento terapêutico que não fosse apoiado pelas correntes positivistas, ou seja, o foco do tratamento não era controlar a fala do gago, e sim ressignificar sua visão de sujeito-gago, o que seria um ideal de fala perfeita, mostrando, assim, que a gagueira é algo que é inerente ao funcionamento da linguagem, não existindo, portanto, uma fala sem deslizes, uma fala cem por cento fluente. Procurei enfocar o plano de terapia em uma teoria que não excluísse a linguagem e, por conseguinte, o sujeito.

Na mesma época em que comecei a estagiar na Clínica de Fonoaudiologia da Unicap, foi criado um grupo de terapia para a gagueira devido à grande demanda de pacientes. O grupo foi composto por oito pacientes, inicialmente, eu, como estudante de fonoaudiologia, e uma fonoaudióloga responsável pelo trabalho. Com a criação desse

grupo, percebi como o estudo da gagueira necessita de mais pesquisas que contemplem a linguagem do sujeito, e o grande espaço para a pesquisa que ela proporciona. Concluí a graduação em Fonoaudiologia e continuei fazendo parte desse grupo de terapia para a gagueira, agora como fonoaudióloga. Resolvi então, após um ano de formada, submeter-me à seleção de mestrado para concluir o que havia começado na graduação. Continuar o meu desafio para desvendar e entender melhor a gagueira.

Durante a graduação, tive acesso a textos que contemplam a gagueira partindo de uma teoria da linguagem. Essa teoria foi proposta por Azevedo (2000; 2006), que procurou estudar a gagueira em um lugar diferente do que estava sendo proposto até o momento – a do discurso. Uma teoria que estava ancorada na linguística, seguindo dois aportes teóricos: o Projeto Interacionista brasileiro em aquisição de linguagem, seguindo os escritos da Cláudia de Lemos e a Análise do Discurso proposta por Pêcheux, na França, e desenvolvida por Eni Orlandi, no Brasil. Interessei-me, particularmente, por esta teoria, por contemplar a linguagem, não excluindo, assim, o sujeito.

É um fato que a gagueira ainda hoje é um problema um tanto controverso para as pessoas que gaguejam, assim como para os pesquisadores e estudiosos do assunto. São muitas as tentativas de explicar sua origem, os fatores que contribuem para sua incidência e o seu tratamento. Desta forma, apresento, neste trabalho, mais adiante, alguns estudos de diferentes autores que permitem chegar mais próximos à gagueira, a ter ideias de como lidar com ela e principalmente, de como tratá-la.

Após a análise de alguns dos pontos de vista de autores que se dispuseram a estudar a gagueira e que apresento à frente, e como já foi comentado anteriormente, torna-se fácil perceber que muitas abordagens convergem em um ponto: a gagueira é tomada como manifestação de algo que se dá no corpo, entendido como tensão muscular, respiração, produção articulatória, ou, ainda, formação genética.

A partir disso, este trabalho se propôs a realizar uma análise discursiva de adultos diagnosticados como gogos em três cidades do interior de Pernambuco (Macaparana, São Vicente Férrer e Limoeiro) e, especificamente, analisar o que dizem sobre suas dificuldades em desenvolverem seus processos de linguagem e interação, imersas em um quadro de gagueira. Propôs-se a identificar as marcas e propriedades discursivas que caracterizam o discurso dos adultos diagnosticados como gogos e descrever

as estratégias discursivas que servem como apoio para o alcance de uma possível fluência e veículo de interação utilizado pelos sujeitos em estudo.

Este trabalho foi dividido em três capítulos. O primeiro capítulo será constituído pela fundamentação teórica do trabalho. No primeiro tópico deste capítulo que tem como título ‘Gagueira: a construção de vários caminhos através das teorias’ será feita uma revisão sobre o estudo da gagueira, abordando as principais teorias. Em algumas dessas, serão observadas a exclusão do sujeito e da linguagem, já que nessas os autores não abordam uma teoria da linguagem. No segundo tópico, ‘Análise do Discurso de Linha Francesa’ será estudado a Análise do Discurso de linha francesa (AD), procurando entender a relação entre gagueira e as condições de produção e a previsão e a certeza do erro no discurso do sujeito-gago.

A concepção do sujeito desta pesquisa é fundamentado na AD - sujeito social e ideologicamente marcado. Será fundamentada também na Psicanálise lacaniana que apresenta uma visão do sujeito descentrado, assujeitado pela linguagem.

No segundo capítulo, ‘ Metodologia’, será proposto o tratamento do objeto de estudo, a partir do pressuposto metodológico da pesquisa qualitativa, procurando demarcar o método da pesquisa – o discursivo - e o procedimento – a análise das formações discursivas através das respostas das entrevistas dos sujeitos pesquisados.

No terceiro capítulo que tem como título ‘A gagueira na perspectiva discursiva’, a pesquisa será conduzida em uma análise das respostas de uma entrevista semi-estruturada realizada com treze sujeitos.

Dessa maneira, espera-se que esse trabalho contribua para o estudo da gagueira, uma vez que aborda uma linha teórica ainda pouco explorada – a discursiva, que inclui o sujeito e a linguagem, vendo a gagueira como um lugar da subjetivação discursiva.

CAPÍTULO 1 - FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

*‘ O gago está à procura de alguém que, ouvindo o segredo de sua língua fragmentada, configure-o para além dessa fragmentação’
Kelly*

1.1 Gagueira: a construção de vários caminhos através das teorias.

Neste capítulo, pretendemos discorrer sobre a gagueira, discutindo as principais teorias e os caminhos percorridos pela Fonoaudiologia na intenção de desvendar esse grande mistério.

No primeiro momento, iremos discutir sobre as diferentes abordagens a respeito do estudo da gagueira, identificando qual o objeto de estudo de cada teoria e apontando a exclusão do sujeito e da linguagem. Grande parte dos estudos sobre a gagueira são caracterizados por abordagens descontextualizadas do problema, que apresentam em comum o fato de circunscrevê-la a partir da sua manifestação externa, o que é observável de imediato – sintoma. Sendo assim, oferecemos e defendemos a abordagem discursiva como proposta no processo terapêutico da gagueira, bem como definindo o local dela, incluindo o sujeito e a linguagem.

No segundo momento e, finalizando este capítulo, iremos repensar a concepção de sujeito-fluente e sujeito-gago, já que o primeiro é uma abstração, visto que todos nós gaguejamos. Caminharemos, de acordo com Azevedo (2000;2006), que relata que a fluência é uma condição ideal e o estudo da gagueira deve ser iniciado, considerando que a fluência deve ser entendida como uma relativa disfluência.

A literatura fonoaudiológica que estuda a gagueira apresenta uma heterogeneidade de hipóteses sobre sua origem, contraposta a uma homogeneidade em sua caracterização. Dessa forma, muitos autores se dispuseram e, ainda hoje, dispõem-se a investigar sobre suas causas, origem, local e tratamento. Apresentamos neste capítulo, alguns teóricos e pesquisadores da gagueira, que se propuseram a descrevê-la com publicações que contribuíram para o aprofundamento desse distúrbio, sendo que cada qual sustentados pelos seus aportes teóricos.

Hoje, as propostas terapêuticas mais conhecidas seguem os princípios da Psicologia Experimental, Social, Filosofia fenomenológica e Biologia. É evidente que cada uma destas propostas, de seus lugares teóricos, apresenta sua contribuição à Fonoaudiologia, embora deixem escapar a linguagem e com ela o sujeito, uma vez que ambos se encontram indissolúvelmente atrelados, pois sujeito e linguagem se constituem mutuamente. Desta forma, pensa-se em um sujeito advindo do meio social, cujos momentos de gagueira estão vinculados a este meio e, a partir daí, este será compreendido como sujeito concebido na/pela linguagem e estudado pelos caminhos discursivos, pouco pensados pelos pesquisadores da gagueira. Procuramos selecionar pesquisadores contemporâneos, identificando três áreas: a Filosofia, Biologia e a Psicologia com suas várias vertentes.

É interessante que sejam apresentados pontos de vista de diferentes autores, a fim de conhecermos onde ocorrem as principais divergências e convergências e as suas descobertas e discussões no que diz respeito à gagueira. Dessa forma, serão apresentados, a seguir, pontos de vista de alguns autores que permitirão ter uma visão mais ampla em relação à sua caracterização, causa e tratamento.

Iniciando essa discussão pelos caminhos sinuosos da gagueira, encontramos pela corrente positivista, na área da Psicologia Experimental, Van Riper (1972), que é o autor que mais se destaca, descrevendo a gagueira e propondo seu método terapêutico. Van Riper compreende a gagueira como um comportamento verbal, que incide sobre o ritmo da fala, interrompendo-o. Embora se declare adepto da multicausalidade, associando, frequentemente, esta patologia a uma desordem na sincronização do cérebro, que levaria a uma ruptura na programação dos movimentos musculares exigidos pela fala, enfatiza o condicionamento clássico e operante como origem da gagueira.

O autor (op. cit) descreve a gagueira separando os comportamentos expressos dos comportamentos encobertos. Os comportamentos expressos referem-se às repetições, aos bloqueios e prolongamentos, sendo ainda encontrados os comportamentos acessórios, que podem, ou não, estar presentes como sintomas no gago. São eles: tensão, tremor, reações de perseveração, fixação tensa da glote, utilização de ar residual, fala inspirada, medo de gaguejar, comportamento de evitação, estratégias para ganhar tempo (como a utilização de palavras desnecessárias), gestos faciais e manuais, além de outros. Ainda assim, inclui, nesta mesma categoria, o medo e seus precipitantes, como o medo de falar com

autoridades, pessoas com cargos hierarquicamente superiores, empresários prósperos, professores, bem como o medo de sentir-se ridículo, de que as pessoas riam da inabilidade na comunicação, da pressão do tempo. Descreve, ainda, locais que desencadeiam medo, como o telefone, que pode agravar a gagueira pelo medo antecipado de seu uso, consultórios médicos, lojas, pontos de ônibus, aeroportos e até igrejas. Existe ainda o medo de determinadas palavras e fonemas, bastante frequente em seus pacientes. Outros comportamentos encobertos são: frustração, hostilidade e culpa.

Três aspectos são observados em relação à gagueira por Van Riper e Emerick (1997). O primeiro desses aspectos, e considerado o mais importante, é o comportamento de fala anormal, que se apresenta nas repetições e prolongamentos de sons e sílabas, tensão, esforço e tentativas de mascarar a disfluência. A perturbação emocional que é refletida nas reações fisiológicas de estresse também se inclui como um aspecto importante na gagueira. Para os autores, o sujeito gago, muito antes de abrir a boca, já realiza diversas posturas silenciosas, ou ele assume uma posição para lutar com esse silêncio antes de soltar o que quer dizer.

A técnica de tratamento de Van Riper (1972) é denominada por ele de “gagueira fluente” e propõe um controle dos sintomas/comportamentos da gagueira. O autor acredita que o paciente deve aprender uma forma de gaguejar que seja livre de tensão, recompensada por vantagens sociais. Os passos de sua proposta são:

- a) Identificação: conscientização dos comportamentos que integram a gagueira;
- b) Dessensibilização: substituição dos comportamentos/respostas tensas por respostas fluentes e relaxadas;
- c) Modificação: utilização de técnicas específicas para manter a fluência e diminuir o medo de gaguejar. Pode-se citar, como exemplo, as técnicas proprioceptivas, onde o paciente observa a suavidade dos pontos articulatorios dos fonemas; a técnica do cancelamento, quando, ao gaguejar, o gago deve cancelar a palavra gaguejada através da emissão suave do primeiro fonema e a técnica do *pull-out*, que incide sobre a previsão do momento de gagueira, ou seja, quando o paciente acreditar que irá gaguejar em determinada palavra, deve, imediatamente, puxá-la para fora, através dos recursos utilizados na técnica anterior;

d) Estabilização: utilização de exercícios que apoiem a modificação da fala e a manutenção de imagens positivas. Neste último estágio, o autor considera importante levar o gago a resistir à sugestão de que gaguejar é inevitável.

Em uma citação de Van Riper (1939), diz que os gogos só falam quando necessário. Conseguem mascarar tão bem a gagueira que até as pessoas mais íntimas se surpreendem no momento em que não se consegue mais esconder. Anos depois, em outra obra, o autor propõe que o terapeuta não trate apenas o problema de dicção no gago, mas outros aspectos como problemas de identidade. Considera que nossa identidade é constituída a partir das reações e avaliações que pessoas que são importantes fazem de nós. O que conseguimos observar nos olhos dos outros, reflete o que somos.

Percebemos a grande contribuição desse autor para o estudo da gagueira, nomeando os comportamentos manifestos, possibilitando uma descrição dos mesmos, uma vez que eles ocorrem antes, durante e depois do momento da gagueira. A abordagem que esse autor defende, entretanto, reduz a língua ao comportamento verbal.

Ainda seguindo a mesma linha teórica, Andrade (1999) compreende a gagueira como um distúrbio multidimensional, com atuação de fatores bio-psico-sociais. A autora enfatiza a genética como origem da gagueira, responsabilizando-a pelas formas leves e severas da patologia, atuando, inclusive, na recuperação espontânea. Classifica a gagueira em disfluências normais, leves e graves. A disfluência normal é aquela em que ocorrem algumas hesitações e repetições esporádicas de sílabas ou palavras. Indica que a criança está em fase de aprendizagem de linguagem.

As disfluências leves são caracterizadas por repetições de sílabas mais de duas vezes, prolongamentos de sons, tensões específicas corporais e mudanças na intensidade da voz. Costumam persistir por um período de seis meses, quando desaparecem. Quanto às disfluências graves, a autora considera que, a criança gagueja em mais de dez por cento da fala, apresenta predominância de bloqueios, além de repetições e prolongamentos. Outros sintomas presentes são: esforço para falar, tensão, movimentos faciais, medo de falar, evitações de situações de fala, substituição de palavras.

Andrade (2001) inclui alguns comportamentos como o de evitação (o sujeito não falar quando quer fazê-lo, utilização de sinônimos para as palavras temidas, parafrasear a emissão pretendida), artifícios de atraso (palavras sem significados ou palavras de apoio ou

esperar para tentar falar), iniciadores (respirar fundo antes de falar, piscar os olhos), reações de disfarce (falar cobrindo a boca para esconder a gagueira), reações de interrupção (fazer caretas para sair de um bloqueio ou sacudir a cabeça), movimentos de busca (hesitações ou vogal inapropriada ou alteração da velocidade dos sons e das sílabas repetidas).

Schrager (1969) defende a multicausalidade orgânica e aponta que a gagueira só aparece onde há uma predisposição, observando que é muito significativo o fato de que o processo da gagueira se instale enquanto o sistema nervoso central esteja em desenvolvimento; uma época de grande significação na evolução e do desenvolvimento global da criança. O autor ainda acrescenta que quando os pais superestimam a importância das primeiras vacilações e repetições, rotulando-as de gagueira, faz com que seja instalado um sério componente psicológico, fixando o sintoma.

Já Sheehan (1975) aponta como origem da gagueira uma série de conflitos intrapsíquicos, apontando que esta se condiciona no processo das relações interpessoais. Nesse ponto, o autor concorda com Johnson (1959), quando relata que os pais não aceitam a forma de fala da criança. Essa não aceitação gera culpa e a culpa, o conflito. Além disso, refere-se a problemas com apresentação social de si como estimulador de gagueira, assumindo que não é basicamente só um problema de fala, mas um problema de identidade.

Bloodstein (1993) afirma que a gagueira é o resultado de experiências passadas com dificuldades de fala, que são geradas pelas expectativas dos outros para com o sujeito, de acordo com os valores assumidos em uma dada sociedade.

Discutindo os aspectos genéticos da gagueira em crianças pequenas, Yairi (1983), Yairi e Ambrose (1992a e 1992b) mostraram que mais de dois terços das crianças gagas apresentam história familiar positiva, em que a quantidade de homens é significativamente maior que a de mulheres e a quantidade de gagueira é especialmente mais alta entre parentes de primeiro grau do que de segundo ou terceiro graus.

Perkins (1990), apoiado em uma visão linguística da gagueira, define a mesma como uma interrupção involuntária numa tentativa contínua de produzir a fala. Afirma ainda ser a gagueira auto-expressiva, caracterizada pelas disfluências que ocorrem na fala quando a criança conhece a estrutura que está tentando dizer, mas “tropeça” no processo de produção, criando um bloqueio involuntário. Dessa forma, a criança sabe o que quer falar, mas não consegue. A gagueira linguística, segundo o mesmo, ocorre quando a

criança precisa continuar a fala, apesar de não conhecer a estrutura linguística que deve ser utilizada, ou as pronúncias adequadas, criando condições para o surgimento de um bloqueio involuntário.

Segundo o autor (1990), a fala fluente requer uma sincronia de componentes linguísticos e paralinguísticos. Quando isso não ocorre, o resultado pode ser uma disfluência não gaga ou gagueira. A gagueira ocorre quando o falante está sob pressão do tempo e relativamente inconsciente da causa da dissincronia, perdendo o controle de sua fala; já a disfluência não gaga, ocorre quando os componentes linguísticos e paralinguísticos são dissincrônicos e o falante não está sob pressão (PERKINS, *apud* BRITTO, QUEIROGA, COSTA, 2001)

Bloodstein (1993) relata que o nível de frustração da criança diante das suas interrupções de fala é considerado o melhor critério para diferenciar a disfluência da gagueira infantil. O autor ressalta que o quadro crônico não é necessariamente irreversível. Além disso, descreve quatro fases sobre o desenvolvimento da gagueira na criança. A primeira fase aparece no período pré-escolar, quando a criança tem em torno de seis anos. Na sua fala, podem ocorrer bloqueios de maneira episódicas, que é comum quando a criança está empolgada, querendo contar alguma novidade, por exemplo. Na segunda fase, devido às reações dos ouvintes, a criança já se vê como gaga. A terceira fase acontece no início da adolescência, quando já está presente a dificuldade, e tenta mascará-la, substituindo palavras. Nessa fase, as reações do outro, junto com a pressão de quererem que fale bem, faz com que gere um grande temor ante as situações de fala. A partir disso, a pessoa entra na quarta fase, em que o medo de falar e a angústia por ter que fazê-lo são suas características principais.

Ainda citando este autor (1949), a gagueira inicia-se como uma tentativa da criança de fragmentar unidades sintáticas para facilitar sua produção. O agravamento do quadro ocorre quando a criança começa a acreditar em sua dificuldade de fala e a ter medo de falar, sendo que quanto mais nova a criança, maior as chances de recuperação. Para o autor, aproximadamente 80% das crianças que apresentam um quadro de gagueira param de gaguejar antes de alcançar a idade adulta.

O que o autor queria dizer era que a gagueira se inicia como uma dificuldade de produzir expressões verbais completas, o que pode ser observado pelas repetições de

palavras. À medida que a desordem vai se agravando, começam a aparecer as repetições de sons e sílabas, assim como os prolongamentos acompanhados ou não de tensão, demonstrando uma dificuldade na produção de uma estrutura linguística menor, que seria a palavra. Segundo Bloodstein (op. cit), as crianças menores tendem a ser portadoras de uma gagueira mais leve com repetições de palavras ou até de frases, o que não impede que possam também apresentar um quadro mais severo com a presença de prolongamentos e repetições de sons. Já as crianças maiores e os adultos, apresentam com mais frequência em seus distúrbios prolongamentos e repetições de sons.

Pesquisando sobre a incidência da gagueira, Bloodstein (1993) conclui que ela parece ser um tipo de expressão da cultura que a produziu. O fato de existir muitos gogos em uma sociedade é, aparentemente, dizer que esta é uma sociedade competitiva, que impõe altos níveis de realização ao sujeito, considerando status e prestígio como metas desejáveis raras. Uma sociedade que é severamente intolerante a desvios e à normalidade, é uma sociedade em que existe uma grande cobrança na competência da fala.

Já Logan (1999) considera que a predisposição genética para a gagueira não parece ser suficiente para o desenvolvimento do quadro. Acredita que é o meio ambiente que dispara o gatilho para o seu surgimento, fazendo com que a criança experimente um impacto emocional negativo relativo à sua fala. Depois deste quadro instalado, é necessário que esta reação negativa seja apreendida pela criança, levando-a a se conscientizar da sua dificuldade de fala, o que formará a partir daí o auto-conceito de gago.

Assim como Andrade (1999), Bohnen (2003a) compreende a gagueira como distúrbio de comunicação que “vem sendo desvendado aos poucos, principalmente através da genética e das neurociências” (p. 41). A autora entende a linguagem como uma representação do pensamento, cuja comunicação é o objetivo maior. Acredita que a gagueira se manifesta ao redor dos três anos de idade, em decorrência do aumento da complexidade da linguagem oral e seus sintomas são: repetição de sílabas, traços acessórios, interrupções na respiração, tensão e consciência do problema.

Para Bohnen (2003a), para a avaliação da fluência é necessário um conjunto de três amostras de linguagens espontâneas, em torno de 300 palavras, para que se possa realizar o diagnóstico, e ainda assim, saber diferenciar entre disfluência, gagueira e taquifemia.

Andrade (1999) e Bohnen (2003a) apresentam uma visão organicista da gagueira, em que vislumbram prioritariamente uma sustentação biológica. Nesta perspectiva, sujeito e linguagem são excluídos. Em seus lugares, está a gagueira, o corpo, a quantidade de sílabas gaguejadas, um protocolo de risco. Bohnen (2000) acredita que a gagueira é considerada um distúrbio de comunicação como uma ruptura da fluência, dentro da perspectiva da linguagem, já que tem como objetivo mais nobre a comunicação.

Segundo uma visão mais positivista do assunto, Jakubovicz (1997) conceitua que a fluência consiste em uma progressão silábica que se faz no tempo sem oscilações e sem inserções. A fala é notada pelo interlocutor como sendo normal e produzida sem esforço. Para a autora, a fluência depende da sincronização respiratória, iniciação suave dos sons e harmonia da fonação, sustentação da coluna de ar e vibrações da glote. Acredita que a interação harmônica entre a pressão aérea subglótica com a supraglótica, e a correta resistência da glote, junto à coordenação muscular harmônica, conceberá a fluência verbal, que depende basicamente da sequência, duração, velocidade e ritmo da fala. Já, a não-fluência normal é considerada por repetições de palavras ou sílabas, prolongamentos de sons e ligeiro esforço motor ao falar.

A autora revela que entre os fatores que mais influenciam na gagueira estão a tensão muscular, a responsabilidade na comunicação, a reação do interlocutor e os momentos de gagueira anterior. Saliencia também que nos bloqueios fonatórios ocorre a perda do contato visual e uma fixação muito prolongada, tendendo a bloquear no som inicial da palavra e na posição inicial da palavra na frase. Alguns fenômenos secundários são usados na tentativa de escapar ou esconder essa inabilidade para se dizer o que quer, encontrando-se algumas distorções faciais, como tensões visíveis da face e piscar de olhos, movimentos com o corpo, tremor nos lábios, entre outros.

Brandi (1990) considera que a fluência é caracterizada pela sequência - organização temporal dos fonemas numa realidade linguística; pela duração – o tempo de duração da articulação do elemento fonético; pela velocidade – rapidez com que os elementos fonéticos são articulados, pois cada elemento desse tem uma duração variada, e pelo ritmo – velocidade de fala, considerando a prosódia, a cadência e a duração dos elementos. É comum encontrar esses quatro elementos alterados em uma fala gaguejada.

Abordando a perspectiva fenomenológica, Meira (1983), compreende o interno e externo do sujeito, partindo dos sintomas manifestos para chegar à essência da gagueira. Relata que a gagueira está envolvida por fortes camadas de tensão no decorrer da vida do sujeito-gago. Essas tensões são consideradas os invólucros da gagueira.

Iniciando seus estudos em uma filosofia plenamente fenomenológica, a autora, ao sentir a necessidade de buscar um caminho colocando em dúvida as propostas encontradas na literatura, a partir da percepção de que o referencial teórico não responde às questões básicas a respeito da gagueira, já que apresenta apenas fragmentos da mesma, vista em sua mera aparência, buscou uma metodologia que a pudesse levar a experiências conscientes sobre essa dificuldade. Meira (1983) encontrou esta possibilidade na fenomenologia, usando a reflexão como o constitutivo do método e descobriu que refletir sobre a preocupação da consciência, enquanto tenta-se captar a essência da gagueira, permite a compreensão que conduz ao fenômeno.

Sendo assim, Meira (1983) começou a questionar qual seria o caminho a percorrer, em direção ao gago ou à gagueira? Deixa claro, assim, que o gago seria a principal fonte de informações em seus estudos. Notou que seria necessário conhecer o que é relatado na bibliografia, como a gagueira é vista pelos profissionais que lidam com ela em terapia, diagnósticos, e como é vista pelos próprios gagos. Logo, pôde perceber que tanto os autores como os profissionais e os gagos desviavam-se da essência e da existência da gagueira como fenômeno. Dessa forma, a postura assumida diante da gagueira pelos autores, profissionais e pelos gagos, vista através da interpretação dos textos e dos depoimentos, foi afastada como possibilidade de se chegar ao conhecimento da gagueira como fenômeno, já que diante do encontrado, a gagueira se mostra apenas como fato.

Mais adiante, no ano de 2000, a autora se dispôs a apresentar um caso clínico de um de seus pacientes atendidos em consultório, procurando pontuar e esclarecer alguns aspectos da terapia fonoaudiológica direcionada à gagueira sob o ponto de vista da fenomenologia. Meira (2000) afirma que, ao dar início a uma terapia fonoaudiológica, os sentimentos do paciente a respeito da terapia flutuam, ora na expectativa de um passe de mágica que o “cure”, ora na tomada de consciência de seu papel e suas responsabilidades no processo terapêutico. O medo e a vergonha de se mostrar gago interferem na vida

pessoal do paciente, que termina antecipando situações, mantendo-se muitas vezes distante da realidade, acreditando nas próprias fantasias.

Para a autora, durante o processo terapêutico, o terapeuta não é o que sabe e o paciente não é o que aprende. Nessa relação terapêutica os dois seguem caminhos paralelos, fazendo descobertas e crescendo juntos. O terapeuta ajuda o paciente a descobrir o seu caminho, a lidar com as dificuldades, pois relata que não existe milagre no tratamento da gagueira, não existe uma técnica que quando usada possa resolver todos os problemas. No entanto, existe a possibilidade de um trabalho sério, disciplinado, fazendo com que o paciente desenvolva a consciência da sua gagueira, de suas emoções e atitudes, e a trabalhe com as mudanças necessárias para que encontre a fluência de sua fala.

A partir das experiências vividas, a autora assumiu a responsabilidade de desvelar a gagueira, obter uma resposta ontológica, conhecendo-a em sua existência e passando assim para a consciência da gagueira.

Rocha (2002) vê a gagueira como uma perturbação que pode acontecer em qualquer vertente da comunicação. Para ela, a função do fonoaudiólogo é de um facilitador no processo de descoberta, entendendo e modificando os fatores que favorecem a disfluência. Rocha (2002) não atribui à gagueira uma causa de ordem hereditária, psicológica, neurológica, corporal, social ou nenhuma outra visão específica, defendendo a ideia de que existem “gagueiras” e não “gagueira”. A autora diz que é importante estar atenta a todos os enfoques possíveis e encontrar, para cada paciente, os fatores que interferem na fala desse sujeito e quais os caminhos para permitir que a comunicação se processe de modo mais eficaz. O trabalho que esta autora realiza tem fundamento nas áreas da psicomotricidade, psicolinguística e na interação com os pais.

Um dos importantes percursos percorridos no tratamento para a gagueira, segundo a autora citada acima, é a de orientação aos pais. Relata que atuar com pais de crianças disfluente é fundamental no processo terapêutico, e considera a entrevista inicial com os pais um momento fundamental nesse processo. O primeiro contato com eles é realizado, de preferência, sem a presença da criança, para que todas as histórias relevantes venham à tona nesse momento, e é a oportunidade para que as culpas, medos, ansiedades e preocupações sejam expostas. Além disso, é a chance de estabelecer um vínculo de confiança entre o

profissional e a família do paciente para que os elos sejam construídos para um possível trabalho em conjunto.

Muitos pesquisadores organicistas enxergam a gagueira como um sintoma que pertence a diversas síndromes e, portanto, podem ter diversas causas, atuando paralelamente no mesmo indivíduo. A grande crítica ocorre em relação à medicina, relacionada na redução do sujeito à patologia, excluindo assim o sujeito. É muito comum encontrar esse tipo de discurso nas práticas fonoaudiológicas, pois procuram identificar as causas somáticas que servirão como justificativa do sintoma da linguagem.

Para Johnson (1959), as vacilações normais da fala da criança sendo julgada como gagueira e a sua não aceitação por parte dos pais e pessoas significativas que passam a corrigi-la, podem interferir no desenvolvimento normal, gerando verdadeiramente a gagueira, que o autor denomina de gagueira sofrimento.

O autor acredita que a gagueira surge nos ouvidos dos interlocutores, já que no início da linguagem oral toda criança pode apresentar interrupções nas suas falas, sendo classificadas como “gaguejadas”. As correções e os comentários que são feitos pelos pais à criança a respeito dessa sua fala fazem com que ela tome consciência, perceba seu mal falar, concentrando-se na forma como irá falar. Ela irá antecipar suas possíveis falhas, trazendo o que ele denomina de “reação antecipatória de esforço”. A gagueira não aparece antes do seu diagnóstico.

É importante considerar que, anteriormente, Johnson (1959) definiu a gagueira como uma reação de evasão antecipada e apreensiva. Ele acreditava que a gagueira começava apenas quando a criança manifestava esforço para falar e comportamento de evitamento, demonstrando um auto-conceito afetado por se ver como gago. De acordo com o autor, a gagueira é um comportamento adquirido que se inicia não na boca de uma criança, mas no ouvido de um pai. Com isso, Johnson (1959) queria dizer que para gaguejar é necessário em primeiro lugar que haja um interlocutor e, ainda, que a ansiedade dos pais seja suficiente para fixar o sintoma da gagueira.

O autor relatou que muito do que era rotulado como gagueira infantil, era, na verdade, disfluência normal da infância. Anos mais tarde, ainda é difícil identificar a gagueira infantil verdadeira e poucos fonoaudiólogos levam em consideração a crença do autor ao dizer que a gagueira começa apenas quando uma criança manifesta esforço,

evitamento e auto-imagem de gago (JOHNSON, *apud* BRITTO, QUEIROGA, COSTA, 2001).

Britto, Queiroga e Costa (2001) definem a gagueira como uma ruptura na fluência da fala. Para as autoras, o gago sabe o que quer falar, mas a palavra em sua forma articulatória não consegue ser produzida com rapidez. Segundo as autoras, a gagueira é um distúrbio familiar, pois é comum existirem famílias com várias pessoas gagas, levando ao questionamento a respeito da herança genética ou transmissão social, que seria passado no convívio entre as pessoas de uma mesma família.

De acordo com as autoras, a gagueira tem início no período de aquisição linguística da fala, que vai do nascimento até os dez anos aproximadamente. E, por volta dos dois aos cinco anos, observa-se a presença de rupturas na fluência que variam de acordo com a situação. Esse período considerado normal do desenvolvimento da linguagem oral é chamado de disfluência normal da infância. O que se espera é que a maioria das crianças se recupere espontaneamente. Porém, em alguns casos, observa-se fixação do sintoma por um tempo mais longo do que o considerado normal, podendo, a partir daí, não regredir mais.

Conture (1997) definiu critérios que classificam a criança disfluente como apresentando nenhum, baixo, moderado ou alto risco para a cronificação da gagueira. Estes critérios são qualitativos (observação do comportamento e suas variações em diferentes situações e o ambiente emocional em que a criança vive) e quantitativos, (frequência e a duração da disfluência, o tipo da disfluência, a medida da velocidade de fala da mãe e da criança, a presença de disfluências em grupo e de comportamentos físicos não relacionados à fala.)

Para o autor, no que diz respeito à frequência, se a criança exibe três ou mais disfluências dentro de palavras em cem palavras produzidas, ela possui risco de continuar gaguejando. O grau do risco dependerá da análise conjunta de todos os outros fatores. Se estas disfluências ocorrem em um tempo menor que um segundo, outro grau de risco é definido, que seria o da variedade da disfluência. No caso dos prolongamentos, se estes excedem 25% do total de disfluências da criança, há um grande risco de que ela continue gaguejando. Segundo o autor, ainda existem algumas indicações de que a severidade da gagueira está relacionada à velocidade de fala da mãe que excede a da criança gaga em

mais de duas sílabas por segundo. Qualquer coisa que faça com que a criança aumente a velocidade de seu planejamento para a fala, pode levá-la a selecionar mal as unidades linguísticas e, na tentativa de corrigir ou modificar esta dificuldade, acabam ocorrendo as disfluências.

Grande parte das teorias abordadas sobre a gagueira aqui apontadas sempre o mesmo método de representar a manifestação observada, excluindo-a do conhecimento do processo histórico que levou a manifestar-se. Certamente, essas teorias não deixam de expressar aspectos verdadeiros da gagueira, contudo, não a apreendem. Porém, em todos seus sentidos, na medida em que não estão ligadas às dimensões sócio-culturais a que pertencem, as relações e mediações que a determinam, dão a impressão de que a gagueira é o caos a que muitos se referem.

O significado do rótulo gago não se restringe apenas a relações interpessoais particulares que são vividas, em que pertence ao grupo social no qual está inserido. Friedman (1994) se refere que o sujeito-gago tem a imagem de si estigmatizada de falante. Esse rótulo compreende a gagueira como estigma, como algo indesejável. Sendo assim, não se trata apenas de rotular a forma da fala como gagueira que faz com que gere sentimentos negativos, produzindo-a. Trata-se, principalmente, da não aceitação da forma de falar da criança, julgando-a como gaga, trazendo para cena o conteúdo sócio-histórico de tal rótulo, reproduzindo seu significado nas relações entre a criança e os outros.

Souza (2001), em uma perspectiva diferente, considera estudar a origem da gagueira, no entanto, afirma que mais importante que isso é apontar para o fato que independente das causas da gagueira, o importante é entender as especificidades e o processo terapêutico que eles exigem, mediante a singularidade dos sujeitos tratados e a intervenção no funcionamento da gagueira. Do ponto de vista clínico, a gagueira aparece como uma dificuldade relacional, cujos sintomas aparecem na comunicação com o outro.

Ao investigar na literatura sobre gagueira, Rodrigues (2001) encontrou uma predominância em duas posições básicas: a primeira consiste no tratamento direto do sintoma e é baseado em técnicas para a reabilitação da fala e no uso de aparelhos/próteses. A segunda proporciona ferramentas para alcançar e controlar a gagueira, tratando o sintoma, mas de forma menos direta. Observamos que nos dois casos o objetivo é alcançar a fluência na fala do gago, desaparecendo o sintoma, favorecendo a sua cura.

A gagueira é, então, mais que a falta de fluência que conseguimos observar quando a pessoa gagueja. O sujeito-gago sofre porque sente que a sua maneira de falar não é aceita pelos outros. Mantém-se no paradoxo que gira em torno do desejo de falar, pois ele precisa se expressar, no entanto, existe o medo em fazer isso, pois a sua fala é carregada de consequências negativas. O sujeito-gago vive tentando evitar a gagueira, vivendo em um estado permanente de angústia e ansiedade. O gago tem uma imagem de si próprio bastante negativa, preferindo, muitas vezes, silenciar, se isolar, como Friedman (1986) se refere logo abaixo.

Na área da psicologia social, Friedman (1986) é uma autora que pode ser vista como alguém que se propõe a estudar a gagueira, evidenciando a não dissociação de seu aspecto fenomenológico, sujeito gago X gagueira. A autora situa a origem da gagueira na primeira infância, quando a criança passa por uma fase de gagueira natural ou gagueira fisiológica, visto que a fluência não é total para ninguém. Nesta fase, há uma cobrança psicossocial, que exige que ela “fale direito,” o que leva a criança a uma dupla vinculação com a realidade, um processo paradoxal, onde a mesma sente que não pode falar porque não consegue falar corretamente e, ao mesmo tempo, não pode fugir dessa produção porque ainda não sabe como é o certo. Surge então o que é identificado por Friedman (1986) como gagueira sofrimento, que é a consequência dessa idéia errada do bem-falar. Ela se origina na fase de aquisição da fala, como foi dito acima, onde se forma a relação paradoxal (falar/não falar). Toda criança gagueja ou já gaguejou na vida, porém, muitas vezes, a família e a escola tomam atitudes que marcam essa fase da criança por toda a vida, o que pode ser o caso das pessoas gagas.

Em relação aos discursos autoritários, a autora coloca que é dito algo afirmativo como: “fale”, acompanhado de algo sobre a própria afirmação: “fale direito”; “calma, fale devagar”, de tal modo que essas duas afirmações excluem-se mutuamente e o significado do dito é indefinível. Ao se solicitar à criança que fale direito, fale devagar, exige-se dela uma forma de fala que não é especificada, colocando-a diante de uma exigência que está acima de suas possibilidades de produção. Além disso, essa solicitação interrompe a forma de fala espontânea, ou a forma natural de falar da criança, afastando ainda mais a possibilidade de responder adequadamente à situação. Para uma fala adequada, é preciso

ter um contexto no qual as relações de comunicação garantem a espontaneidade e reforçam a capacidade de falar.

Diante da restrição que é feita com relação à fala da criança, esta encontra-se em uma situação paradoxal, ou seja, não pode não falar nem falar da forma que os outros esperam que falem, gerando reações, igualmente, paradoxais. As relações interpessoais colocam a atividade de fala em uma situação paradoxal, no momento em que linguagem está sendo adquirida e desenvolvida. Essa fala sofrerá uma distorção, fazendo com que o indivíduo não tenha mais a certeza da sua atividade articulatória, o que gerará uma ruptura no desenvolvimento da fala, em que o padrão natural passará a se apresentar sob uma nova qualidade. A atividade deixará de ser espontânea, que é sua forma natural, como decorrência da impossibilidade de reagir adequadamente à exigência a ela (FRIEDMAN, 1994).

Friedman (1994) acredita que o surgimento da gagueira depende das relações entre o sujeito e o meio social. Deste modo, se a tensão gerada pelas circunstâncias for bastante grande, o sinergismo da fala fica muito prejudicado e a tentativa de falar sem gaguejar se torna impossível, restando apenas não falar. Com isso, mostra-nos ainda mais, que a severidade da gagueira não pode ser medida pela forma como é audível, mas pelo esforço subjetivo que envolve o sujeito em ações para não gaguejar. Em relação a isso, Sheehan (apud Friedman, 1994; p.118) faz a seguinte citação:

“ Se suas experiências como gago são similares às minhas, você gasta boa parte de sua vida tentando esquemas como relaxar, pensar o que você tem para dizer, confiar em si mesmo, respirar fundo, ou mesmo falar com pedras na boca. Agora você percebeu que isso não ajuda em nada, se faz alguma coisa é agravar o problema. Há uma boa razão pela qual esses legendários falham, porque todos eles têm algo artificial como base, a supressão da gagueira, o encobri-la. Quanto mais você encobre e mais tenta evitar gaguejar, mais você gagueja”.

Vendo a gagueira sob uma perspectiva dialético-histórica, Friedman (1994) compreende-a a partir do produto de um processo ideológico, no qual, a partir das relações vividas de comunicação, o sujeito cristaliza em sua subjetividade uma imagem de mau falante, passando a agir em função dela. Sendo assim, o trabalho terapêutico consiste em desmistificar a ideologia na qual se assenta a gagueira, reconstruindo a história do seu

desenvolvimento e a manutenção. Para a autora, enquanto a imagem de mau falante não for desmistificada, as tentativas para falar bem sempre se constituirão em truques paradoxais, que ao mesmo tempo que tentam ocultar a gagueira, afirmam mais.

A desmistificação da auto-imagem é ao mesmo tempo a desmistificação da capacidade articulatória efetiva do sujeito. A intenção é desfazer a dúvida que ideologicamente foi criada sobre essa capacidade e que esta serve de sustentação para a imagem de mau falante, determinando assim a lógica de produção da gagueira. Na tentativa de fazer com que o sujeito-gago perceba a sua integridade fonoarticulatória, a terapeuta chama a atenção para os momentos de fluência, mostrando que a maior parte da sua fala é fluente, porém a sua consciência está habituada a preocupar-se apenas com a gagueira. Um dos pontos fundamentais no processo terapêutico é fazer com que o paciente perceba que a gagueira não é a negação da fluência, mas se sobrepõe a ela e coexiste com ela. A fluência não é uma meta a ser alcançada, porque já existe. A meta é aprender a lidar com a gagueira e com a imagem de mau falante. A fala tem que acontecer normalmente sem que o falante se preocupe com como ele fala (forma), mas sim com o que vai falar (sentido).

Friedman (1994) defende o fato de que a gagueira é algo muito mais complexo do que manifestações corporais.

A estrutura da gagueira vista enquanto fenômeno tem uma ordem e uma legalidade própria, revelada nas descrições clássicas, mas esta estrutura não capta a relação entre seu aspecto fenomênico e sua essência. Captar esta relação e, portanto, plenamente o fenômeno gagueira, significa indagar e descrever como ela se manifesta em gagueira e o que, ao mesmo tempo se esconde. Os fenômenos se mostram em seu aspecto fenomênico, na relação com a sua essência, um não é radicalmente diferente do outro, nem pertence a ordens diferentes (FRIEDMAN, 1986, p. 08).

A gagueira está mais no pensamento do que no ato de falar. A fala com gagueira é o resultado de uma forma de pensamentos que consistem uma falta de confiança na fala, ou seja, surge uma ideia de incapacidade articulatória que determina todo o processo de produção externa. Friedman (1986), plenamente embasada em uma teoria social, pensa em uma gagueira contextualizada no processo de produção de fala, que é um processo determinado por condições bioantropológicas e socioculturais, onde as características dessa produção dependem da vivência e da história de cada pessoa.

Para a autora, não importa de qual das formas clássicas se veja a gagueira, por trás está sempre o mesmo método que representa a manifestação observada, separando-a do processo que levou a se manifestar, o que só conduzem a parcelas de sua totalidade. Não que desta forma não se expressem aspectos da gagueira, mas, para ela, torna-se praticamente impensável que se alcance o sentido total, na medida em que está desligada da totalidade a que pertence.

A gagueira tem sido descrita como repetições, hesitações, bloqueios e tremores, visíveis na atividade da fala, acompanhados ou não de secundarismos verbais, que se somam à mensagem veiculada e de movimentos de outras partes do corpo, associados à atividade verbal, estranhos à atividade de fala convencional. (FRIEDMAN, 1986, p. 07)

Fica claro que, de acordo com a visão dessa autora, a gagueira é captada em seu aspecto fenomênico e, desta forma, tem sido reduzida apenas às suas atividades e manifestações externas e é exatamente por esse motivo que mesmo nas publicações mais recentes, a gagueira é encarada como uma incógnita, porque as aparências dos fenômenos, desligados de suas conexões internas, tornam-se incompreensíveis.

Friedman (1986) entende a gagueira como uma forma em que a atividade de fala pode assumir em determinadas pessoas, e o surgimento dessa forma pertence a um todo maior que é o da linguagem. A autora acredita que é na história de desenvolvimento da linguagem que encontraremos a compreensão da constituição da gagueira.

Se a ideia da não aceitação da forma de falar é a ideia de que se fala mal ou não se fala como deveria, somada a impossibilidade de achar uma resposta adequada para sua fala, temos uma criança vivendo situações em que não sabe como falar. A partir deste contexto, os efeitos da situação paradoxal não apenas geram uma situação de conflito, na qual emoções negativas e expectativa se associam à situação de fala, determinando um padrão de fala alterado. Poderá gerar, também, a construção de uma imagem de si como mal falante, a qual fará parte da identidade da criança. A imagem de si como mal falante terá como efeito para ser socialmente aceito o desejo de falar bem, vivenciando o paradoxo em que as interações anteriormente analisadas podem colocar a atividade de fala na subjetividade do indivíduo, na forma do paradoxo de ser um mal falante e ter de falar bem. Sendo assim, o falar fica associado a expectativas e emoções negativas que

determinam alterações e tensões na produção articulatória. Diante disso, se origina a cristalização na subjetividade de uma representação de si como mau falante que por isso mesmo deseja falar bem, para ser aceito pelo seu meio.

Friedman (1994) pode explicar o emergir de todos os comportamentos descritos que servem para definir a gagueira, como: repetições, hesitações, bloqueios, movimentos corporais associados à fala, evitações de palavras, de situações. Explica também que esses comportamentos podem ocorrer com mais ou menos frequência dependendo das situações, podendo até mesmo desaparecer por completo quando se fala sozinho ou com animais. Além disso, explica que quanto mais a auto-imagem de falante está em jogo, mais importante se torna falar bem, gerando ativação emocional, tensão, prejudicando o movimento da fala, explicando o aumento da gagueira nas situações em que o indivíduo tem de falar diante de pessoas que para ele representa uma autoridade, ou diante de um grupo que poderá julgá-lo, ou mesmo quando existe uma grande responsabilidade pela comunicação.

A autora relata que antecipar dificuldades na fala pressupõe acreditar na sua existência, que é o que foi mostrado sobre a forma de falar estigmatizada decorrente da interação paradoxal apontada ao indivíduo. Sendo assim, quando em situação de comunicação, é comum que as dificuldades de fala sejam antecipadas seguidas da tentativa de evitá-las para que saia melhor. Dessa maneira, uma fala que se tornou tensa em virtude do conflito entre não poder falar como consegue e não saber falar de outro modo é somada a mais tensão para atender especificamente ao desejo de não se mostrar como mau falante. Refere-se também ao fato que essa antecipação pode ser tão intensa que às vezes o sujeito opta por sair dela para não ter que falar, ou se não pode fazê-lo, começa a falar com um forte bloqueio. Bloqueio, como vimos, é decorrente do tensionamento a que todo organismo está submetido a partir de uma demanda de um esforço adicional no sentido de ser vencido e permitir que surja articulação dos sons que configuram o que se pretende dizer. Após alguns segundos de esforço, a esperada articulação se faz. A atividade de fala é realizada de maneira demasiadamente rápida para admitir que o sujeito possa refletir como ele fala, ou seja, para falar não pensamos em “como” mas em “o quê”. Sendo assim, a imagem de si estigmatizada de falante e o desejo de evitá-la implica exatamente o

contrário, pois a atenção do indivíduo que gagueja é levada a ligar-se em como falar, produzindo o aumento de tensão na atividade de fala.

Na tentativa de desmistificar a imagem de mal falante que fica cristalizada no sujeito-gago, Friedman (1986) busca criar a imagem de bom falante com o uso das técnicas proprioceptivas, levando o sujeito a perceber sua integridade articulatória, utilizando exercícios de fala, para que a gagueira possa ser vista como natural, como algo constituinte da própria linguagem e não mais como sofrimento. Recomenda a utilização dos exercícios proprioceptivos no tratamento da gagueira, apontando a intenção de que esses exercícios propiciam a leveza dos movimentos da fala, aflorando a sensibilidade, favorecendo a capacidade de ser fluente e diminuindo a previsão dos momentos de dificuldade. A autora considera que a grande maioria dos sujeitos-gagos tem a integridade do sistema fonoarticulatório alienada da consciência, pelo fato dele acreditar que não consegue falar bem, ao mesmo tempo em que ele tenta falar bem, contribuindo para a imagem de si como mal falante. Preocupando-se com toda a elaboração para a fala sair perfeita, o sujeito-gago desperdiça muita energia para isso, ficando angustiado, fazendo um esforço sobre-humano para atingir uma fala perfeita.

Friedman (op. cit.) afirma ainda que se a pessoa tem variações na forma de falar, ora fala melhor, ora fala pior, fica claro que a fala em si pode não ter defeitos, mas há algo a prejudicando. O fato de se acreditar que vai gaguejar, o que significa não acreditar na real capacidade de falar, levando em consideração de que primeiro a gagueira é antecipada, depois é que ela acontece, mostra o quanto a crença de que se vai gaguejar conduz ao comportamento da gagueira.

Panhoca *et al.* (2000) apresenta uma proposta terapêutica para sujeitos-gagos a partir da utilização da escrita. As autoras, fundamentadas na Linguística e apoiadas na teoria psicosocial de Friedman, descrevem dois casos, em que a intervenção fonoaudiológica baseou-se na linguagem escrita, já que consideram que a fala do gago apresenta um componente comprometido e doloroso. Nos dois casos, houve relatos de melhora na gagueira e, sobretudo, nos medos e inseguranças. Vale salientar que o estudo é fundamentado no discursivo, lugar da ideologia, da significação

Na Psicanálise, os estudos sobre a gagueira ainda são incipientes. De acordo com Kelly (2001), o primeiro estudo da gagueira pela psicanálise aconteceu em 1980 por Freud,

em seus ‘Estudos sobre a histeria’. A gagueira foi associada ao uso de tiques e o aparecimento desse sintoma estava associado a um desejo de calar e falar, de se mostrar e esconder. No entanto, a gagueira estaria no mesmo barco das conversões histéricas. Depois dos achados de Freud, outros psicanalistas também se interessaram pelo assunto, como foi o caso de Bloom (1978), que se referia à gagueira como um embaraço pela revelação de um segredo. Diante dessa conceituação ainda incipiente, ele se dedicou ao tratamento da gagueira, em que consistia basicamente em exercícios para facilitar as dificuldades da enunciação e uma tentativa na intenção de descobrir todos os motivos que poderiam ter causado a gagueira, estando no presente ou passado do embaraço.

Kelly (2001) relata que, para o sujeito-gago, a sua gagueira é o seu centro de atenção. Faz uma analogia com a de um grande amor esperado; o gago não percebe que está fugindo de algo em si mesmo, atribuindo todos os valores à gagueira. Na visão psicanalítica da gagueira, a autora acredita que é o retorno do recalcado, uma máscara que resulta dos conflitos travados entre desejos inconscientes e a não permissão consciente para realizá-los.

Stekel, ex-analisando de Freud, em 1908, faz seu primeiro comentário sobre a gagueira, em que a classifica com uma fobia, o medo de não conseguir se expressar sem se interromper. A priori, para ele, não havia nenhum segredo a se esconder, mas sim, o medo de não conseguir falar sem interrupções, surgindo o conflito entre falar-calar, os impulsos hostis e eróticos. Bloom (1978), cita Adler, que apresenta sua opinião sobre a gagueira, relatando que é um defeito inato no mecanismo da fala, com falhas no aparelho respiratório.

Cunha e Gomes (1996) propõem um trabalho fonoaudiológico inspirado na teoria psicanalítica, e apontam para a necessidade de que se resgate “na natureza do desejo inconsciente recalcado o sentido e a função do sintoma gagueira” (*op.cit.*, p. 74). Desta forma, refletem sobre a gagueira através de um enfoque psicanalítico freudiano, percebendo-a como um sintoma de duas formas de neurose: a histeria de conversão e a obsessão. Em ambas, a causa da gagueira seria a mesma: o sofrimento pela separação do outro. Sustentam que na histeria de conversão, pelo fato de o afeto ser descarregado no corpo, há uma paralisação da dor psíquica; neste caso, constatam que os bloqueios são predominantes. Na neurose obsessiva, a racionalização controla a dor psíquica; neste caso, as repetições e hesitações são mais evidentes.

As autoras (*op.cit*) ainda discutem a relação entre a gagueira e as estruturas clínicas como a histeria de conversão e neurose obsessiva. As autoras concluem que a partir de seus estudos, é preciso dar ao gago a possibilidade de descobrir o que ele quer com seu próprio sintoma. Elas fazem uma crítica às técnicas de descondicionamento da gagueira, que mantém o gago mais distante do sentido de suas repetições e hesitações.

Quanto à proposta terapêutica, as autoras afirmam ser importante diferenciar as neuroses, uma vez que na histeria de conversão, como o afeto é expresso no corpo, técnicas corporais costumam surtir efeito; já na neurose obsessiva, com o objetivo de racionalizar as idéias, são as técnicas articulatórias relacionadas à conscientização da produção da fala, as mais eficazes.

Cunha (2001) considera a gagueira como um sintoma de neurose, manifestado na linguagem, dotado de um sentido latente de ordem psíquica inconsciente. Para a autora, a gagueira funciona como estilhaços de palavras arremessados ao outro, que podem afetar a escuta terapêutica. A autora aborda a perspectiva sobre o sintoma da gagueira, vendo-a como uma manifestação da linguagem, porém dotada de um sentido latente de ordem psíquica, relacionando-a como um sintoma neurótico, como a volta do que foi recalcado, que é manifestado por uma ação psicopatológica (o *acting-out*) específica que se serve da e na linguagem.

Já Para Spritzer ([s.d]), é a partir da linguagem que deve vir a compreensão dos distúrbios da linguagem e não da anatomia nem fisiologia. Para se entender o que está alterado, deve-se encontrar na significação do espaço entre sujeitos, a intersubjetividade, pois quem fala, fala para alguém, mesmo que esse alguém seja imaginário. Kelly (2001) diz que não é graças a uma técnica de exercícios de fala que fará com que o gago transforme-se em um novo ser, mas é devido à relação que ele venha a estabelecer consigo mesmo através de sua gagueira. É necessário que o terapeuta escute além da disfluência, quase dispensando-a do *setting*, porém mantendo-a à mão, já que o que se gagueja também é importante.

Para Chaves (2002), o processo de comunicação é altamente complexo e difícil de ser desvendado. A linguagem que usamos para nos comunicar se apresenta na maioria das vezes incompleta e truncada, porém, mesmo assim, nos entendemos. Segundo a autora, as dificuldades que são encontradas na fluência são mais amplas do que a soma linear das

alterações na produção da fala, bloqueios e repetições mostrando complicações na produção motora. Relata que a aptidão para a linguagem e o grande desempenho linguístico são fundamentais para viver em sociedade nos dias de hoje. Ter um bom desempenho linguístico implica em ser capaz de expressar, interagir, aprender significados e relacioná-los ao conhecimento de mundo.

A autora (*op cit.*) realiza uma análise da gagueira a respeito das alterações entre fluência, linguagem, cultura, sociedade e cognição. A autora revela que, para ela, é extremamente difícil perceber as sutilezas das expressões faciais do seu interlocutor. No entanto, relata que as pessoas que gaguejam percebem e ao mesmo tempo são influenciados pelas pequenas variações de expressões ou da prosódia da fala. Ela considera isso, para nós fluentes, a percepção dos aspectos extralinguísticos são limitadas em comparação a dos gagos, provavelmente porque não temos medo das situações comunicativas. Porém, para os sujeitos gagos, as interações são marcadas pelo estigma, pelo fato de se sentirem separados e diferentes. O medo o controle sobre as ações do interlocutor, as dificuldades frente à não-previsibilidade da comunicação, alteram toda a comunicação e interação.

A maioria dos estudos sobre a gagueira acreditam que o grau da sua severidade está diretamente ligada aos bloqueios, repetições, prolongamentos dos sons, pausas tensas, dentre outros. Porém, será que esses são os piores problemas da gagueira? Chaves (2002) diz que é necessário ir além das dificuldades na produção da fala dos disfluentes, precisando compreender uma série de outros problemas, onde estão incluídas questões linguísticas e as variáveis contextuais. Para esta autora, o conceito sócio-interacionista e a pragmática explicam as dificuldades comunicativas dos gagos, permitindo uma abordagem efetiva das alterações dos aspectos da fluência.

Para Tassinari (2001), a tentativa de ver a gagueira como uma máscara, implica ver um sujeito que atrás dela vê-se, quase que exclusivamente, através dessa marca sintomática em sua linguagem. A gagueira não se inclui na categoria de seus atos como sujeito, embora é comum que ele se refira à ela como sua: “meu problema é a minha gagueira.” Percebe-se o sofrimento sob os efeitos ruidosos ou silenciosos dessa maneira singular de se dizer, como se fosse alheio a ele mesmo ou ao que ele pode reconhecer como seu. Segundo a autora, se nota uma formulação como essa, o paciente parece estar implicado em seu

sintoma, provavelmente pelo intenso sofrimento gerado por ele, não referindo-se à gagueira, mas a sua gagueira.

Todo dizer corresponde um dito que se precipita como parte inconsciente do trabalho de configuração de espaços de possibilidades de sentido. O que não se quis dizer, ou seja, o como não se quis dizer e disse, ganha uma saída material pela disfluência que ocorre quando o dito vaza no sintoma que envergonha e fere o sujeito da consciência ao deparar-se com o desconhecido tão presente por ser explícito, porém, incógnito em sua natureza e sentido (TASSINARI, 2001).

A autora acrescenta que a disfluência vai se intensificando no sujeito gago quando ele passa a sentir-se assombrado com a lembrança de que é gago, como se ao lembrar disso, esse fantasma tivesse sido deliberadamente apagado de sua consciência. É comum tipos de discursos como se eles tivessem um controle sobre a gagueira, dizendo “eu sei quando vou gaguejar mas não consigo evitar”

Segundo Tassinari (2001), a linguagem é vista como um processo de produção de sentidos, marcada pela relação intersubjetiva, permitindo pensar na gagueira como um sintoma da linguagem, estando seus sentidos submetidos à discursividade. Em sua teoria, a gagueira não é abordada como uma patologia, mas como um sintoma do sujeito que, por vicissitudes idiossincráticas de sua constituição como desejante e falante, identifica-se o discurso pela marca da disfluência. Na clínica da linguagem, para trabalhar o sintoma, é preciso uma escuta que enfoca o funcionamento da linguagem, apreendendo as posições subjetivas que são articuladas no discurso do gago, sobre a gagueira e outras características próprias de seu jeito de estar no funcionamento da linguagem. Esse funcionamento só acontece na relação com o outro, consigo mesmo e com seu corpo.

De acordo com o método cartesiano, que concerne ao método fonoaudiológico clássico, que é espelhado pelo método da clínica médica tradicional, essas técnicas são constituídas de estratégias pra mudar as manifestações corporais do sintoma, como alterações na respiração, na postura corporal e dos órgãos fonoarticulatórios, na coordenação pneumofonoarticulatório e na precisão articulatória. No entanto, pode-se criar uma sequência de exercícios clínicos, como relaxamento, exercícios rítmicos, exercícios articulatórios, entre outros. Isso pode favorecer a ligação de novos meios motores na

produção da fala, indissociados da movimentação subjetiva da relação do sujeito com a linguagem.

Desvendar o mistério da origem da gagueira seduz vários pesquisadores de diferentes áreas. Ainda há quem considere que a gagueira seja associada a um excessivo grau de tensão muscular ou a carga excessiva de tensão muscular na musculatura oral ou respiratória. Apoiando esta teoria, Starkweather (1995) acredita que a gagueira ocorre quando níveis muito altos de atividade dos músculos realizam um movimento específico de fala. Para este autor, esta atividade é incorporada aos padrões semi-automáticos de movimentos de fala. Considera crucial o desenvolvimento do trabalho da propriocepção em que desenvolve uma boa percepção do corpo, contribuindo para a consciência corporal, identificando, analisando e modificando os diferentes movimentos associados que o sujeito gago realiza. É de grande importância desenvolver no gago a percepção de si próprio, de conscientizá-lo do que faz ao gaguejar. É necessário fazer o sujeito gago refletir e perceber o que acontece no momento em que gagueja, ajudá-lo a ter responsabilidade com suas atitudes e sentimentos, por lidar com sua gagueira e sua fluência, além de levá-lo à percepção dos seus limites e potencialidades.

Podemos observar essa rejeição e o medo de falar a partir do momento que temos o primeiro contato com o paciente que apresenta queixa de gagueira. Percebe-se que ele quer falar, mas devido ao medo da rejeição, cria artifícios para ocultar sua dificuldade, que chamamos de estratégias, o que muitas vezes ele não as vê como gagueira, mas como modo de conseguir fazer sua fala fluir. O medo à rejeição e as estratégias são pontos cruciais que devem ser trabalhados na terapia para a gagueira.

Sabemos que a sociedade é constituída de um “bem falar”, em que o indivíduo, por qualquer motivo, seja estigmatizado de mal falante, poderá não ser bem aceito. Considerando isso, Friedman (1994) acrescenta um aspecto, até então nunca discutido anteriormente por nenhum outro pesquisador, que é a ideologia do sujeito-gago, estigmatizado de falante. Existe, no entanto, uma ideologia do bem falar, que não permite que apesar desses ‘erros’ considerados constituintes da linguagem, serem ‘normais’.

A gagueira sempre apresentou e tem se apresentado como um grande desafio para a maioria dos fonoaudiólogos e dos outros profissionais que se propõem a lidar com o problema, pela dificuldade em se obter resultados. É comum encontrar profissionais com

várias dúvidas sobre os atendimentos, afirmando que não encontram uma abordagem terapêutica adequada às necessidades do sujeito-gago, fora aqueles profissionais que se negam a atender pacientes com gagueira.

Podemos observar que a maioria das abordagens expostas neste trabalho, a maneira como encaram a gagueira, é fruto de uma tradição positivista, excluindo o processo de manifestação do problema, separando o sujeito da sua história de vida, fragmentando a sua realidade e restringindo-a à sua manifestação externa. As terapias que são preparadas para trabalhar com foco nos sintomas visam à recuperação dos elementos prosódicos da fala por meio das técnicas de como fazer o paciente atingir a fluência, enfatizando a necessidade de controle, reforçando assim, a sua existência. Esses tipos de tratamentos não rompem com a produção da gagueira, porém, apenas o realimentam, impedindo o indivíduo de sair dele.

Azevedo (2000; 2006) se propôs a estudar a gagueira sob o ponto de vista linguístico-discursivo, que inclui, necessariamente, o sujeito e a linguagem, vendo a gagueira como um lugar de subjetivação discursiva. A autora construiu recortes discursivos de sessões terapêuticas, onde buscou compreender esta patologia a partir do funcionamento discursivo de sujeitos-gagos. Foram utilizados os construtos teóricos de duas áreas da Linguística: a Aquisição de Linguagem, através das formulações teóricas propostas pelos pesquisadores do Projeto Interacionista em Aquisição de Linguagem e a Análise de Discurso de linha francesa. A partir daí, foram feitas análises do discurso de mães de crianças intituladas gagas e de oito sujeitos gagos, durante o atendimento fonoaudiológico.

A autora procura definir a origem da gagueira, o lugar da gagueira e a oposição língua e fala. Inicialmente, concorda com Friedman (1986) ao afirmar que a gagueira é originada durante o processo de aquisição de fala, onde a criança busca o assemelhamento, o aperfeiçoamento ao outro, a autocorreção.

De acordo com Azevedo (2000), na fala do sujeito gago, o outro não tem a função de intérprete do discurso, e sim, de intérprete dele enquanto sujeito gago. Nesse caso, o outro não é alguém com quem o sujeito gago conversa, mas é aquele que aponta seus erros, fazendo com que ele lembre o tempo todo que é gago, o que é uma coisa que é prevista no outro, mas que não necessariamente existe.

Em relação à oposição fala e língua, a autora observou a existência de uma tensão natural entre ambas sempre que há um discurso. Dessa forma, para o sujeito gago, falar implica sempre na possibilidade de errar. Na análise dos discursos de pessoas gagas, realizada em seu trabalho, a autora percebe que é comum para um sujeito que se intitula gago acreditar em dificuldades articulatórias, dificuldades, por exemplo, em pronunciar um som com /p/, /f/, /m/. Então, se entende que esse discurso é baseado, muitas vezes, nas tentativas de substituição das palavras que se iniciam com esses sons ou em estratégias para dizer essas palavras sem gaguejar. Com isso, a preocupação do sujeito é voltada para a forma do discurso e não para o seu sentido.

Azevedo (2000) fez também algumas observações muito importantes em relação às atitudes dos sujeitos denominados gagos e de suas mães. Ela percebeu que, desde cedo, as mães remetem a fala da criança que gagueja à forma e não ao sentido. Além disso, os discursos dessas mães são silenciadores e, por este motivo, autoritários, onde, em alguns momentos, a mãe empresta sua voz à criança e fala por ela. Isto leva a criança a criar uma visão de si mesma como gaga e, principalmente, incapaz. A autora percebe que as estratégias citadas, que são utilizadas pelos sujeitos, na verdade, reafirmam a gagueira, na medida em que anunciam a falha desse sujeito. Há, portanto, uma previsão do erro.

De acordo com Chaves (2002), para um correto diagnóstico e uma terapia eficaz da gagueira é preciso que algumas questões sejam respondidas: o que o gago diz? O que não diz? Para quem diz? Por que diz? Como diz? Para a autora, estas perguntas são tão essenciais quanto as avaliações das habilidades articulatórias, análise dos bloqueios, verificação das tensões, respiração, quantificação da disfluência, dentre outros.

Segundo Ferriolli (2002), para falar do sujeito é preciso falar também de alteridade, ou seja, como o outro nos representa na relação dialógica. A autora relata ter iniciado um exercício de escuta em relação ao paciente que gagueja e sua família. Através desta nova atividade de intervenção, conseguiu perceber diante do discurso do sujeito e de sua família, que acabam por representá-lo desde o início de sua existência, como incapaz. A família se encontra em determinadas formações discursivas, em que o filho é falado como sendo inseguro, lento, mal falante, além de que estes adjetivos são utilizados tanto para falar com, para, ou pelo filho, fazendo com que este sujeito se constitua como disfluyente. A autora acredita que a qualidade da interação representa um papel fundamental na independência

discursiva da criança. Quando isto não acontece, o resultado é uma fala submissa à fala do outro; tendo como consequência que a criança pode apresentar dificuldades na sua comunicação ou problemas de linguagem.

Foi criado recentemente por estudiosos da área, que seguem uma linha mais positivista do distúrbio, uma ferramenta com a função de reduzir a gagueira para ajudar a melhorar a fluência. O SpeechEasy é usado de modo similar a um aparelho auditivo, sendo que, ao invés de amplificar o som, é usado um retorno auditivo alterado (Altered Auditory Feedback – AAF) para recriar e otimizar o efeito coro. Então, quando o sujeito fala enquanto usa um SpeechEasy, sua fala é digitalizada e retransmitida em sua orelha com um ligeiro atraso e modificação na frequência (tom). Em consequência, o cérebro percebe que está falando junto com outra pessoa. Esta percepção de “falar em conjunto” cria o “efeito coro”, assim reduzindo ou mesmo eliminando a gagueira.

No entanto, acreditamos que a terapia fonoaudiológica não deverá incidir apenas no sintoma, deverá considerar o processo de subjetivação em que o sintoma é apenas uma expressão.

Ferriolli (2002) relata que comunicar-se significa Ser, pois eu me reconheço a partir do outro. É na relação com o outro que está a essência do ser. Refletindo acerca da gagueira, é possível ver que é na relação com o outro que a disfluência surge e se mantém. É a partir da relação com a alteridade que a criança pode se constituir como gago.

Citando Tfouni (2000), aceitamos que a alteridade consiste em considerar que há sempre um “outro”, empírico e/ou imaginário que está presente em toda produção da linguagem, pois a relação com a alteridade, nunca casual, é determinada pelas forças imaginárias. A partir dessas formações imaginárias é que o sujeito estará se colocando enquanto locutor que fala de, e para, uma posição sujeito, na qual é determinada sócio-historicamente. É essa “posição sujeito” que determinará qual lugar eu falarei. Em relação ao sujeito gago ele se vê nesta posição, porque foi nela que se constituiu e a partir dela ele irá falar.

Na fala do sujeito-gago vemos que a forma como ele fala é a maneira como ele irá constituir-se como sujeito falante. Neste sentido, a família representará um papel fundamental para que o terapeuta compreenda quais formações ideológicas o sujeito é constituído e como o interdiscurso atravessará o discurso do sujeito.

Guarneri (2002) acredita que uma proposta terapêutica para a gagueira não está vinculada com exercícios corretivos: da fluência, da respiração, do tônus, da articulação. Para ela, sempre foi óbvio que o gago ao apresentar os momentos de fluência mostra a integridade do seu aparelho fonoarticulatório, não havendo assim, intervenções desta ordem, querendo consertar o que não está estragado. A autora revela que na literatura sobre a gagueira são encontradas propostas terapêuticas que atuam no controle dos movimentos do corpo. O sintoma é resumido à própria manifestação do discurso que precisa ser removido, contornado, e controlado pelos exercícios de coordenação corporal, respiratória e dos órgãos fonoarticulatórios.

A maioria das disciplinas opera com a noção de sujeito da ciência, implicando em ver o sintoma de uma forma diferente da psicanálise. Quando se pensa no consciente, o sintoma já está decifrado, porque se leva em conta o quadro típico do problema, grupo de comportamentos ou sinais que indicam a doença, independente do sujeito que a apresenta. O foco que impera é a doença, o distúrbio, mesmo levando em conta o sofrimento do sujeito. Quando na determinação dos sintomas é considerado o inconsciente, o que é priorizado é justamente o contrário. O sentido é particular e geralmente relacionado à história do sujeito. No sujeito gago, o único aspecto que se tem em comum é o aspecto em que a gagueira se manifesta. No resto, cada caso deve ser visto particularmente. A diferença é que o terapeuta não é mais o que sabe e o que tem respostas sobre o que causou a gagueira do paciente, a priori. O sentido do sintoma gagueira será construído no trabalho terapêutico a partir da escuta que o terapeuta faz da fala do paciente sobre si e sua queixa, ou seja, além do comportamento manifesto da gagueira que o faz sofrer no momento em que ele se vê em um lugar estigmatizado socialmente (GUARNERI, 2002).

A posição da maioria dos autores não é radicalmente limitada a uma abordagem em oposição a outras, a todas as linhas existem objeções, trata-se de uma questão de prioridades. Grande parte dos estudos tem em comum a ação de circunscrever a gagueira à manifestação externa, a sua aparência. O que é observado de imediato, ou seja, captado, faz com que essa representação que se tem da gagueira se transforme em conceito (Friedman, 1994).

Essa forma de enxergar a gagueira afasta ainda mais a subjetividade e o social, tornando-se incompreensíveis a esse isolamento. Apesar de tantas teorias, tantos

pesquisadores sobre o assunto, ainda se encontra um vazio quando se diz respeito à etiologia da gagueira. No entanto, essas teorias que ficam presas à causalidade da gagueira ou enxergando apenas a aparência externa sem considerar a história do seu desenvolvimento conduzem a resultados terapêuticos insatisfatórios.

A gagueira, vista apenas como sintoma aparente fica alienada da sua constituição, ou seja, da sua essência. Quando se separa a essência e a aparência, ela acaba sendo coisificada. As características manifestas da gagueira acabam assumindo um aspecto basicamente orgânico, que é independente do contexto sujeito e social.

O fato de o gago se reconhecer como diferente não o impede de se situar em um grupo nem de se comunicar. A gagueira é um tipo de comunicação que aparece como diferença nas relações, porém pode tornar-se crônica e recorrente dependendo da visão de normalidade/anormalidade dos interlocutores. Não é porque o sujeito gago às vezes “atrasa” a sua fala que o exclui do mundo dos que se comunicam e se relacionam. A diferença é inerente ao ser humano, que é singular e único.

Questões que antes eram concebidas como problema, dificuldade ou doença, hoje são vistas como uma enorme gama de possibilidades de se estar no mundo, redefinindo conceitos como os de erro, distúrbio e diferença. Um dos fatores na terapia da gagueira é rever esses aportes teóricos e suas próprias visões de mundo. É necessário que o sujeito compreenda suas diferenças como singularidade e particularidade.

Diante dos caminhos que foram expostos sobre a gagueira, observamos que essa área ainda carece de muitos estudos que contemplem a linguagem e o sujeito. O grande número de pesquisas nessa área contempla o enfoque positivista/organicista. No entanto, outros enfoques sobre o estudo da gagueira também aparecem, como o da Psicanálise e do Materialismo Histórico, representados por Cunha, Tassinari e Friedman, respectivamente, mostrando entender a gagueira e apresentando as possibilidades de tratamento para os sujeitos-gagos.

Sendo assim, procuramos discutir a gagueira a partir de uma perspectiva discursiva, fundamentada especialmente por Azevedo (2000; 2006), em que a autora propõe o lugar da gagueira diferente do que foi proposto até o momento, afirmando que a gagueira não está no sujeito nem no outro, mas nesse espaço intervalar – no discurso.

Para iniciar essa discussão, iremos refletir sobre a concepção de sujeito-fluente e sujeito-gago que a autora relaciona em sua tese de doutorado, apontando que a fluência é uma condição utópica, visto que ela é caracterizada pela sua negação. Segundo Scarpa (1995), todas as pessoas são gagas, já que a gagueira é constituinte do discurso. Todas as pessoas em suas falas apresentam prolongamentos, hesitações, interrupções, pausas, sem que isso nos incomode e interfira na nossa visão de sujeito falante. No entanto, a diferença consiste no momento em que percebemos essa disfluência, que é depois que ela acontece na fala. Esse momento muitas vezes passa até despercebido, ou então é logo corrigido, podendo ser encarado como uma falha ou não.

O sujeito-gago percebe a gagueira antes mesmo de ela acontecer, porque ele passa a prever seu 'erro'. E, quando acontece o momento de gagueira, o bloqueio, a hesitação, já não é mais nenhuma novidade. Assim, ele passa sempre a prever a sua gagueira, apontando uma lista de sons em que ele considera não conseguir falar (AZEVEDO; 2006)

Azevedo (2006) concluiu que investigar a linguagem humana não é algo fácil, especialmente quando se trata de uma linguagem com distúrbios, como é o caso do sujeito gago, que além de apresentar um distúrbio de linguagem, também carrega consigo preconceitos e discriminação social, que o fazem mais gago. A autora ainda afirma que não convém separar sujeito gago de sua linguagem, pois existe um sujeito que fala, um sujeito constituído na/pela linguagem e incluso em uma sociedade pautada por valores ideológicos, que interpelam os indivíduos enquanto sujeitos do seu dizer.

Scarpa (1995) acrescenta várias considerações em relação à gagueira, relatando que tanto a fluência como a disfluência apresentam relações entre o sujeito e a língua. Na tentativa de encontrar um conceito para a fluência, o autor conclui que esse conceito se dá pelo contrário, ou seja, a fluência se dá pelo contrário, pois não é um termo discutido, marcado, ideal, enquanto a disfluência é vista como um erro, um problema.

A fluência total é uma abstração, uma vez que a própria linguagem é constituída pela sua incompletude. A autora cita que 'Os discursos transitam por outros discursos e quem faz a fluência é o outro (ouvinte). O interlocutor recompõe as disfluências e imperfeições da fala' (*op.cit.*,p.176).

Segundo Azevedo (2000; 2006), a disfluência é o lugar da objetivação, o lugar onde a língua faz efeito, descobrindo regras. A disfluência é constituinte do sujeito e permanece até a idade adulta, uma vez que o conceito de fluência é ideal.

Como vimos, definir a fluência não é tarefa fácil. Bohnen (2000) e Brandi (1990), conceituam a fluência como uma sequência, sendo uma organização temporal dos fonemas inserida em uma realidade lingüística; pela duração, que é o tempo utilizado para a articulação do elemento fonético; pela velocidade, que consiste na rapidez com que os elementos fonéticos são articulados, considerando que o tempo de cada elemento fonético é variável e pelo ritmo, na forma da velocidade da fala, ou seja, a prosódia, a cadência, a duração dos elementos, além do esforço, sendo o trabalho mental e físico que um orador faz ao falar. Desta forma, fluência é uma situação ideal, uma vez que a condição discursiva é, por si só, caracterizada por imperfeições e falhas.

Merlo (2006, p.31) articula um novo conceito para fluência, “sendo uma habilidade linguística que resulta do acoplamento entre fatores que auxiliam a continuidade textual, como: hesitações, reformulações, pausas fluentes, taxa de elocução.”

A partir disso, todos nós somos disfluentes, podemos gaguejar frequentemente quando estamos nervosos ou inseguros, pois a própria língua nos conduz a esses deslizamentos da fala. É importante salientar que essa se trata de uma gagueira natural, inerente à linguagem do sujeito. No entanto, como podemos entender quando a gagueira é natural ou pode ser representada por um distúrbio?

Canguilhem (1996) expõe a relação entre normal e patológico, em que há apenas uma linha tênue entre as duas, onde há apenas diferenças de grau, a exageração, a desproporção e a desarmonia dos fenômenos normais. Diante disso, vemos que a diferença entre normal e patológico consiste na relação quantitativa, na qual é o excesso e a falta é que irá caracterizar o normal e o patológico.

A gagueira de desenvolvimento, que iremos apenas chamá-la de gagueira, pode ser compreendida como um distúrbio linguístico-discursivo, que é abordada por Azevedo (2000; 2006), em que são caracterizadas por bloqueios, repetições, prolongamentos. Há então, uma relação direta entre o sujeito que fala, o outro (ouvinte) e as situações em que ocorre a gagueira. A autora acrescenta que se não há ouvinte, ou esse ouvinte não é visto como alguém que julga sua fala, não haverá momentos de gagueira. No entanto, se ao

contrário, esse outro é visto como alguém que o julga como gago, haverá, então, os momentos de gagueira.

Ainda citando a autora, a gagueira é marcada pela previsão do erro e, com isso, o sujeito-gago tenta evitá-la ou adiá-la utilizando estratégias discursivas ou não-discursivas, que acabam confirmando-o como mais gago.

Além das discussões sobre a etiologia da gagueira, encontramos também diversas suposições sobre o lugar da gagueira. Em decorrência das visões adotadas, grande parte dos estudos a relacionam como uma doença que está no sujeito-gago, que a gagueira é dele, sendo vista como uma produção da fala, ou como um problema articulatorio ou respiratório.

A proposta terapêutica sugerida por Azevedo (2000; 2006), a que nos apoiamos e concordamos, caminha em direção diferente ao que foi exposto desde então, indicando que a gagueira não se encontra naquele que fala, nem no interlocutor, relacionando-se as condições de produção e ao espaço do discurso, sendo uma relação necessária com a exterioridade. Fundamento isso, encontramos uma citação de Orlandi:

A linguagem tem como condição a incompletude e seu espaço é intervalar. Intervalar nas duas dimensões: a dos interlocutores e a da sequência de segmentos. O sentido é intervalar. Não está em um interlocutor, não está no outro: está no espaço discursivo (intervalo) criado (constituído) pelos /nos dois interlocutores. (Orlandi, 1987, p. 160/161).

Azevedo (2006) esclarece que a perspectiva terapêutica linguístico-discursiva proporciona condições de trabalho que encaminhe o sujeito a um discurso mais fluido, com pouca ou nenhuma previsão de erro, mas que sempre haverá momentos de gagueira ou disfluência natural em sua linguagem, uma vez que ela é inerente ao sujeito e a sua linguagem.

A autora compreende a terapêutica com sujeitos-gagos não como um procedimento de estímulo-resposta gerador de controle de fala, mas como um processo, onde o sujeito tem que ser considerado a partir de sua história, de sua elaboração lingüístico-discursiva. O trabalho fonoaudiológico desta forma pretende levar o sujeito-gago a identificar e analisar a previsão do erro na sua fala, refletindo sobre questões acerca da gagueira, como a origem e o lugar.

Dentre as diversas atividades que podem ser utilizadas em uma sessão terapêutica, Azevedo(2006) evidencia o próprio discurso sobre gagueira. Leva-se sempre em consideração que o processo terapêutico deve privilegiar a escuta terapêutica.

Para a autora, a estrutura de uma terapia fonoaudiológica voltada ao paciente gago deve conter o que o sujeito traz sobre queixa, etiologia, sintomas e outros tópicos relacionados ao problema que apresenta. A perspectiva de análise permanece sendo o sujeito (gago) e não a gagueira de forma isolada.

Azevedo (2006) enxerga a escola e a família como elementos possíveis de atuação significativa no desenvolver da gagueira. Dessa forma, afirma que é importante atuar, preventivamente, junto a famílias e escolas de educação infantil, no sentido de discutir a aquisição de linguagem e compreender as hesitações e repetições iniciais que a criança apresenta como naturais e inerentes ao processo de aquisição de linguagem.

A autora evidencia ainda a necessidade dos profissionais da área da comunicação em esclarecer e pontuar certos aspectos como ressignificar a concepção de fluência, procurando compreender a disfluência e a hesitação como constituinte do sujeito e da sua linguagem, já que as expectativas da finalização do processo terapêutico têm relação com a noção de fluência/disfluência. A autora propõe que a gagueira seja afastada do rótulo de doença e, desta forma, passível de cura e passe a ser encarada como um distúrbio da linguagem.

Azevedo (2006) descreve que a alta terapêutica nunca deve ser oferecida unilateralmente pelo terapeuta, deve ser bem compreendida pelo paciente e bastante trabalhada no processo. Ela consiste em uma possibilidade de desvinculação do paciente com o processo terapêutico, que deve acontecer à medida que é alcançada uma satisfação com a sua linguagem, com o seu discurso e com a sua nova posição de sujeito-fluente. A partir daí, surge um novo sujeito, que não prevê o erro, não se preocupa com o ouvinte-censurador, não utiliza estratégias e não atropela a linguagem. Isto porque ele agora é um sujeito-fluente.

Pensar nesse sujeito como profissional da comunicação é pensar em uma proposta terapêutica que o tire deste lugar e o insira em outra situação social: a de sujeito-falante-fluente, um sujeito que não é marginalizado, não é discriminado e que considera a fluência como relativa, uma vez que não há fluência linear, pois as pessoas são disfluentes.

No objetivo de compreender a gagueira numa perspectiva discursiva, iremos, no próximo capítulo, utilizar apoios teóricos que se assentam sobre a linguagem, considerando o estudo da ideologia. Utilizaremos o pressuposto teórico da Análise do Discurso de linha francesa, na medida em que vemos a gagueira atravessada pela ideologia. Do mesmo modo, utilizaremos a concepção de sujeito da Psicanálise, para compreendermos a constituição do sujeito-gago, como discutiremos a seguir:

1.1.2 A constituição do Sujeito-gago e a Psicanálise

*“Ser os outros seria uma maravilha,
mas ela estava fadada a ser ela,
podia apenas desse modo aplaudir a sociedade da qual fora excluída.”*
(Virginia Woolf)

De acordo com o estudo das teorias psicanalíticas e linguística, observamos a participação do simbólico determinando a subjetividade da linguagem, a constituição do sujeito na/pela linguagem e a posição de interpretado à intérprete do seu discurso.

A concepção de sujeito da Análise do Discurso é apoiada pela Psicanálise, em que o sujeito não é consciente, não é único e nem tem domínio total da sua linguagem, não sendo responsável pela origem do que diz.

Para entender o percurso da concepção de sujeito, Azevedo (2006) salienta que é importante entender as fases em que passou a AD, que são relatadas por Pêcheux.

Na primeira fase da AD, Pêcheux (1997) afirma que o discurso se compõe a partir de um conjunto de enunciados que são idênticos e diferentes um do outro, sendo que o que está inserido em um discurso está excluído em outro. O sujeito é assujeitado por regras que atravessam a consciência do indivíduo.

Na segunda fase da AD, Foucault (1997) afirma que a formação discursiva é uma dispersão de enunciados, contrariando essas regras impostas pela primeira fase da AD. A concepção de sujeito é modificada a partir de que o autor traz a ideia de *sujeito-função*, na qual o sujeito cumpre diferentes funções na ordem discursiva.

A terceira fase é constituída pela noção de polifonia, que é muito bem fundamentada por Bakhtin e pela heterogeneidade que é marcada por Lacan e Foucault. Diante disso, é levado em consideração de que o Outro está sempre presente, confirmando a idéia do Interdiscurso, uma vez que ele faz parte da constituição do discurso. Em suma, o sujeito é visto e marcado pela ideologia, sendo um efeito e não uma causa.

O analista do discurso atua com a equivocidade e a heterogeneidade, surpreendendo um sentido que se constrói como evidência (sempre já aí), e ao mesmo tempo emergindo pontos de não- dito com o já dito, desestruturando o efeito de evidência. A A.D trabalha entre a homogeneidade imaginária e o equívoco; entre a estrutura e o acontecimento, tendo o real implicado no processo de constituição do sentido. A equivocidade e a heterogeneidade fazem parte da constituição do sentido. O discurso é visto como lugar da impossibilidade de um sentido deslocado do fato da fala, que é sempre equívoco. O discurso é tomado pelo discurso, buscando os traços da heterogeneidade que constitui. É preciso pensar no discurso sem uma fronteira designável, com a presença-ausência eficaz do outro no mesmo sentido (TEIXEIRA, 2005).

De acordo com Orlandi (1996), ao dizermos X deixamos de falar Y, pois o sujeito está o tempo todo recortando enunciados na sua memória discursiva (interdiscurso) que acabam aparecendo, não como significado de palavras que já foram ditas, mas como significantes que brincam num jogo polissêmico.

A intenção de Ferriolli é instaurar uma outra possibilidade discursiva dentro da fonoaudiologia no estudo da gagueira, realizando-se através da ressignificação do sujeito da/na linguagem e do papel da família, entendendo que fazem parte de um contexto histórico-discursivo da constituição não apenas do sujeito, mas da dinâmica do funcionamento discursivo, no contexto das representações entre os interlocutores.

Diante dessas considerações, questionamos, como foi levantado por Azevedo (2006) em sua tese de doutorado, quem é o sujeito-gago? Vimos que grande parte dos estudos sobre a gagueira, nos apresenta um indivíduo centrado, racional, em que é capaz de controlar sua fala. Esses sujeitos permanecem na posição de gago, ou melhor, na posição de gago sob controle, porém se vendo ainda como gagos. São sujeitos que preveem o erro, já estando certos da gagueira antes mesmo de falarem. Sabemos que todos nós gaguejamos, porém o sujeito-gago fica preso a essa crença de sua incapacidade de falar.

Levando em conta os fundamentos teóricos da AD, em que o sujeito-gago é visto dentro de uma formação social, formação ideológica e formação discursiva, Azevedo (2006) vê que o sujeito-gago ocupa uma função-sujeito em uma formação social, visando ao normal/patológico, em que qualquer deslize na sua fala é visto pela sociedade como patologicamente anormal. É nesse momento que o sujeito-gago é discriminado e marginalizado pela sociedade, pois a forma como ele fala não é aceita. É nessa posição, em que ele se vê no outro, que ele se torna ainda mais gago. Podemos concluir assim, que o sujeito-gago é formado e é fruto da sua relação com o dizer e com o seu interlocutor, em que irá influenciar o lugar de onde ele fala, a sua posição e visão de falante perante a sociedade, posição de discurso dentro de uma sociedade hierarquizada e discriminadora. Ao pensar que o seu ouvinte está julgando a sua fala e o julgando como gago, o sujeito-gago recusando-se a ser visto como tal, acaba gaguejando ainda mais e reforçando a sua imagem patológica, sendo muitas vezes visto pela sociedade como ‘doente’.

Sendo assim, enfatizaremos questões que nos interessam na compreensão desse objeto de estudo, privilegiando as concepções de linguagem, discurso, sujeito e condições de produção do discurso, como abordaremos a seguir:

1.2. A análise de Discurso de Linha Francesa

“Os poetas sempre souberam da rebeldia da palavra, de sua ‘resistência’ em colocar-se sob o domínio daquele que a utiliza: ela diz mais ou diz menos, diz outra coisa; ela não cessa de produzir sentidos através do tempo, sentidos esses nunca acabados, jamais detidos.”

(Marlene Teixeira)

Neste capítulo, pretendemos falar sobre a Análise do Discurso de linha francesa (AD), relatando brevemente sobre sua origem histórica e destacando alguns conceitos que serão relevantes nesse trabalho. Desta forma, procuramos fundamentar também, nossas reflexões na Psicanálise lacaniana, sustentando a discussão e a análise realizada.

O interesse em abordar a proposta desenvolvida pela Análise de Discurso de linha francesa (AD) ocorre por várias razões: em primeiro lugar, porque a AD acessa uma Linguística tocada pela ideologia, o que permite problematizar a noção de normal/patológico que atravessa a constituição do sujeito gago e o discurso fonoaudiológico (AZEVEDO e FREIRE, 2001). Em segundo lugar, por privilegiar a noção de discurso em contraposição ao reducionismo da noção de fala. Em terceiro lugar, porque a AD de linha francesa compartilha uma visão psicanalítica do sujeito, o que se considera importante, visto que há o interesse por estudar a constituição do sujeito gago. Os conceitos de formações ideológicas, imaginárias, discursivas, a idéia de silenciamento e outras, serão tematizadas a seguir pela sua validade e papel na discussão que se pretende desenvolver sobre a gagueira.

A Análise de Discurso é, segundo Orlandi (1987), uma des-disciplina, uma vez que é articulada no entremeio de três regiões do conhecimento científico: o Materialismo Histórico, a Linguística e a Psicanálise. A Análise de Discurso interroga as três regiões pelo que não consideram. Desta forma, questiona a Linguística, por deixar de lado a historicidade, o Marxismo, por não considerar o simbólico e a Psicanálise, por não compreender a ideologia absorvida pelo inconsciente. É importante salientar que a Análise

de Discurso origina-se da Linguística, mas, por estar filiada a outras regiões do conhecimento, dela se afasta. Apesar disto, pressupõe a Linguística, na medida em que compreende a língua como um sistema significante.

Segundo Orlandi (2000), não podemos não estar sujeitos à linguística, a seus equívocos, sua opacidade. Não existe neutralidade nem no uso mais cotidiano do símbolo. Para a autora, discurso é movimento dos sentidos, lugares provisórios de junção e dispersão, de unidade e de diversidade, de indistinção, incerteza, de hábitos, de ancoragem e de vestígios.

A AD, como seu próprio nome indica, trata do discurso. Esta palavra, sendo etimologicamente analisada, traz a ideia de curso, de percurso, de movimento. O discurso é entendido como a palavra em movimento. A AD serve de mediação entre o homem e a realidade natural e social. Essa mediação é o que chamamos de discurso, que torna possível tanto o deslocamento quanto a permanência e a transformação do homem e da realidade em que ele vive. A AD não trabalha a língua como um sistema abstrato, mas com a língua no mundo, considerando a produção de sentidos fazendo parte de suas vidas.

A AD considera o homem na sua história, considera os processos e as condições de produção da linguagem, pela relação estabelecida da língua com os sujeitos que a falam e as situações em que produz o dizer.

A materialidade específica da ideologia é o discurso, e a materialidade do discurso é a língua, que constitui a relação língua – discurso – ideologia. Complementando a isso, Pêcheux (1975) afirma que não há discurso sem sujeito, como não há sujeito sem ideologia: o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia e é assim que a língua faz sentido.

Na AD não se separam forma e conteúdo, não compreendendo a língua, não só como uma estrutura, mas como um acontecimento. A contribuição da psicanálise aparece com o deslocamento da noção de homem para a de sujeito, que por sua vez, constitui-se na relação com o simbólico, na história.

O sujeito discursivo funciona pelo inconsciente e pela ideologia, pois ele é descentrado e afetado pelo real da história, não podendo controlar o modo como ela os afetam.

Para a AD, não se trata apenas de transmissão de informação, nem apresenta essa linearidade nos elementos da comunicação, como se a mensagem fosse um processo

serializado. Alguém fala, refere alguma coisa, o receptor capta a mensagem, decodificando-a. Na verdade, a língua não é apenas um código, não existe essa separação entre emissor e receptor, muito menos atuando em uma sequência em que primeiro um fala e depois o outro decodifica. Eles realizam ao mesmo tempo o processo de significação, não estando separados de forma estanque. Sendo assim, o que se tem é um complexo processo de constituição dos sujeitos e de produção de sentidos e não apenas transmissão de informações (ORLANDI, 2000).

Na perspectiva discursiva, a linguagem é linguagem porque faz sentido. E ela só faz sentido porque se inscreve na história. Para trabalhar o sentido, a AD reúne três regiões: a teoria da sintaxe e da enunciação; a teoria da ideologia e a teoria do discurso que é a determinação histórica dos processos de significação. Tudo isso é atravessado por uma teoria do sujeito da natureza psicanalítica. Ela não se limita na interpretação, trabalha seus limites, seus mecanismos como parte do processo de significação. Também não está em busca do sentido verdadeiro através de uma chave de interpretação, pois não há esta chave, há método e a construção de um dispositivo teórico. A AD procura compreender como um objeto simbólico produz sentidos, como ele está investido de significância para e por sujeitos. Essa compreensão explicita como o texto organiza os gestos de interpretação que relacionam sujeito e sentido (ORLANDI, 2000).

O conceito de discurso é elaborado exatamente como meio de contemplar a articulação entre o objeto língua e os processos ideológicos de constituição de sentido. Seguindo a perspectiva de Pêcheux, é no discurso que as formações sócio-históricas e inconscientes deixam marcas na linguagem. A intenção da semântica do discurso é explorar esses efeitos de sentido pela reconstrução dos processos discursivos nos quais são expressos. Todo discurso completo, para a AD, é determinado pelas formações ideológicas que relacionam as formações discursivas que são definidas pela autonomia relativa da língua (HENRY, 1990).

De qualquer maneira, Pêcheux ainda atesta a fidelidade à perspectiva de Saussure, quando ele concebe o sentido como um padrão de substituição entre os elementos pré-dados de um discurso, ou seja, quando afirma que o sentido das expressões variam de acordo com a posição mantida por aqueles que o enunciam (TEIXEIRA, 2005).

A língua é sujeita ao equívoco e a ideologia é constituída de um ritual com falhas que, ao significar, o sujeito se significa. É devido a isso, que nos referimos que a incompletude é a condição da linguagem. Nem os sujeitos nem os sentidos, logo, nem o discurso já estão prontos e acabados. Os discursos estão sempre se construindo, em um trabalho contínuo. Por isso dizemos que os sentidos e os sujeitos sempre podem ser outros.

Um fator importante na constituição do sentido para Pêcheux é a historicidade. Por esse motivo, a autonomia da língua não é vista como na linguística, como absoluta. Se o sentido não é previamente dado, ele também não pode ter qualquer um, pois há a interferência da historicidade do sujeito. A preocupação não é compreender a história como uma sucessão de fatos com sentidos já fixados, datados, para construir o sentido dos discursos. Ele não prevê a historicidade *no* discurso, mas a historicidade *do* discurso, compreendendo como a materialidade linguístico-discursiva produz sentidos.

Um ponto importante na historicidade para Pêcheux, segundo Teixeira (2005), é a relação com a formação discursiva, e conseqüentemente com a ideologia. Outro ponto que tem a ver, segundo a autora, com a historicidade para Pêcheux, é o interdiscurso que é intrincado no complexo das formações discursivas, e o pré-construído, elemento constitutivo do interdiscurso que coloca a realidade como forma de evidência.

Ainda que a noção de discurso se apoie na língua, com objeto, o discurso é tomado pela falta. Ele é caracterizado por uma incompletude, mas não uma incompletude conjuntural, em que essas faltas esperaram ser preenchidas, mas por uma incompletude fundante. O sentido se institui no lugar de encontro do sujeito, da língua e da história.

A Análise de Discurso (AD) toma por base o discurso como acontecimento, enquanto "efeito de sentidos entre locutores" (PÊCHEUX, 1990) e propõe a noção de funcionamento, ou seja, a relação existente entre condições materiais de base - a língua - e processo - o discurso. Orlandi (1987) considera a paráfrase e a polissemia como os dois grandes processos da linguagem. É importante ressaltar que o funcionamento não é unicamente linguístico, já que as condições de produção (situação dos protagonistas) são o conceito básico para a AD, uma vez que constituem e caracterizam o discurso, sendo seu objeto de análise.

Ao pensarmos discursivamente a linguagem, é difícil traçar limites entre o mesmo e o diferente. O funcionamento da linguagem se assenta na relação entre processos

parafrásticos e processos polissêmicos. Os parafrásticos são aqueles pelos quais em todo dizer existe algo que sempre se mantem, isto é, a memória. Já a paráfrase representa o retorno aos mesmos espaços do dizer, estando do lado da estabilização. Essas duas forças atuam continuamente o dizer, de tal maneira que todo discurso se faz nessa relação: entre o mesmo e o diferente. É nesse jogo entre paráfrase e polissemia, entre o já-dito e o a se dizer que os sujeitos e os sentidos se movimentam, traçando seus percursos, significando-se.

Orlandi (2000) afirma que a paráfrase é a matriz do sentido, justificando que não há sentido sem repetição, sem sustentação no saber discursivo. Refere que a polissemia é fonte da linguagem uma vez que ela é a própria condição de existência dos discursos, pois se os sentidos e os sujeitos não fossem múltiplos, não pudessem ser outros, não haveria necessidade de dizer.

As condições de produção, que constituem os discursos funcionam de acordo com alguns fatores, entre eles o que chamamos relação de sentidos. Segundo esse fator, não há discurso que não se relacione com outro, ou seja, os sentidos são resultados de relações; um discurso aponta para outros que os sustentam, assim como para dizeres futuros. Sendo assim, não há, desse modo, começo absoluto nem ponto final para ele. Um dizer sempre terá ligação com outros dizeres realizados, imaginados ou possíveis.

Segundo o mecanismo da antecipação, o sujeito tem a capacidade de experimentar, ou seja, de colocar-se no lugar em que o seu interlocutor ouve suas palavras. Sendo assim, ele antecipa-se ao seu interlocutor quanto ao sentido que suas palavras produzem.

As condições de produção são formações imaginárias, nas quais designa o lugar que o emissor e o destinatário se atribuem, cada um a si mesmo e ao outro, onde se apresentam:

a *relação de forças* (os lugares sociais dos interlocutores e sua posição relativa no discurso), a *relação de sentido* (o coro de vozes, a intertextualidade, a relação que existe entre um discurso e os outros), a *antecipação* (a maneira como o locutor representa as representações do seu interlocutor e vice-versa) (ORLANDI, 1987 p. 158, grifo meu).

Na relação de forças, podemos dizer que o lugar do qual o sujeito fala é constitutivo do que ele diz. Se o sujeito fala a partir do lugar de professor, suas palavras ganham um significado diferente do que se ele falasse do lugar do aluno. Visto que nossa sociedade é constituída por relações hierarquizadas, são relações de forças apoiadas no poder desses

diferentes lugares que influenciam na enunciação. A fala do professor vale mais do que a do aluno (ORLANDI, 1987).

É interessante ressaltar que todos esses mecanismos de funcionamento do discurso repousam no que chamamos formações imaginárias, entendendo que não são os sujeitos físicos nem os seus lugares empíricos, ou seja, como eles se encontram inscritos na sociedade que funcionam no discurso, mas suas imagens que resultam de projeções.

Diz ainda Orlandi (*op cit*) que a sociedade é hierarquizada, logo, se o sujeito fala do lugar de professor, por exemplo, seu dizer vale mais do que o de um aluno. A relação de sentido deriva do fato de que não existe um discurso único, inédito. Todo discurso tem relação com outros discursos já ditos ou imaginados. Explicitando a noção de antecipação, presente nas formações imaginárias, e que se pretende relacionar à gagueira, Orlandi (1987) acrescenta:

Pela antecipação, o locutor experimenta o lugar de seu ouvinte, a partir de seu próprio lugar (é a maneira como o locutor representa as representações de seu interlocutor e vice-versa... a antecipação do que o outro vai pensar é constitutiva do discurso, no nível das formações imaginárias (ORLANDI, 1987 p. 126).

O sujeito falará de uma forma ou de outra, dependendo do efeito que poderá produzir em seu ouvinte (ORLANDI, 2000).

Na antecipação se inclui a imagem que o locutor faz da imagem que seu interlocutor faz dele, a imagem que o interlocutor faz da imagem que ele faz do objeto e assim por diante. Orlandi (2000) relaciona a um jogo de xadrez, em que é o melhor orador aquele que consegue antecipar o maior número de jogadas, ou seja, aquele que mobiliza melhor o jogo de imagens na constituição dos sujeitos, esperando-os onde estão, com as palavras que eles querem ouvir.

O imaginário faz fundamentalmente parte do funcionamento da linguagem. Ele não surge do nada; ele assenta-se na maneira como as relações sociais são inscritas na história e são regidas por uma sociedade como a nossa por relações de poder. O sentido do que é dito não brota do nada. É preciso referi-lo às condições de produção, estabelecer as relações que ele mantém com sua memória e direcioná-lo a uma formação discursiva, e não outra, para compreendermos o processo discursivo que ele indica (ORLANDI, 2000).

As formações ideológicas e as formações discursivas passam a ser vistas como parte constituinte do sentido, sem que a língua como realidade autônoma desapareça, cedendo espaço ao materialismo histórico. A ancoragem em Saussure mantém-se assinalada, pois a dicotomia língua/fala não é diluída, mas se constitui numa região intervalar (TEIXEIRA, 2005).

A formação discursiva apresenta-se como um sistema de relações entre as enunciações, conceitos, ideias, e se caracterizam em sua singularidade, possibilitando a passagem de um discurso disperso para um discurso regular. O discurso pode ser definido como um conjunto de enunciações que se encaixam em uma mesma formação discursiva, ou seja, é um conjunto de enunciados que tem suas regularidades em uma mesma formação discursiva (FOUCAULT, 1969).

Para Pêcheux, *'o sentido não existe em si mesmo, ou seja, na sua realidade transparente com a materialidade do significante'*. O sentido é determinado pelas posições ideológicas que fazem parte do processo sócio-histórico em que o enunciado foi produzido ou reproduzido. Refere ainda que toda formação discursiva (FD) dissimula pela transparência do sentido que se constitui, sua dependência em relação as formações imaginárias (FI). Sendo que, o que se fala antes, em outro lugar e independentemente, sob a dominação das FI, não é visível imediatamente no que é dito (TEIXEIRA, 2005, p.41). Podemos notar, então, que a semântica discursiva de Pêcheux, a qual questiona a homogeneidade do sujeito falante, questiona também a transparência e a linearidade do sentido.

As Condições de Produção (CP) para Pêcheux (1975) compete no fato de que ele vê que os protagonistas do discurso não estão relacionados à presença física do indivíduo, mas na representação do lugar determinado na estrutura de uma formação social, onde cada um tem o seu lugar marcado por propriedades diferenciais. As relações entre esses lugares no discurso, definidos, são representadas por uma série de 'formações imaginárias' que determinam o lugar que o destinador e destinatário atribuem a si mesmo e ao outro, a imagem que eles fazem de seu próprio lugar e o do lugar do outro. Dessa maneira, em todo o processo discursivo, o emissor pode antecipar as reações do receptor e de acordo com essa antecipação do 'imaginário' do outro, realizar estratégias de discurso.

As condições de produção se relacionam com as circunstâncias da enunciação – o conteúdo imediato. Se consideramos em sentido amplo as condições de produção (CP) incluem o conteúdo sócio-histórico, ideológico. A memória é tratada como interdiscurso, que é definido como aquele que fala antes. O interdiscurso é o conjunto de formulações feitas que são esquecidas e determinam o que dizemos. Para que o que eu digo tenha sentido é necessário que ele já faça sentido. E isto é feito do interdiscurso: é preciso que o que já foi dito, em um momento particular, seja esquecido, para que, passando para o “anonimato” possa fazer sentido em minhas palavras. Segundo Courtine (1984), no interdiscurso fala uma voz sem nome. Quando falamos, nos filiamos a redes de sentidos, no entanto não aprendemos como fazê-lo, ficando a critério da ideologia e do inconsciente.

De acordo com Orlandi (2000, p. 40), “as condições de produção implicam o que é material (a língua sujeita a equívoco e a historicidade), o que é institucional (a formação social, em sua ordem) e o mecanismo imaginário”. Esse mecanismo determina imagens dos sujeitos, assim como do objeto do discurso dentro da conjuntura sócio-histórica. É a partir disso que formamos a imagem da posição sujeito locutor (quem sou eu para lhe falar assim?), mas também na posição sujeito interlocutor (quem é ele para me falar assim; para que eu lhe fale assim?) como também a do objeto do discurso (do que estou lhe falando, do que ele me fala?) e é assim que consiste todo um jogo imaginário que preside a troca de palavras.

Teixeira (2005) entende o interdiscurso como um rastro de memória, sem ser visível na sequencia linguística, constitui também o sentido do discurso, fruto de enunciações passadas é desestratificada pelos pontos de impossível finalizam com a homogeneidade do simbólico.

O interdiscurso fornece dizeres determinando pelo já-dito aquilo que constitui uma formação discursiva em relação a outra. Os sentidos não são predeterminados pelas propriedades da língua, dependem de relações constituídas nas/pelas formações discursivas. Contudo é necessário não pensar as formações discursivas como blocos homogêneos que funcionam automaticamente. Elas se formam pela contradição, são heterogêneas nelas mesmas e suas fronteiras são fluidas, reconfigurando-se em suas relações (ORLANDI; 2000).

O discurso é formado por outros dizeres, em muitas outras vozes, no jogo da língua que vai se historicizando aqui e ali, mas sempre marcada pela ideologia que atinge os sujeitos apesar das suas vontades. O dizer não é propriedade particular. As palavras não são só nossas; elas constroem seus significados pela história e pela língua. O que é dito em outro lugar também tem significado nas nossas palavras. O sujeito diz, pensa que sabe o que diz, mas ele não tem acesso nem controle sobre o modo que os sentidos se constituem nele. O fato que existe um já dito, sustentando a possibilidade de tudo dizer, é imprescindível para compreender o funcionamento do discurso, a sua relação com os sujeitos e com a ideologia. Observar o interdiscurso nos permite a uma memória e a identificá-lo em sua historicidade, em sua significância, mostrando os compromissos ideológicos. Sendo assim, deduz-se que há uma relação entre o já dito e o que se está dizendo que é o que faz parte do interdiscurso e o intradiscurso (ORLANDI, 2000).

Na ideologia do falar bem, o ouvinte é visto para o sujeito-gago como aquele que o interpreta, do lugar do gago. O outro é visto na posição discursiva como representante de uma forma ideal de fala, que ao invés de dar sentido ao que é dito pelo gago fiscaliza o seu dizer. Essa é uma visão que ele antecipa do outro enquanto FI, mas que pode ou não fazer parte do outro como uma FD.

A ideologia se concretiza no discurso, e ao analisarmos a sua relação com ele, iremos considerar dois conceitos: o de formação ideológica (FI) e o de formação discursiva (FD). Exposta por Foucault (1969), a noção de FD desempenha na AD um lugar essencial na articulação entre língua e discurso. Um dos funcionamentos da FD é o que chamamos de paráfrase, que é um espaço em que os enunciados são retomados e reformulados na tentativa de fechamentos de suas fronteiras, na busca da preservação de sua identidade. Outro fator constituinte relatado por Orlandi (1984) é o da Polissemia, que age contrariamente à paráfrase, rompendo as fronteiras que ela constitui. Ou seja, a polissemia rompe os limites entre diversas formações discursivas, instalando as pluralidades e a multiplicidade de sentidos. Isso nos leva a considerar que uma FD não é ‘uma única linguagem para todos’, mas que em uma FD o que se tem é ‘várias linguagens em uma única’ (BRANDÃO, 2004).

Podemos entender as formações discursivas de acordo com a citação de Foucault (1997):

(...) a análise das formações discursivas se opõe a muitas descrições habituais. Na verdade, temos o costume de considerar que os discursos e sua ordenação sistemática não são mais que o estado final, o resultado em última instância de uma elaboração, há muito tempo sinuosa, em que estão em jogo a língua e o pensamento, a experiência empírica e as categorias, o vivido e as necessidades ideais, a contingência dos acontecimentos e o jogo das coações formais. Atrás da fachada visível do sistema, supomos a rica incerteza da desordem; e sob a fina superfície do discurso, toda a massa de um devir em parte silencioso: um “presistemático”, que não é da ordem do sistema; um “pré-discursivo” que se apóia em um essencial mutismo. Discurso e sistema só se produziram – e conjuntamente – na crista dessa imensa reserva. Ora, o que se analisa aqui não são, certamente, os estados terminais do discurso, mas sim os sistemas que tornam possíveis as formas sistemáticas últimas; são as *regularidades pré-terminais* em relação às quais o estado final, longe de constituir o lugar de nascimento do sistema, se define, antes, por suas variantes. Atrás do sistema acabado, o que a análise das formações descobre não é a própria vida em efervescência, a vida ainda não capturada; mas sim uma espessura imensa de sistematicidades, um conjunto cerrado de relações múltiplas. Além disso, essas relações, por mais que se esforcem para não serem a própria trama do texto, não são, por natureza, estranhas ao discurso. Pode-se mesmo qualificá-las de “pré-discursivas”, mas com a condição de que se admita que esse pré-discursivo pertence, ainda, ao discursivo, isto é, que elas não especificam um pensamento, uma consciência ou um conjunto de representações que seriam, mais tarde, e de uma forma jamais inteiramente necessária, transcritas em um discurso, mas que caracterizam certos níveis do discurso, definem regras que ele atualiza enquanto prática singular. Não procuramos, pois, passar do texto ao pensamento, da conversa ao silêncio, do exterior ao interior, da dispersão espacial ao puro recolhimento do instante, da multiplicidade superficial à unidade profunda. Permanecemos na dimensão do discurso (FOUCAULT, 1997, p. 84/85).

A formação discursiva media, de um lado, as condições de produção e o funcionamento discursivo e, de outro, a formação ideológica. A formação discursiva é, então, "o lugar do sentido, lugar da metáfora, é função da interpretação, espaço da ideologia" (ORLANDI, 1987 p. 21). Na concepção da AD, todo discurso tem sujeito e todo sujeito tem ideologia, tomando por ideologia "o efeito da relação do sujeito com a língua e história para que se signifique" (op.cit. p. 48). A ideologia é inconsciente e materializada no discurso. O discurso é, portanto, o lugar de confronto entre língua e ideologia. A autora afirma, então, que a ideologia:

não se apresenta como ocultação (ou dissimulação) mas como transposição (simulação) de sentidos em outros pela relação necessária com o imaginário, que atravessa a relação linguagem/mundo, determinado pela história num dado estado da formação social. Ou dito de outra forma, trata-se do necessário

apagamento, para o sujeito, de seu movimento de interpretação, na sua ilusão de dar sentido: a produção do efeito de evidência (ORLANDI, 1987 p. 296).

A ideologia organiza-se como uma representação das idéias e valores, das normas ou regras, que indicam e prescrevem uma sociedade; o que ela deve valorizar, deve pensar, o que devem sentir, o que devem fazer e como devem fazer (CHAUÍ, 1980) A ideologia se materializa nos atos concretos, assumindo com essa objetivação um caráter moldador das ações. O sujeito se insere a si mesmo e a suas ações, em práticas reguladas pelos aparelhos ideológicos, o discurso pertence à ideologia. A ideologia é inconsciente e materializada no discurso, e é nele que há o confronto entre língua e ideologia (BRANDÃO, 2004).

A noção de metáfora é indispensável na análise do discurso. Para Lacan (1996), a metáfora é definida como a tomada de uma palavra por outra; na AD ela significa “transferência”, estabelecendo a maneira como as palavras significam. De antemão, não há sentido sem metáfora, pois as palavras não têm um sentido próprio, estão presas a sua literalidade. De acordo com Pêcheux (1975), o sentido existe exclusivamente nas relações de metáfora das quais uma FD vem a ser o lugar mais ou menos provisório. É na formação discursiva que podemos entender os diferentes sentidos. Palavras iguais podem apresentar significados diferentes porque se inscrevem em formações discursivas diferentes. A ideologia além de fazer parte é a condição para a constituição do sujeito e dos sentidos. O indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia para que se produza o dizer, considerando que a ideologia e o inconsciente são estruturas-funcionamentos. No entanto, a evidência do sujeito de que somos sempre já sujeitos, apaga o fato de que o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia. Essas evidências dão aos sujeitos a realidade como sistema de significações percebíveis, que são chamadas de “esquecimento”. Sendo assim, a ideologia não é ocultação, mas função da relação entre linguagem e mundo que se refletem no sentido da refração, do efeito imaginário um sobre o outro.

Orlandi (1987) considera que os sentidos (relações do sujeito com a história) são abertos e não evidentes, embora tenham a aparência de evidência, além de que são necessariamente discursivos, sempre sujeitos à interpretação. Esta, por sua vez, é "o vestígio do possível. É o lugar próprio da ideologia e é materializada pela história. O gesto da interpretação se dá porque o espaço simbólico é marcado pela incompletude, pela relação com o silêncio" (op.cit. p. 18). A AD compreende sujeito e sentido, constituindo-se

ao mesmo tempo. Ambos não são transparentes e devem ser observados a partir de sua materialidade.

A AD analisa discursos institucionalmente marcados: jurídico, político, religioso, pedagógico. O discurso que opera numa certa clínica pode ser configurado como institucionalmente marcado, uma vez que esta trabalha com os conceitos de normal e patológico, tendo como objetivo a normalização do diferente. Estas questões, pertinentes a Fonoaudiologia interessam à Linguística, especialmente porque farão avançar o estudo de eventos discursivos concretos, não se configurando como uma análise exaustiva, mas trabalhando com dados extraídos de um *corpus* com uma considerável extensão (cf. metodologia). Passa-se agora a estudar a gagueira, com o olhar fonoaudiológico centrado no discursivo.

Existe um outro conceito que é importante no discurso do sujeito-gago que é o *silenciamento*. Orlandi (1993, p. 31) interessa-se pela política do silêncio, que, no discurso, aparece como “tomar a palavra, tirar a palavra, obrigar a dizer, fazer calar, silenciar, etc”. O silenciamento significa que, ao dizer, o sujeito não diz, ou diz outros sentidos, “como um efeito de discurso que instala o antiimplícito: se diz x para não (deixar) dizer y, este sendo o sentido a se descartar do dito” (op.cit. p. 76). O dizer é interdito e, quando isto acontece, constituem-se discursos autoritários, onde não há reversibilidade. Podemos acrescentar a noção de *migração de sentidos*, com seu efeito de movimento, de deslocamento de posição. Sempre que há censura, há migração de sentidos para outros objetos simbólicos, que significarão o que não pôde ser dito.

Orlandi (1987 p.125) introduz a noção básica de funcionamento da linguagem, considerando que a autonomia da linguagem é relativa, uma vez que dela tomam parte as condições de produção. A relação entre o linguístico e o discursivo é a relação existente entre condições materiais de base (língua) e processo (discurso), ou seja, funcionamento. Sendo assim, a língua é condição de possibilidade discursiva. Funcionamento discursivo é, pois, “a atividade estruturante de um discurso determinado por um falante determinado, para um locutor determinado, com finalidades específicas”.

Existem duas questões relacionadas aos *esquecimentos* constituintes do sujeito, que nos é apontado por Pêcheux (1988). Em primeiro lugar, o sujeito tem a ilusão de que é a origem do seu dizer. Apesar dos processos discursivos serem realizados pelos sujeitos,

porém não tem a sua origem nele. Ao falar os sujeitos se dividem: a sua fala também é a fala dos outros (ORLANDI, 1993). O sujeito ainda tem a ilusão de que o que ele diz tem um sentido único, a impressão de que aquilo que ele diz, só pode ser aquilo.

Passamos a buscar, então, uma visão de linguagem que não está mais centrada na língua, como um sistema ideologicamente neutro, mas em um aspecto fora do que corresponde à dicotomia saussuriana. Procuramos enxergar a linguagem não apenas como códigos de signos que tem a função de comunicar, mas na linguagem como o discurso, uma fonte de interação e que procura articular a história, o sujeito e a sua prática social.

Como os sujeitos são imersos na sociedade, eles são representados pelos seus interlocutores, sendo que a interpretação é mediada pela representação que fazemos de nosso interlocutor. Sendo assim, para o Pêcheux (1988) saber que o outro pode ver-me influencia na minha condição. E esse ‘ver-me’, sem dúvida, não está só ligado no aspecto visual, mas nas outras formas de se perceber no outro.

Para Brandão (2004), a linguagem é um lugar de conflito, de confronto ideológico que não pode ser estudada fora da sociedade, pois os processos que a constituem são históricos-sociais, e seu estudo não pode estar desvinculado das suas condições de produção. E, com essa visão, assume na década de 60, a análise do discurso (AD). Dessa forma, a linguagem torna-se um fenômeno que passa a ser estudado não só em seus aspectos internos, enquanto formação lingüística, mas incorpora aspectos como a ideologia seguindo as ideias de Althusser, que nomeará de “formação ideológica” e o discurso, que será representado pelas ideias de Foucault, que usará a expressão ‘formação discursiva’ (FD), da qual a AD irá se apropriar.

Tentando encontrar um conceito de discurso, Pêcheux o faz realizando um corte por Saussure em que há o deslocamento do interesse da lingüística para a língua como sistema, oposta à fala. Segundo Teixeira (2005), apoiando-se no objeto língua e relacionando-a no sentido Saussuriano, o conceito de fala é discutido como uma atividade individual. Para Pêcheux, o discurso é concebido como uma reformulação da fala. Isso é evidenciado quando realiza um questionamento sobre o sujeito intencional, fonte individual de um sentido que lhe é transparente, sendo a língua considerada como um fundo invariante.

A prática discursiva consiste em considerar o que é dito em um discurso e o que é dito em outro, o que é dito de um modo e o que é dito de outro, tentando escutar o não-dito naquilo que é dito, como uma presença de uma ausência necessária.

Na verdade, embora os sentidos se realizem em nós, eles apenas se representam como originando-se em nós; eles são determinados pela maneira como nos inscrevemos na língua e na história e é devido a isto que se significam e não pela nossa vontade. Os discursos já estão em processo desde quando nascemos e nós é que entramos nesse processo. Eles não são originados em nós. Porém, isso não significa que não exista singularidade na maneira como somos afetados pela língua e pela história. No entanto, não somos o início delas.

Os sujeitos “esquecem” que já foi dito, e este não é um esquecimento voluntário para que, ao se identificarem com o que dizem, sejam constituídos em sujeitos. É a partir disso que suas palavras adquirem sentido, retomando palavras já existentes como se elas se originassem neles e é assim que sentidos e sujeitos estão sempre em movimento produzindo significados de variadas maneiras. Sempre as mesmas, mas, ao mesmo tempo, sempre outras (ORLANDI, 1993).

O sentido não existe em si, porém é determinado pelas posições ideológicas que são colocadas durante o processo sócio-histórico em que as palavras são constituídas. A noção de formação discursiva permite compreender o processo de produção dos sentidos, a relação com a ideologia, dando ao analista a possibilidade de estabelecer regularidades no funcionamento do discurso. Ela se define como aquilo que numa formação ideológica dada determina o que pode e deve ser dito (ORLANDI, 1987).

O discurso se forma em seus sentidos porque aquilo que o sujeito diz se inscreve em uma formação discursiva e não em outra, tendo um sentido e não outro. As palavras não tem sentido nelas mesmas, elas se originam das formações discursivas em que se inscrevem. Por sua vez, as formações discursivas representam nos discursos as formações ideológicas. Sendo assim, os sentidos sempre são determinados ideologicamente, explicitando como linguagem e ideologia se articulam, afetando-se em sua relação recíproca.

As palavras falam com outras palavras. Toda palavra sempre parte de um outro discurso, que se delinea na relação com outros dizeres presentes e dizeres que se apoiam na memória.

Como foi dito anteriormente, para que haja sentido, é preciso que a língua como sistema sintático passível de jogo, de equívoco, sujeita a falhas, se inscreva na história. Para que a língua faça sentido, é necessário que a história intervenha pelo equívoco, pela opacidade, pela espessura material do significante. Sendo assim, nem a linguagem, nem os sentidos nem os sujeitos são transparentes. Eles têm sua materialidade e se originam em processos em que a língua, a história e a ideologia concorrem conjuntamente.

Como foi ressaltado anteriormente, o interdiscurso, a memória discursiva, apoia o dizer em uma estratificação de formulações já realizadas, mas esquecidas e que vão formando uma história de sentidos. É a partir dessa memória, da qual não temos o controle que nossos sentidos se constroem, dando-nos a impressão de que sabemos o que está sendo dito. Como sabemos é a partir daí que surge a ilusão de que somos os produtores do que dizemos. Vale ressaltar que esse esquecimento é importante para que o sujeito se estabeleça em um lugar possível no movimento da identidade e dos sentidos.

A AD é criadora da proposta da construção de um dispositivo da interpretação. Uma das características desse dispositivo é colocar o dito em relação ao não-dito, o que o sujeito diz em um lugar com o que é dito em outro lugar, o que é dito de um modo com o que é dito de outro, procurando ouvir o que o sujeito diz, aquilo que ele não diz, mas que constitui igualmente os sentidos de suas palavras. A análise do discurso não está interessada no sentido “verdadeiro”, mas o real do sentido em sua materialidade linguística e histórica, pois a ideologia não se aprende e o inconsciente não se controla com saber. Segundo Pêcheux (1975) todo enunciado é linguisticamente descritivo como uma série de pontos, oferecendo lugar à interpretação. Ele é sempre propício de ser/tornar-se outro. O lugar do outro enunciado é o lugar da interpretação, da manifestação do inconsciente e da ideologia na produção de sentidos e na constituição dos sujeitos.

Tanto os sentidos quanto os sujeitos são constituídos em processos onde existem transferências, jogos simbólicos, os quais não controlamos e nos quais o equívoco, a ideologia e o inconsciente estão fortemente presentes.

Em princípio, o discurso não se fecha. Ele é um processo em curso, em movimento. Não podemos considerar o discurso como sendo apenas um conjunto de textos, mas uma prática. É nesse conjunto de práticas que a sociedade é constituída na história.

O processo de produção de sentidos está sujeito ao deslize, sempre havendo um “outro” possível que o constitui. Podemos dizer as mesmas palavras com os significados sendo diferentes. As palavras remetem dos discursos que são derivados dos sentidos das formações discursivas, regiões do interdiscurso, que representam no discurso as formações ideológicas. A relação do discurso com a multiplicidade de discursos significa o que chamamos de interdiscurso. Ele é um conjunto não discernível, representando, assim, a alteridade por excelência, a historicidade. Por isso é que dizemos que a historicidade precisa ser entendida na análise do discurso como um agente que faz com que os sentidos sejam os mesmos, permitindo que eles se transformem.

Sabemos que o sujeito é um sujeito essencialmente histórico, e como sua fala é criada em um determinado lugar e um determinado tempo, a noção de sujeito histórico articula-se à concepção de um sujeito ideológico. Ou seja, a sua fala é uma representação de um tempo histórico e um espaço social. Sendo assim, devido ao espaço e ao tempo orientado socialmente, o indivíduo situa o seu discurso em relação ao discurso do outro. Por isso, questiona-se a ideia da concepção de sujeito como um ser único, central e gerador do sentido, porque na sua fala outras vozes também falam. Sendo assim, a linguagem não é mais evidência, transparência de sentido produzido por um sujeito uno, homogêneo. É um sujeito que divide o espaço discursivo com o outro (BRANDÃO, 2004).

Entendendo o sujeito como um efeito da linguagem, a psicanálise busca suas formas de constituição na diversidade de uma fala heterogênea que é consequência de um sujeito dividido entre o consciente e o inconsciente. O inconsciente como é definido por Lacan, é o capítulo censurado da minha história, que pode ser recuperado e reconstruído (BRANDÃO, 2004). Sendo assim, o discurso não se reduz, portanto, a um dizer explícito, pois ele é permanentemente atravessado pelo seu avesso, colocando-se como comum a toda fala o fato que, sob nossas palavras ‘outras palavras’ se dizem, e que o discurso é constitutivamente atravessado pelo discurso do Outro (AUTHIER- REVUZ, 1982).

O dizer se inscreve no repetível, porque resulta do efeito de sustentação no já-dito. O sentido se produz nas redes de memória de que o dizer resulta, não podendo ser reduzido a enunciação.

A concepção de sujeito na análise do discurso vai perdendo a polaridade que é centrada ora no *eu* ora no *tu* e vai se enriquecendo na relação dinâmica entre identidade e alteridade. Para a AD, a importância não está centrada nem no *eu* nem *tu*, mas nesse espaço discursivo que é criado entre ambos (BRANDÃO, 2004).

Para Pêcheux (1975) tanto o sujeito quanto o sentido não são construídos a priori, mas são constituídos no discurso. O sentido de uma palavra ou expressão não existe em si mesmo, ou seja, seu significado não está literalmente expresso, mas é determinado pelas posições ideológicas no processo sócio-histórico, em que as palavras e as expressões são produzidas e que mudam de sentido segundo posições sustentadas por quem as empregam, significando que elas tomam o seu sentido em referência a estas posições.

Segundo Orlandi (1988), o sujeito não é nem totalmente livre nem totalmente submetido. O espaço de sua constituição é complexo, pois, ao mesmo tempo em que é interpelado pela ideologia, ele ocupa, na formação discursiva, um lugar que é necessariamente seu. Ele se move em um espaço discursivo do Um e do Outro; entre a incompletude e o desejo de tornar-se completo.

Para Teixeira (2005), o sujeito do discurso não é nem o sujeito-mestre, podendo separar-se de seu outro, nem o sujeito assujeitado, capaz de unir-se, sem resto, a esse outro. O sujeito não é a origem de seu dizer, mas também não está totalmente diluído.

De fato, é o sujeito da psicanálise que está implicado nas abordagens, em torno das quais Pêcheux rever a relação da AD com a linguagem e a enunciação. O sujeito da psicanálise não é visto como um sujeito individual nem o sujeito consciente. Para Lacan (1990), o eu é construído a partir da imagem do outro, que é referência à linguagem enquanto efeito da ordem simbólica. É por isso que dizemos que o sujeito é consequência do significante e regido pelas leis do simbólico. Para o autor, a causa do sujeito é o significante.

O nosso interesse pela teoria de Lacan é separar o que nos interessa em relação à Fonoaudiologia e, por conseguinte, o funcionamento da linguagem nos sujeitos que

apresentam gagueira. Interessamo-nos pela constituição do sujeito a partir do Estádio do Espelho ao Complexo de Édipo.

O sujeito da psicanálise não é visto como um sujeito individual nem o sujeito consciente. Para Lacan (1990), o eu é construído a partir da imagem do outro, que é referência à linguagem enquanto efeito da ordem simbólica. É por isso que dizemos que o sujeito é consequência do significante e regido pelas leis do simbólico. Para o autor, a causa do sujeito é o significante.

Iremos agora articular o Estádio do Espelho ao Complexo de Édipo, pela fase na qual a criança passa, do estado de simbiose com a mãe com o surgimento de uma terceira pessoa nessa relação, dando origem ao assujeitamento na/pela linguagem. O autor refere que esses dois momentos são essenciais na constituição do sujeito.

Em o Estádio do Espelho como fundador da função do Eu, Lacan refere o momento da criança quando ela se confronta com sua própria imagem no espelho, no momento em que ela se funde com o mundo ao seu redor, reconhecendo a própria imagem através da figura de um outro – eu. A partir desta imagem, a criança percebe sua diferenciação em relação ao mundo exterior, constituindo como falo de sua mãe. É nessa noção de imaginário no ensaio de Lacan, que Althusser afirma a sua tese de que o sujeito se constitui pela representação da relação imaginária com suas condições reais de existência.

O sujeito é materialmente dividido desde a sua constituição de sujeito. “Ele é sujeito *de* e é sujeito *à*. Ele é sujeito à língua e à história, pois para se constituir, para produzir sentidos ele é afetado por elas”. Se o sujeito não se submeter à língua e à história ele não se constitui, ele não fala, logo, não produz sentidos (ORLANDI, 2001 p. 49).

Segundo Orlandi (1984), o percurso da concepção de sujeito se distingue em três fases, entre elas:

- primeira fase – as relações dialógicas estão centradas na noção de interação, onde há a troca do *eu* e o *tu*.
- segunda fase - nessa fase passa-se a idéia de conflito, centrada no outro, em que as relações intersubjetivas são governadas pela determinação básica em que o *tu* delimita o que o *eu* diz, exercendo uma espécie de soberania do primeiro sobre o segundo.

- terceira fase – em que o sujeito vive na busca da sua completude, e é na relação dinâmica entre identidade e alteridade, que o sujeito torna-se ele mais a complementação do outro. Sendo assim, o centro da relação não está, como nas fases anteriores, nem no *eu* nem no *tu*, mas nesse espaço discursivo que é criado por ambos. O sujeito só se completa com o outro.

Mesmo apresentando o sujeito como livre e responsável, o assujeitamento faz com que o discurso apareça como instrumento do pensamento e um reflexo da realidade. É na transparência da linguagem que a ideologia mostra as evidências que cancelam o caráter material do sentido e do sujeito, sustentando a noção de literalidade. Porém, o falante não opera com a literalidade como algo fixo e irreduzível, já que não existe um sentido único e prévio, mas um sentido instituído historicamente na relação do sujeito com a língua, fazendo parte das condições de produção do discurso. A literalidade é uma construção que o analista considera em relação ao processo discursivo com suas condições.

É imprescindível entender que a condição da linguagem é a incompletude. Nem sujeitos nem sentidos estão completos, já feitos, constituídos definitivamente. Eles constituem-se sob o modo do entremeio, da falta, do movimento. E nessa incompletude é onde se atesta a abertura do simbólico, pois a falta é o lugar do possível. No entanto, não é por ser aberto que o processo de significação não é regido nem administrado.

É interessante salientar que a AD não abandona a língua, apenas passa a ver que essa homogeneidade é atravessada por uma série de equívocos. Sendo assim, a AD passa a operar o conceito de língua que reconhece nos fatos de equívoco o real que lhe é próprio.

Como em A.D, o sujeito do discurso é o sujeito do inconsciente. O discurso não escapa aos engodos do pré-construído, não escapando também da sua heterogeneidade constitutiva, que desarticula o efeito de evidência, de referencialidade que o pré-construído produz.

No próximo capítulo iremos abordar sobre os caminhos metodológicos dessa pesquisa, em que também será ancorado pela Análise do Discurso de linha francesa.

CAPÍTULO 2 - METODOLOGIA

...Sim senhor, tudo o que queira, mas são as palavras as que cantam, as que sobem e baixam... [...] São antiqüíssimas e recentíssimas. Vivem no fêretro escondido e na flor apenas desabrochada... Que bom idioma o meu, que boa língua herdamos dos conquistadores torvos... Estes andavam a passos largos pelas tremendas cordilheiras, pelas Américas encrespadas, buscando batatas, butifarras, feijõezinhos, tabaco negro, ouro, milho, ovos fritos, com aquele apetite voraz que nunca mais se viu no mundo... Tragavam tudo: religiões, pirâmides, tribos, idolatrias iguais às que traziam em suas bolsas... Por onde passavam a terra ficava arrasada... Mas caíam das botas dos bárbaros, das barbas, dos elmos, das ferraduras, como pedrinhas, as palavras, as palavras luminosas que permaneceram aqui resplandecentes... o idioma. Saímos perdendo... saímos ganhando... Levaram o ouro e nos deixaram o ouro... Levaram tudo e nos deixaram tudo... Deixaram-nos as palavras (NERUDA, 1974, p. 51-52).

2.1 Tipologia do Estudo

Este capítulo se destina aos procedimentos metodológicos dessa presente pesquisa. Primeiramente, iremos classificar o estudo e, posteriormente, tratar dos aspectos referentes à seleção dos sujeitos, à coleta de dados e às análises realizadas.

Este estudo foi financiado pela FACEPE (Fundação de Amparo à Ciência e Tecnologia do Estado de Pernambuco) a partir de bolsa de estudos à pesquisadora para a realização da pesquisa. O nosso trabalho foi proposto a partir da análise qualitativa, concentrando-se na busca da compreensão dinâmica das relações sociais em sua complexidade (DEMO, 1995). A pesquisa qualitativa se destaca entre si, de acordo com seus métodos, a forma e os objetivos.

Segundo Neves (1996), a pesquisa qualitativa compreende um conjunto de diferentes técnicas interpretativas, visando a descrever e decodificar os componentes de um sistema complexo de significados. Para o autor, o objetivo da pesquisa qualitativa é traduzir e expressar os sentidos dos fenômenos do mundo social. Os pesquisadores que empregam o método qualitativo estão mais preocupados com o processo social do que com a estrutura social, buscando visualizar o contexto.

Para a elaboração das formações discursivas do discurso dos sujeitos-gagos e sugerir uma possibilidade de tratamento, optamos por uma tipologia de análise discursiva, em que a Análise de Discurso de linha francesa serviu como apoio teórico e dispositivo de análise.

2.2 Seleção dos Sujeitos

Participaram 13 (treze) sujeitos-gagos, apresentando idades entre 18 e 55 anos, sendo 10 (dez) do sexo masculino e 3 (três) do sexo feminino. Os sujeitos que participaram da entrevista tiveram que atender aos seguintes critérios abaixo:

- a) Apresentarem queixa de gagueira;
- b) Situares-se em faixa etária a partir de 18 anos;
- c) Situares-se em faixa etária de até 60 anos, evitando, com isso, degenerações neurológicas decorrentes de senilidade;
- d) Residirem em uma dessas três cidades do interior do estado de Pernambuco (Macaparana; São Vicente Férrer e Limoeiro);
- f) Aceitarem livremente a participação na pesquisa e assinarem o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

2.3 Coleta de Dados e Técnicas de Pesquisa

Para a realização da pesquisa, realizamos uma entrevista semi-estruturada. A entrevista é uma das técnicas de coleta de dados que permite a obtenção de aspectos relevantes sobre as referências e preocupações do entrevistado, pois supõe uma interlocução entre informante e pesquisador. Optamos especificamente pela entrevista semi-estruturada porque esta, “ao mesmo tempo em que valoriza a presença do investigador, oferece todas as perspectivas possíveis para que o informante alcance a

liberdade e a espontaneidade necessárias, enriquecendo a investigação” (TRIVINÕS, 1987, p. 146).

De acordo com Morgan (1988), a entrevista é uma conversa intencional que é dirigida por uma pessoa na intenção de obter informações sobre a outra. É necessária a presença de um guia previamente preparado, servindo de orientador para o desenvolvimento da mesma.

A entrevista permite o acesso a dados de difícil obtenção por meio da observação direta, tais como sentimentos, pensamentos e intenções. O propósito da entrevista é fazer com que o entrevistador se coloque dentro da perspectiva do entrevistado (Patton, 1990). A entrevista semi-estruturada é aquela que parte de certos questionamentos básicos, apoiados em teorias e hipóteses, que interessam à pesquisa e que, em seguida, oferecem amplo campo de interrogativas fruto de novas hipóteses que vão surgindo à medida que se recebem as respostas do entrevistado. É útil esclarecer que essas perguntas fundamentais que constituem, em parte, a entrevista semi-estruturada, são resultado não só da teoria que alimenta a ação do investigador mas, também, de toda a informação que ele já recolhe sobre o fenômeno que interessa (MARTINS, 2004).

Os participantes da pesquisa foram encontrados mediante o contato de moradores dessas três cidades, que tinham o conhecimento de algum sujeito com queixa de gagueira. Entramos em contato com esses sujeitos e explicamos sobre como seria realizada a pesquisa, objetivo do trabalho, a garantia do anonimato e que este poderia interromper ou até mesmo desistir da participação da pesquisa a qualquer momento.

Além disso, foi entregue a cada um dos sujeitos participantes, um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para participação em estudo clínico (apêndice II). Os participantes que desejaram responder à pesquisa e enquadraram-se nos critérios expostos acima, assinaram o Termo e, desde então, tornaram-se sujeitos da pesquisa.

As questões da entrevista semi-estruturada foram sobre temas relacionados à origem, etiologia, sintomatologia, interpretação da gagueira, entre outros, conforme roteiro elaborado por Azevedo (2006). As entrevistas foram gravadas em MP3, cujo conteúdo foi transcrito de forma literal e analisado discursivamente.

As entrevistas foram realizadas pela pesquisadora e tiveram a duração de vinte minutos, aproximadamente, cada uma. Foram realizadas individualmente, no período

janeiro a novembro de 2010. Todas as entrevistas foram áudio gravadas com a permissão dos participantes e transcritas diretamente para o computador, respeitando-se a fala dos entrevistados.

2.4 – Procedimentos de Análise e Considerações Éticas

A AD cria uma proposta da construção de um dispositivo da interpretação. Esse dispositivo tem como papel colocar o dito em relação ao não dito, o que é dito pelo sujeito em um lugar com o que é dito em um outro lugar, o que é dito de um modo e ainda, o que é dito de outro modo, sempre procurando ouvir naquilo que o sujeito diz, o que ele não diz, mas que constitui os sentidos de suas palavras (ORLANDI, 2000)

A autora afirma que a AD não procura o sentido ‘verdadeiro’, sentido em sua materialidade linguística e histórica. O analista deve explicitar os processos de identificação realizados pela sua análise, em que falamos a mesma língua, mas falamos diferente. O dispositivo que ele constrói deve ser capaz de mostrar isso, de lidar com isso. Esse dispositivo deve considerar a ideologia e o inconsciente.

Orlandi (2000) afirma que a interpretação está presente em dois pontos da análise:

- a) No primeiro momento, precisamos considerar que a interpretação é parte constituinte do objeto de análise, ou seja, o sujeito que fala interpreta e o analista deve procurar descrever essa interpretação do sujeito que é responsável por constituir o sentido submetido à análise;
- b) No segundo momento, é necessário entender que não pode existir descrição sem interpretação, sendo assim, o próprio analista está envolvido na interpretação, não sendo neutro. É devido a isso, que é necessário um dispositivo para intervir na relação do analista com os objetos simbólicos que ele analisa, produzindo um deslocamento em sua relação de sujeito com a interpretação.

O que é esperado do dispositivo do analista é que ele lhe permita trabalhar numa posição neutra, mas que seja relativizada em uma interpretação. É preciso que ele atravesse o efeito da transparência da linguagem, da literalidade do sentido e da onipotência do

sujeito. Com isso, o dispositivo vai investir na opacidade da linguagem, no descentramento do sujeito, na falha, na materialidade e no trabalho com a ideologia (ORLANDI, 2000).

O procedimento de análise deste trabalho está relacionado com a entrevista semi-estruturada – as entrevistas gravadas foram comparadas, uma a uma, com relação a cada questão trabalhada. As análises foram realizadas a partir do funcionamento discursivo dos sujeitos e, em seguida, os diversos discursos foram confrontados (interdiscursividade) pela análise das formações discursivas, em particular. Para conceituar Formações Discursivas (FD), recorreremos a Foucault (1997, p.43):

No caso em que se puder descrever, entre um certo número de enunciados, semelhante sistema de dispersão, e no caso em que entre os objetos, os tipos de enunciação, os conceitos, as escolhas temáticas, se puder definir uma regularidade (uma ordem, correlações, posições e funcionamentos, transformações), diremos, por convenção, que se trata de uma formação discursiva.

Diante disso, procuramos considerar a linguagem dos sujeitos, referindo-se à gagueira, como lugar de debate, de conflito. O procedimento de análise consiste na relação de paráfrases, observação dos enunciados, relação com outros discursos, bem como a relação do discurso com as FD e das FD à ideologia. Partimos de um mesmo ponto, em que a compreensão de que o sentido não é único e que o sujeito não tem o controle do que diz.

As respostas da entrevista nos levaram a um perfil do sujeito-gago e, apesar de alguns dos tópicos trabalhados se encontrarem nas publicações específicas da área, salientamos que nos interessava escutar o sujeito que gagueja e não apenas o relato do pesquisador a respeito da gagueira, pois como foi relatado por Van Riper (1972), estudioso da gagueira (sendo, também, gago), afirma que apenas o gago sabe o que é, realmente, a gagueira. O material da pesquisa também foi de grande importância para a elaboração da proposta terapêutica que será discutida mais pra frente. Uma formação discursiva identificada serviu, em algumas análises, a uma questão; em outros casos, uma mesma formação discursiva se relacionava a até cinco tópicos da entrevista. Também foram realizados a partir das respostas dessas entrevistas, por meio de recortes discursivos, que melhor esclarecem a natureza da análise.

Procuramos identificar, como foi proposto por Azevedo (2006), os mecanismos geradores e mantenedores da fluência e da gagueira, apontando para o espaço discursivo como o lugar de produção da gagueira. Trabalhamos com a relação direta entre os momentos de gagueira e as condições de produção do discurso, procurando registrar estratégias terapêuticas eficientes, que poderão contribuir para um novo olhar na terapia de sujeitos gagos – o discursivo.

Quanto às considerações éticas, foram encaminhados, aos sujeitos da pesquisa, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para Participação em Estudo Clínico, observando-se a resolução 196/96 (apêndice II), que contém os objetivos e a metodologia do estudo, para que os sujeitos da pesquisa definissem sobre a participação na mesma. Caso concordassem, assinavam o Termo acima descrito e recebiam uma cópia do pesquisador para a garantia dos participantes.

O referido projeto foi encaminhado para análise do Comitê de Ética da Universidade Católica de Pernambuco, tendo sido aprovada a sua execução, de acordo com o parecer CEP nº 008/2006.

Até o momento, não estão descritos na bibliografia riscos de vida para a pesquisa com relação à metodologia adotada - coleta de dados, realizada através de entrevistas e gravações de sessões fonoaudiológicas. Entretanto, envolve grandes dificuldades apresentadas pelos sujeitos – a fala. E, isto, pode acarretar algum tipo de constrangimento ou frustração. A comunidade científica deverá ser beneficiada, através da leitura deste trabalho, que realiza uma análise discursiva de sujeitos-gagos na clínica fonoaudiológica. Os sujeitos-gagos foram beneficiados, uma vez que houve uma devolutiva da análise realizada a estes, e a implantação de um grupo terapêutico de gagueira com estes pacientes que participaram da pesquisa.

CAPÍTULO 3 – A GAGUEIRA NA PERSPECTIVA DISCURSIVA

*“Eu não sou eu nem sou o outro,
Sou qualquer coisa de intermédio:
Pilar da ponte de tédio
Que vai de mim para o Outro.”*

Mário de Sá-Carneiro

Neste capítulo, iremos analisar os dados coletados dessa pesquisa que serão divididos em dois momentos. No primeiro momento, realizaremos a análise das entrevistas dos 13 sujeitos-gagos adultos. No segundo momento, analisaremos quatro recortes discursivos que mostram situações diferentes da entrevista.

Como para nós, a gagueira não é vista apenas como sintoma ou alguma representação externa, interessa-nos conhecer o que o sujeito-gago nos traz sobre queixa, etiologia, sintomas, e alguns outros tópicos sobre o problema. Sendo assim, a nossa análise continua sendo o sujeito-gago e não a gagueira de forma isolada.

Logo adiante, discutiremos as formações discursivas dos sujeitos-gagos, entrevistados, que nos darão suporte à discussão. Achamos então necessário retomar o que seriam as formações discursivas, já que, neste tópico, iremos destacar as que estão ligadas aos discursos dos sujeitos-gagos analisados nesse trabalho.

Confrontando os discursos dos sujeitos entrevistados, através da análise da interdiscursividade, realizamos uma análise das formações discursivas, identificando as similaridades, diretamente relacionadas à exterioridade. Identificamos seis formações discursivas, as mesmas que Azevedo (2006) trabalhou, que serão exploradas mais adiante, já relacionando-as à discussão das respostas das entrevistas realizadas com os treze sujeitos-gagos.

Formações Discursivas:

- 1) A gagueira é vista como algo do corpo.

- 2) Há previsão e certeza do erro.
- 3) Há algo que deve ser colocado no lugar do erro iminente (previsto e certo) antes que ele ganhe visibilidade na interpretação.
- 4) Há fonemas e palavras considerados difíceis ou impossíveis de serem ditos.
- 5) Há posições discursivas geradoras de gagueira.
- 6) Há posições discursivas geradoras de fluência.

Formação Discursiva 1

A gagueira é vista como algo do corpo

Identificamos nessa formação discursiva cinco perguntas que foram trabalhadas nas entrevistas: queixa em relação à fala, conceitos, causas, sintomas e lugar da gagueira. A grande maioria das respostas desses cinco tópicos manteve-se no corpo, e por isso, criamos uma formação discursiva com as cinco perguntas que estão organizadas numericamente abaixo.

1. Queixa em relação à fala

Pergunta: Qual a sua queixa em relação à fala?

(Formação Discursiva 1 - a gagueira é vista como algo do corpo)

Nessa questão, procuramos conhecer o que o sujeito-gago considerava a respeito de sua queixa, se ele apontava a gagueira, ou se desviava dela, indicando um problema articulatorio ou uma outra dificuldade.

Dos treze sujeitos pesquisados, sete relacionaram sua queixa à gagueira, cinco não a mencionaram, referindo-se a outro problema, dizendo que é uma ‘fala atrapalhada’; uma ‘fala enganchada que fica cortando’ e até mesmo uma ‘fala rápida’ e ‘uma fala que os outros não entendem’. Apenas dois sujeitos disseram não ter queixa em relação à sua fala, pois acreditam que a gagueira é normal, mesmo sendo conceituada por eles, mais adiante, como sendo ‘um tombo na língua’ e ‘a língua parece ficar presa quando fala’.

Notamos, assim, que a maioria dos sujeitos entrevistados identificou a gagueira como sendo sua queixa principal. Entre esses sujeitos, o sujeito 6, ao falar sobre a sua queixa de fala, refere-se que *‘é que às vezes eu gaguejo, mas tem vezes que eu não gaguejo, que eu fico espontâneo. Quando eu tô assim, parece dar um nó no estômago, aí eu gaguejo, né?’* Já o sujeito 8 foi bem objetivo, ao dizer que sua queixa de fala se resume à gagueira, referindo logo mais, *‘eu fico tremendo. Sei lá, o tom, o jeito de falar. Eu fico cansada quando tô falando, dependendo das palavras. É a gagueira.’* O sujeito 9 diz que *‘eu era muito gaga quando criança. Depois que eu fiquei adulta, eu não fiquei muito gaga, não. Agora quando eu tô aperreada, aí eu fico gaguejando muito’*. O sujeito 11 iniciou a falar sobre sua queixa como sendo uma fala rápida, dizendo *‘olha, eu sou meio dificultoso no sentido de falar rápido, né? Quando eu falo rápido, eu fico gaguejando mais. Eu acho que é a gagueira’*. Observamos então, no sujeito 11, a relação que se faz entre a ‘fala rápida e a gagueira’, acreditando que a gagueira só aparece quando a velocidade de fala aumenta. Falando devagar, mais pausado, há o aumento de fluência. Abordaremos melhor essa questão mais adiante.

Entre os quatro sujeitos que não relacionaram a sua queixa à gagueira, encontramos, por exemplo, o sujeito 1 que relata sua queixa *‘não ser compreendida. As pessoas não me entendem. Às vezes, quando eu falo, preciso me esforçar muito para falar.’* O sujeito 3 relata que a sua queixa é *‘Às vezes fico constrangida porque tem alguns lugares que a gente vai falar, fica mais nervosa, a fala não sai, fica trêmula. Então a gente repete as palavras várias vezes e as pessoas ficam rindo. Essa é a minha queixa. Porque assim, a gente deixa de se comunicar com as pessoas em função desse problema. E é um problema que até às vezes serve muito de chacota.’* Já o sujeito 12 diz que *‘minha fala é ruim já de nascença, entendeu? Assim, eu falava normal, mas não sei o que foi acontecendo que eu agora começo a cortar, e agora eu falo, falo e começa a enganchar as palavras.’* O sujeito 10, refere à sua queixa como sendo *‘eu tenho uma fala atrapalhada. Eu quero falar e vejo que não falo normal’*.

Os outros dois sujeitos, os quais não tiveram queixa em relação à sua fala, relataram, como o sujeito 2 que *‘eu acho que minha fala é normal, eu sei falar tudo o que eu sei. É normal, é como se fosse um tombo na língua’*. Já o sujeito 7 diz *‘queixa? Queixa*

eu não tenho, entendeu? Porque às vezes eu quero falar bem e consigo. Mas outras, é como se a língua ficasse presa’.

Podemos perceber, diante do discurso desses sujeitos, os que não apresentaram a gagueira como sua queixa principal e aqueles que não tiveram queixa em relação à sua fala, que nem sempre a queixa é verbalizada, podendo ser identificada através de meios de conduta que nos mostram o incômodo que a gagueira traz. Percebemos isso através do próprio discurso desses sujeitos, quando diz em que *‘a fala corta’*; *‘fala enganchada’*; *‘fala atrapalhada’*; a fala como sendo *‘um tombo na língua’* ou como se *‘a língua ficasse presa’*.

Segundo Guarneri (2002), é interessante levar em consideração a queixa do paciente: sou gago. Algumas vezes essa palavra nem é falada, mas o paciente se refere à dificuldade de se expressar e essa queixa deve ser levada em conta sem a necessidade de rotulá-la. Relata que quando o paciente diz “estar gago” pode-se considerar que esse receio é por saber que não vai conseguir falar, é recuar, reprimir fechando a garganta, é se sentir sufocado.

Diante das respostas obtidas, podemos perceber que as respostas dos sujeitos-gagos apontam para a queixa de gagueira e que a partir dessa formulação é que é iniciado o processo terapêutico.

2. Conceito de Gagueira

Questão: Qual o seu conceito de “gagueira”?

(Formação Discursiva 1 - a gagueira é vista como algo do corpo)

Analisamos nessa pergunta as respostas dos sujeitos entrevistados a respeito da gagueira, procurando entender a ideologia materializada nos discursos dos sujeitos-gagos. A formação discursiva manterá a mesma – A gagueira é vista como algo do corpo.

As respostas dos entrevistados nessa questão variaram bastante, porém sempre acabavam se encontrando em algum ponto, sendo materializada como algo do corpo. Iremos discutir algumas respostas tentando aproximá-las ideologicamente, e categorizá-las, como segue abaixo:

a) Conceitos relacionados à fala rápida:

“ É um avexame na fala, no modo de falar.’

“ Quando fala rápido e começa a gaguejar”

“ Quando tá apressado demais pra falar”

b) Conceitos relacionados à localização de um espaço corporal:

“ Deve ser um atropelo na língua do cabra, né? Quando a gente fala a metade assim... ela quer atropelar”.

“ Acho que é a minha língua que é troncha. Não sei pronunciar as palavras corretas, sempre pronuncio errada”.

“ É como se fosse um tombo na língua”.

“ Eu acho que é uma doença, porque a fala da gente é diferente. Fica faltando palavras, faltando letras nas palavras, não diz a palavra corretamente. É como se não saísse voz. É como se a gente botasse força e não saísse a voz”.

“ É quando quer falar e fica alguma coisa tapando aqui (coloca a mão na garganta), entendeu?”

c) Conceitos relacionados às características linguísticas da gagueira:

“ É repetição de sílaba, né?”

“Uma pessoa que repete as palavras várias vezes, ou então repete assim, uma sílaba muitas vezes”.

“ Eu acho que pra gente que é gago, eu acho feio, entendeu? A gente quer falar certo e não consegue”.

Os conceitos de gagueira que encontramos na literatura fonoaudiológica são bastante diversificados, seguindo a concepção teórica de cada autor. Para discutir os conceitos apresentados pelos sujeitos-gagos, iremos nos remeter à teoria, destacando alguns aspectos de acordo com as respostas encontradas.

Das respostas obtidas, três sujeitos consideram a gagueira relacionando-a com a velocidade de fala. Bohnen (2002) e Brandi (1990) conceituam a gagueira pela duração, que é o tempo utilizado para a articulação do elemento fonético; pela velocidade, que consiste na rapidez com que os elementos fonéticos são articulados, considerando que o tempo de cada elemento fonético é variável e pelo ritmo, na forma da velocidade da fala, ou seja, a prosódia, a cadência, a duração dos elementos, além do esforço, sendo o trabalho mental e físico que um orador faz ao falar. Já Dinville (1993) diz que a taquilalia é bastante frequente nos casos de gagueira, pois serve como uma estratégia para que o sujeito-gago se livre rapidamente da fala.

A maioria das respostas, ou seja, cinco sujeitos, relacionam a localização de um espaço corporal para conceituar a gagueira, como sendo ‘*um tobo na língua*’; ‘*ter uma língua troncha*’ ou até mesmo relacioná-la a uma ‘*doença e deficiência na fala*’. Segundo Andrade (2008):

“As rupturas no fluxo da fala podem ser diferenciadas pela tipologia, ou seja, certas rupturas são comuns a todos os falantes e refletem fundamentalmente as incertezas e imprecisões lingüísticas, ou ainda, visam ampliar a compreensão da mensagem. Essas rupturas podem ser consideradas como comuns (hesitações, interjeições, revisões, palavras incompletas, repetições de palavras, segmentos e frases) Existem algumas rupturas que embora possam ocorrer esporadicamente para todos os falantes, são sugestivas de um maior comprometimento do processamento de fala. Essas rupturas são classificadas como rupturas gags: repetições de sons e sílabas, prolongamentos, bloqueios, intrusões de sons e segmentos e pausas longas. (Andrade. 2004 p.71-94)” Friedman (1994) afirma que existe uma integridade no aparelho fonoarticulatório do sujeito-gago, para provar isso, ela chama atenção para os momentos de fluência, fazendo com que ele note que a maior parte da sua fala é fluente, porém ele está habituado a preocupar-se apenas com a gagueira.

Guarneri (2002) acredita que uma proposta terapêutica para a gagueira não está vinculada com exercícios corretivos: da fluência, da respiração, do tónus, da articulação. Para ela, sempre foi óbvio que o gago, ao apresentar os momentos de fluência, mostra a integridade do seu aparelho fonoarticulatório, não havendo, assim, intervenções desta ordem, querendo consertar o que não está estragado. A autora revela que na literatura sobre a gagueira são encontradas propostas terapêuticas que atuam no controle dos movimentos do corpo. O sintoma é resumido à própria manifestação do discurso que precisa ser removido, contornado, e controlado pelos exercícios de coordenação corporal, respiratória e

dos órgãos fonoarticulatórios. Considerando a integridade do aparelho fonoarticulatório do gago questiona a coerência de tais propostas e o seu valor científico, uma vez que foge do problema em questão da perspectiva terapêutica.

Três sujeitos responderam ao conceito de gagueira relacionando com características linguísticas, como sendo ‘*repetição de sílaba e palavras*’; ‘*não conseguir falar*’. Segundo Van Riper (1972) as principais características da gagueira são: repetições de sílabas, palavras e frases, prolongamentos de sons, bloqueios de fonemas, hesitações. Já Friedman (1986) descreve a gagueira como repetições, hesitações, bloqueios e temores, que são visíveis na fala. Contudo, diz que a conceituação da gagueira, precisa e clara, depende das condições internas e subjetivas do sujeito, pois ela ressalta a importância do estigma do bem falar na origem e na manutenção da gagueira.

Bloodstein (1993) diz que a gagueira inicia-se como uma dificuldade de produzir expressões verbais completas, o que pode ser observado pelas repetições de palavras e à medida que a desordem vai se agravando começam a aparecer as repetições de sons e sílabas assim como os prolongamentos acompanhados ou não de tensão, demonstrando uma dificuldade na produção de uma estrutura linguística menor, que seria a palavra.

Nossa intenção nessa questão é de reconhecer a representação que o sujeito-gago faz da gagueira. Diante das respostas citadas acima, perguntando ‘qual o conceito de gagueira’ podemos concluir que elas foram descritas de forma fragmentada, expondo apenas os sintomas, como a repetição de sílabas ou a fala rápida. Acreditamos que isso pode acontecer pela falta de informação das pessoas sobre o que é a gagueira. Além disso, percebemos o quanto a visão da gagueira sob uma ótica positivista ainda se sobressai, acarretando vê-la apenas no que é externalizado, ou seja, os seus sintomas.

Segundo Ferrioli (2002), existem tantos tipos de gagueira como de sujeitos. Cada sujeito entende a sua dificuldade, de acordo com sua ideologia e suas perspectivas pessoais. Ao se adotar um paradigma positivista, facilita-se o enquadramento “dessas gagueiras” em tipologias, criando protocolos e planos de tratamentos do ponto de vista genérico e não da singularidade do sujeito. Se tentarmos falar da gagueira como uma patologia ou um distúrbio, estamos aceitando que todos os sujeitos são iguais. No entanto,

sabemos que por mais semelhanças que podemos ter, ninguém é igual a ninguém. Cada sujeito tem suas singularidades.

Este sentido é importante para entender o sujeito que gagueja e, assim, poderemos articular com a Análise do Discurso que é a abordagem que fundamenta nosso trabalho e ancorado na perspectiva de Azevedo (2000; 2006). Conceituamos a gagueira como sendo um distúrbio de linguagem, relacionado diretamente às condições de produção do discurso que é caracterizado pela previsão e certeza do erro *a priori*.

3. Causa da gagueira

Questão: Qual a causa do seu problema?

(Formação Discursiva 1 - a gagueira é vista como algo do corpo)

Seguiremos com essa questão ainda relacionada à formação discursiva: a gagueira é vista como algo do corpo.

O nosso objetivo nessa questão é conhecer qual a concepção da etiologia da gagueira trazida pelo sujeito-gago, visto que essa é uma questão muito polêmica em relação à gagueira, pois existem várias teorias, porém, nenhuma comprovada cientificamente. Sendo assim, escutar o sujeito-gago, saber sua opinião, sobre o que causou a gagueira, gera caminhos para uma discussão sobre o assunto.

Com as respostas obtidas, verificamos uma grande diversidade dos discursos dos sujeitos. Por isso, procuramos mais uma vez categorizá-los tentando aproximá-los de suas posições ideológicas.

a) Causas orgânicas/ hereditárias

“acho que é de família. Meu pai é gago, meu avô..”

‘ a pessoa é um pouco gaga e atrapalha a fala... é de família, né?’

“ eu acho que é por causa da minha família que passou de um pro outro”.

b) Causas psico-emocionais

“ eu gaguejo desde criança. Acho que é porque na escola mangavam muito de mim, até a professora fazia isso comigo. Eu era gaga que chega ficava tremendo.”

“ eu gaguejo desde pequeno e não tem ninguém na família. O problema é eu. A gente se atrapalha um pouquinho, sabe como é? Aí se fala avexado, eu fico meio nervoso, só fica a gaguice”.

“ eu acho que foi um problema que eu tive emocional. Porque assim, quando criança, as pessoas ficam falando que estão gaguejando, fazendo chacota. Mas eu não me recordo desse fato. Só lembro no meu último ano de magistério, quando eu fui apresentar uma aula, e não saiu nada, travou. Foi quando eu percebi que houve um distúrbio e desde esse dia, eu fiquei assim, gaguejando.

“ eu acho que é nervosismo”.

‘ não sei qual a causa do meu problema, só sei que gaguejo quando fico muito apreensivo.”

c) Imitação

“ rapaz, eu não sei. Porque trauma, eu não tive nenhum. Eu acho que foi por causa dos meus parentes, porque quando minha mãe tava grávida, ficava imitando e mangando dos meus tios, aí eu nasci assim”.

“ eu tenho dois tios que são gagos, e quando eu era pequeno, eu comecei a mangar e a imitar eles, aí fiquei gago.

“ sei não, o povo diz que mangar do povo pega, né? Eu tenho um irmão que é bem gago mesmo, aí eu mangava e imitava ele, aí acabei pegando.

d) Crenças populares

“ ah, eu não sei. Eu era muito novo, né? O povo diz que se fizer muita cosquinha na pessoa, fica gago.”

“ eu não sei. Talvez porque eu comecei a beber muito cedo e namorar cedo demais.”

Dos treze sujeitos pesquisados, três relacionam a causa da gagueira a questões hereditárias, associando o problema a casos de gagueira na família. São grandes as

quantidades de pesquisas que contemplam a causa orgânica como sendo responsável pela etiologia da gagueira.

Van Riper (1982) considera a etiologia da gagueira como sendo multifatorial e ainda revela comprometimento motor no ato da fala. A gagueira é o resultado de um conjunto de fatores formados por: penalidade, frustração, ansiedade, culpa, hostilidade, mais medo de situação e medo de palavra, mais stress de comunicação, divididos por moral e fluência.

Seguindo a mesma linha, Schragger (1969) defende a multicausalidade orgânica e aponta que a gagueira só aparece onde há uma predisposição, observando que é muito significativo o fato de que o processo da gagueira se instale enquanto o sistema nervoso central esteja no período de desenvolvimento; uma época de grande significação na evolução e do desenvolvimento global da criança.

Bohnen (2000) refere que os processos de maturação fisiológicos e neuroanatômicos provavelmente estão relacionados com o surgimento da gagueira desenvolvimental em crianças pré-escolares, a qual parece estar intimamente vinculada às habilidades metalinguísticas. Estudos recentes de imagem cerebral indicam que a gagueira possivelmente tem sua origem nos múltiplos centros cerebrais de linguagem, ainda que se aceite que haja também dificuldades no controle motor da fala. Assim sendo, um meio ambiente acolhedor pode minimizar as manifestações de gagueira, mas não impedir que ela ocorra. Mesmo com essa perspectiva predominantemente neurolinguística, a influência dos outros fatores continua sendo aceita, assim, a idéia da multicausalidade para a gagueira de desenvolvimento permanece válida.

Rocha (2002) vê a gagueira como uma perturbação que pode acontecer em qualquer vertente da comunicação. Não define a gagueira como tendo sua causa de ordem hereditária, psicológica, neurológica, corporal, social ou nenhuma outra visão específica, defendendo a ideia de que existem “gagueiras” e não “gagueira”. A autora diz que é importante estar atenta a todos os enfoques possíveis e encontrar, para cada paciente, os fatores que interferem na fala desse sujeito e quais os caminhos para permitir que a comunicação se processe de modo mais eficaz.

A maioria dos sujeitos (cinco sujeitos) relacionou a causa da gagueira à ordem psico-emocional, como ‘mangavam de mim’; ‘trauma’; ‘nervosismo’; ‘apreensivo’.

As teorias psicológicas descrevem a gagueira como sintomas de problemas intrapsíquicos. Britto Pereira (2002) aponta para alguns fatores de caráter emocional, social, além da predisposição ou vulnerabilidade de uma pessoa para a gagueira. A autora acredita que tudo que desenvolvemos no decorrer de nossas vidas já existia como possibilidade, acontecendo o mesmo com a gagueira. Na opinião da autora, a disfluência infantil é absolutamente normal, porém a sua permanência por mais de seis meses, não. A partir disso, é que destaca a multiplicidade de fatores como o emocional e o social, associado à predisposição, facilitando assim, um quadro de gagueira.

Andrade (2010) pesquisou recentemente sobre os fatores genéticos como possíveis responsáveis pela gagueira. A autora procurou identificar o perfil familiar da fluência da fala - aspectos linguísticos, eletromiográficos e acústicos em crianças com e sem história familiar próxima para a gagueira, obtendo como resultado a similaridade na tipologia das rupturas da fala em todos os afetados de uma mesma família, mesmo havendo uma tendência a maior gravidade do distúrbio nos probandos, encontrando uma similaridade na ativação muscular para as taxas de diadococinesia em todos os afetados de uma mesma família. A pesquisadora sugere em seu estudo que existe um padrão motor para a fala, numa relação passível de ser mensurada pela captação da ativação muscular periférica, dentro de uma mesma família.

No entanto, Oliveira (1998), relatam que em sua pesquisa não houve diferença significativa quando investigou os fatores de risco para a gagueira desenvolvimental em pessoas que gaguejam com história familiar e com um grupo com gagueira isolada, sugerindo que os fatores de risco pesquisados nos dois grupos são similares, independentes do histórico familiar.

Ambrose *et al* (2007), em pesquisa recente sobre o estudo de neuroimagem em adultos com gagueira, persistente, encontraram deficiências na substância branca no hemisfério esquerdo e ausência das assimetrias normalmente presentes entre os hemisférios esquerdo e direito, em relação a indivíduos fluentes. Os pesquisadores levantaram a hipótese de que diferenças semelhantes poderiam estar presentes ainda na infância, indicando diferenças no desenvolvimento do cérebro de crianças com risco de gagueira.

Ainda em pesquisas com neuroimagens, Watkins *et al* (2008) afirmam que a causa da gagueira pode não estar relacionada exclusivamente a deficiências no sistema motor, já

que a frequência da gagueira aumenta sob a influência de determinados fatores linguísticos, como a complexidade sintática e o tamanho do enunciado, e diminui sob a influência de mudanças na percepção, como o mascaramento auditivo e o feedback auditivo alterado. Usando neuroimagem funcional, examinaram a estrutura e a função cerebral nas áreas motoras e da linguagem em um grupo de jovens com gagueira, apresentando como resultado que as pessoas que gaguejam apresentam função anormal dos núcleos da base ou excesso de dopamina, além disso, encontraram hipoatividade nas áreas motoras e pré-motoras associadas com a articulação e com a produção da fala. Concluíram então, que a gagueira é uma desordem relacionada primariamente a uma ruptura nos sistemas neurais, corticais e subcorticais que sustentam a seleção, iniciação e execução das sequências motoras necessárias para a produção de uma fala fluente.

Para Johnson (1959), o medo é o maior causador da gagueira. O medo de sons, de palavras e situações conduz o sujeito à gagueira, ou ele acaba fugindo, optando pelo silêncio ou pela substituição de palavras que ele julgue que não haverá disfluência. Irwin (1983) relata que os sujeitos-gagos são mais ansiosos em relação à fala do que a maioria das pessoas que não gaguejam, mas nem por isso são considerados mais neuróticos, desconsiderando essa ser a causa do problema.

Três sujeitos associam o aspecto social à causa da gagueira, enfatizando a imitação do outro, dizendo que a causa da gagueira foi ‘imitava meu tio gago’; ‘imitava meu irmão que gaguejava muito’. É consenso entre os teóricos que estudam a gagueira que a imitação de alguém que gagueja não sustenta o aparecimento do quadro da gagueira, conforme vemos em Dinville (1993); Van Riper (1982); Jakubovicz (1980). A criança pode até permanecer algum tempo gaguejando, mas logo retoma a fluência esperada.

Retomando Irwin (1983), quando a criança percebe que irá gaguejar, entra em conflito entre o desejo de falar e o de evitar a gagueira. Quando finalmente consegue falar, gera nova gagueira, pois para a autora, a criança inconscientemente, deseja repetir a situação, sustentando a gagueira.

Segundo a ótica psicossocial, quando a criança encontra-se no seu período de desenvolvimento da linguagem oral e há uma não aceitação da fala da criança pelos pais, esta se configura em um paradoxo, segundo atesta Friedman (1994). A partir dessa situação paradoxal que é imposta pelo adulto, a criança mantém a dupla vinculação com a realidade,

na medida em que ela não pode abster-se da fala e ao mesmo tempo não pode falar do seu jeito, porém, muitas vezes, é preferível se calar. Sendo assim, a gagueira pode ser definida como “o produto ideológico da história das relações de comunicação vividas, de onde emerge a crença na incapacidade articulatória, que determina todo o processo de produção de sua manifestação externa” (FRIEDMAN, 1986, p. 129).

Um conceito importante para essa compreensão do discurso do sujeito-gago é o silenciamento. É a política do silêncio, que, segundo Orlandi (1993, p. 31), aparece como “tomar a palavra, tirar a palavra, obrigar a dizer, fazer calar, silenciar, etc”. O silenciamento significa que, ao dizer, o sujeito não diz, ou diz outros sentidos. O dizer é interdito e, quando isto acontece, constituem-se discursos autoritários, onde não há reversibilidade (AZEVEDO, 2006).

Para estudar a gagueira, é preciso ir além do âmbito da fala do sujeito, com relação aos aspectos fonológicos e articulatórios, e perceber que a fala só é possível ser articulada porque o sujeito constitui-se na/pela linguagem a partir do discurso do outro. Sendo assim, devemos considerar que o processo não é apenas produção de fala, mas é um processo de construção da linguagem. Por isso é tão importante o discurso de familiares, o discurso do outro, pois é a partir do que é mobilizado pelo simbólico no imaginário do sujeito, que ele irá formar sua própria identidade de sujeito “gago” (FERRIOLLI, 2002).

Ainda em relação à causa da gagueira, dois sujeitos a relacionaram a crenças populares, que por morarem em cidades do interior, isso é bem natural em relação à cultura deles, por exemplo ‘*faziam muita cosquinha e fiquei gago*’; ‘*namorar muito cedo e beber cedo demais*’. Observamos assim, a grande necessidade que as pessoas têm de tentar dar uma razão para aquilo que a rodeia, mesmo que não seja uma explicação científica, mas associada às crenças, aos costumes, hábitos e às experiências de vida de um dado grupo social.

Notamos que existe uma busca incessante à procura de uma explicação para a etiologia da gagueira. Por isso, alguns profissionais sentem a necessidade de ter em mãos alguma resposta que seja comprovada por aparelhos, e que nos dê uma resposta mais objetiva e concreta. No entanto, nessa busca ao tratamento da fala que apresenta dificuldades, os profissionais acabam recorrendo para os métodos cartesianos, positivistas, esquecendo-se do sujeito e de sua subjetividade e particularidades.

Como foi abordado ao longo do trabalho, identificamos que em relação à etiologia, existe uma grande quantidade de teoria sobre o assunto, porém existem poucas comprovações científicas.

Expondo agora nosso ponto de vista sobre a etiologia da gagueira, iremos nos ancorar na teoria proposta por Azevedo (2000; 2006).

A autora se propôs a definir a origem da gagueira, o lugar da gagueira e a oposição língua e fala. Inicialmente, a autora concordou com Friedman (1986) ao afirmar que a gagueira é originada durante o processo de aquisição de fala, e vai mais além, ao afirmar que isto acontece mais especificamente, na terceira posição de falante, onde a criança busca o assemelhamento, o aperfeiçoamento ao outro e ocorrem autocorreções na fala. Ainda acredita que o projeto de Aquisição de Linguagem proposto por De Lemos contribui para explicar a questão da origem da gagueira e de seu funcionamento como linguagem, que contrapõe os processos metafóricos e metonímicos à visão desenvolvimentista da psicologia.

No momento em que a criança procura o assemelhamento em relação à fala do outro e apresenta repetições e autocorreções, o discurso do adulto costuma ser impregnado de elementos parafrásticos, sendo solicitado que a criança fale direito, respire fundo ou pense antes de falar, o que não permite reversibilidade, constituindo-se como um discurso autoritário. Neste caso, o efeito do outro na criança pode deslocá-la a recusar-se a falar, a utilizar estratégias variadas, como bater os pés, as mãos, na boca, ou canalizar a tensão trazida pela possibilidade discursiva para outro órgão do corpo, ou mesmo substituir palavras por outras que considera mais fáceis. A partir daí, de sujeito falante assemelhado ao outro, depara-se com a diferença, o não-assemelhamento, podendo passar a sujeito-gago, silenciado pelo outro. Assim, a criança pode passar a se identificar como alguém com uma ideologia estigmatizada de falante.

Segundo Azevedo (2000), pensar a origem da gagueira seria analisar a forma como o adulto interpreta a fala da criança. Neste caso, é comum um discurso autoritário, como: *Fale direito! Respire fundo!* Esse comportamento conduz a criança a pensar que há um erro em qualquer lugar do seu corpo. Sendo assim, quando a criança fala, ela tem como modelo a fala do outro e busca sempre assemelhar-se a ele. Este outro pode julgá-la como sujeito gaguejante, o que pode provocar na criança um receio em falar e a utilização de estratégias

variadas, deslocando a tensão do ato da fala para outro órgão do corpo e podendo às vezes substituir por palavras que ela considera mais fáceis. Ao perceber a diferença com o outro, o sujeito falante pode passar a sujeito-gago.

4. Sintomas da Gagueira

Questão: Que sintomas estão associados à gagueira?
(Formação Discursiva 1 - a gagueira é vista como algo do corpo)

Essa pergunta também foi discutida pela formação discursiva: a gagueira é vista como algo do corpo. Procuramos identificar nessa questão, quais os sintomas que são relatados pelos sujeitos-gagos em relação à gagueira.

Tivemos como registro os seguintes sintomas relatados: “*fala atrapalhada*”; “*as pessoas não entendem a minha fala*”; “*fala rápida*”; “*Já tô acostumado com minha fala, não ligo, não. Só se a pessoa ficar rindo, aí eu paro de falar*”; “*Tremo, fico muito nervosa*”; “*fico suada*”; “*fico mexendo com os dedos*”; “*fico mexendo nos cabelos*”; “*mexo os olhos*”; “*fazer força*”; “*cansaço*”; “*cansaço na região da garganta*”; “*sinto uma tremedeira*”; “*falta força para falar*”; “*fico apreensiva, querendo falar mas não sai*”; “*vergonha*”; “*fico nervoso*”.

Van Riper (1972) grande estudioso da gagueira, descreve-a separando os comportamentos expressos dos comportamentos encobertos. Os comportamentos expressos referem-se às repetições, aos bloqueios e prolongamentos, onde ainda podem ser encontrados os comportamentos acessórios, que podem, ou não, estar presentes como sintomas no gago. São eles: tensão, tremor, reações de perseveração, fixação tensa da glote, utilização de ar residual, fala inspirada, medo de gaguejar, comportamento de evitação, estratégias para ganhar tempo (como a utilização de palavras desnecessárias), gestos faciais e manuais, além de outros. Já os comportamentos encobertos, que o autor descreve como os sentimentos e as reações da pessoa que gagueja, são de difícil registro, pois, por se encontrarem ocultos, dependem da palavra do gago. Ainda assim, inclui, nesta mesma categoria, o medo e seus precipitantes, como o medo de falar com autoridades, pessoas com

cargos hierarquicamente superiores, empresários prósperos, professores, bem como o medo de sentir-se ridículo, de que as pessoas riam da inabilidade na comunicação, da pressão do tempo. Descreve, ainda, locais que desencadeiam medo, como o telefone, que pode agravar a gagueira pelo medo antecipado de seu uso, consultórios médicos, lojas, pontos de ônibus, aeroportos e até igrejas. Existe ainda o medo de determinadas palavras e fonemas, bastante frequente em seus pacientes. Outros comportamentos encobertos são: frustração, hostilidade e culpa.

Já Meira (1983) aborda a perspectiva fenomenológica, dando uma continuidade entre o interno e externo do sujeito, partindo dos sintomas manifestos para chegar à essência da gagueira. Relata que a gagueira está envolvida por fortes camadas de tensão durante o decorrer da vida do sujeito-gago. Essas tensões são consideradas os invólucros da gagueira.

Tendo um olhar organicista sobre o sintoma, partimos da ideia de que ele faz parte do grupo de comportamentos que indicaria a doença, independente do que o sujeito apresenta. A maioria das disciplinas opera com a noção de sujeito da ciência, implicando em ver o sintoma de uma forma diferente da psicanálise, quando se pensa no consciente, o sintoma já está decifrado, porque se leva em conta o quadro típico do problema, grupo de comportamentos ou sinais que indicam a doença, independente do sujeito que a apresenta. O foco que impera é a doença, o distúrbio, mesmo levando em conta o sofrimento do sujeito. Quando na determinação dos sintomas é considerado o inconsciente o que é priorizado é justamente o contrário. O sentido é particular e geralmente relacionado à história do sujeito. No sujeito gago, o único aspecto que se tem em comum é o aspecto em que a gagueira se manifesta. No resto, cada caso deve ser visto particularmente. O sentido do sintoma gagueira será construído no trabalho terapêutico a partir da escuta que o terapeuta faz da fala do paciente sobre si e sua queixa, ou seja, além do comportamento manifesto da gagueira que o faz sofrer no momento em que ele se vê em um lugar estigmatizado socialmente (GUARNERI, 2002).

Em algumas sociedades, a ideologia do bem falar não é tão valorizada e cobrada como a nossa. Segundo Van Riper e Emerick (1997), vivemos em uma sociedade competitiva, motivada pela ascensão social e que considera a habilidade verbal importantíssima. Para que o sujeito se sinta aceito na sociedade é necessário que ele tenha

uma fala eficiente. A partir dessa ideologia do bem falar, cria-se um rótulo social, em que o sujeito que gagueja é estigmatizado (FRIEDMAN, 1994).

Sendo assim, o sintoma é discutido pela proposta discursiva como uma metáfora que deve ser compreendida, um significante que pede a sua interpretação, ou seja, o sintoma é sempre único e deve ser visto em sua singularidade.

5. Interpretação da Gagueira

Questão: Onde está localizada a gagueira?

(Formação Discursiva 1 - a gagueira é vista como algo do corpo)

Primeiramente queremos enfatizar que esta é a quinta e última análise ancora na Formação Discursiva 1: a gagueira é vista como algo do corpo.

Podemos analisar através das respostas dessa questão, três aspectos: o corpo; o objeto que serve de intermediação e o outro, que ocupa a posição de ouvinte.

Dos treze sujeitos que participaram da pesquisa, todos relacionaram a localização da gagueira a algum lugar do corpo, como por exemplo, o sujeito 3 diz que *‘acho que é psicológico, só pode ser lá. Porque às vezes eu falo normal e outras, não. Depende muito do momento. Então só pode ser lá’*. Seguindo o mesmo pensamento, o sujeito 12 acredita que a gagueira *‘ está no juízo, né?’*. Já o sujeito 5 diz *‘pode tá na língua, porque quando quero falar a língua enrola’*. Concordando com o sujeito 5, o sujeito 8 também relaciona o local da gagueira como estando na língua, referindo-se a *‘está na língua, né?’* Já o sujeito 6 acredita não se encontrar na língua, mas associa o lugar da gagueira na garganta, quando diz *‘ na garganta, né?’*, e sendo reforçado pelo sujeito 13 quando relata *“mais ou menos aqui assim, olhe(coloca a mão na garganta) Que a gente quer falar e ela não quer sair”*. O sujeito 7 diz *‘ eu acho que é na parte daqui da língua, entendeu? Deve ser na garganta ou na língua’*. O sujeito 9 acredita que a gagueira está situada em dos locais *‘ eu acho que em dois lugares, na garganta e na língua, sempre prende a fala, mas se eu ficar tranqüila, não fica prendendo, não’*.

É interessante notar que o sujeito 9, apesar de acreditar que a gagueira esteja em algum lugar do seu corpo, afirma que quando está tranquila isso não acontece, voltando assim, aquela mesma ideia da relação entre gagueira e nervosismo. No entanto, é importante verificar que, como se trata de estrutura do seu corpo, ou seja, como ela identifica que seja alguma dificuldade na língua e na garganta, estes funcionariam independentes de estar nervosa ou tranquila.

Dos treze sujeitos que relacionaram ser no corpo o lugar da gagueira, apenas um se referiu ao uso do telefone como sendo responsável por gerar a gagueira, servindo como objeto de mediação. O sujeito 6 se refere a esse dado como *‘por telefone eu gaguejo muito, não sei por quê. Tem hora que não sai uma palavra, e ainda é pior fazer a ligação porque quando pessoa liga pra mim, a pessoa vai falar e eu vou responder, né? Quando eu vou ligar, eu não sei o que dizer, aí começo a gaguejar, né?’*

Analisando o último e terceiro aspecto, sendo o outro ocupando a posição de ouvinte, dos trezes pesquisados, cinco identificaram pessoas que são geradoras de gagueira, como relata o sujeito 2 *‘ eu gaguejo mais com minha família, quando estou em casa’*. O sujeito 3 diz que gagueja mais quando é uma pessoa importante, que aí ele tem que falar melhor, porque senão, vai achar que vão rir dele, já que a pessoa tem uma dicção melhor. O sujeito 8 relatou gaguejar mais com os amigos, enquanto o sujeito 9 relata que *‘ se eu for falar com uma pessoa assim, juiz, advogado, prefeito, aí eu gaguejo’*. E o sujeito 13 diz que *‘ eu gaguejo mais quando vou tirar algum documento assim, mais ou menos, que eu vou ter que falar com a pessoa’*.

Como foi exposto na teoria desta pesquisa, acreditamos que a gagueira está situada em lugar diferente do que é proposto pela maioria dos estudos sobre ela. Vamos de acordo com Azevedo (2000; 2006), quando afirma que a gagueira não está no sujeito e nem no outro, mas nessa relação intervalar, ou seja, no discurso.

Verificamos com as respostas dadas pelos sujeitos dessa pesquisa, que a gagueira enquanto localizada no próprio corpo, o sujeito-gago se vê como:

- 1- A gagueira está no seu próprio corpo – o sujeito se vê impedido de falar, pois o que o silencia está em algum lugar do seu corpo.
- 2- A gagueira está na língua – o sujeito se vê como incapaz de produzir alguns fonemas, palavras que ele já tem a previsão do erro.

3- A gagueira encontra-se no outro ou em um objeto que serve como intermediação (telefone)

Segundo Azevedo (2006), o sujeito-gago localiza a sua gagueira materializando-a em um fonema ou uma palavra, um objeto, ou com um determinado ouvinte. Sendo assim, de acordo com os dados da pesquisa, teríamos que a gagueira está no próprio sujeito, no qual se coloca na posição de incapaz de produzir alguns fonemas, em que já julgaria, de antemão, a sua incapacidade e a previsão do erro; a gagueira estaria no objeto de intermediação (telefone), sendo o sujeito silenciado e colocado na posição de gago como efeito desse objeto, ou ainda, a gagueira estaria no outro, no interlocutor, havendo a passagem da posição de sujeito falante para sujeito-gago ou silenciado, como efeito de falar com um determinado ouvinte.

Notamos que existe um desencontro sobre onde está a gagueira a partir do ponto de vista do funcionamento da linguagem e sob o ponto de vista do sujeito-gago. Observamos no discurso do sujeito-gago, que ele retira do outro (ouvinte) a função de ser seu intérprete do discurso, para assumir a visão do outro como alguém que o interpreta como sujeito-gago. Na antecipação, conforme afirma Orlandi (2001), o locutor se coloca no lugar do seu ouvinte, a partir do seu próprio lugar, sendo constitutiva do discurso, no nível das formações imaginárias e significa a maneira como o falante representa o seu ouvinte e vice-versa.

Diante disso, o outro (ouvinte) deixa de ser visto como alguém com quem o sujeito-gago conversa, passando a assumir o lugar daquele que tem o objetivo de apontar seus erros, julgando-o o tempo inteiro como gago. Essa reação é aquilo que ele antecipa do outro, mas que nem sempre está no outro. Entendemos assim, que o espaço da constituição do sujeito é sempre uma posição em *relação a*, no entanto, esse conceito não é visto pelo sujeito-gago, já que ele se vê sempre como gago, cristalizado nessa mesma posição (AZEVEDO 2000; 2006)

Algumas posições discursivas são potencializadoras da gagueira, pois a língua por si só não desloca o sujeito para a posição de gago, visto que o sujeito consegue ser fluente quando fala sozinho. Sendo assim, para que haja a gagueira é preciso ter a presença de um ouvinte, que ocupa a posição de intérprete, que é visto por ele como alguém que vai censurá-lo, discriminá-lo, o que é diferente quando o interlocutor é um animal, uma

criança pequena, porque eles não poderão julgá-la como gago. Nas formações imaginárias do sujeito, o ouvinte é identificado como hierarquicamente superior, mais crítico, fazendo com que o sujeito se coloque na posição de gago. O ouvinte é antecipado como sujeito-censurador que contribui para o bloqueio da fala – a gagueira.

Sendo assim, ver o sujeito como posição implica em possibilidade terapêutica, uma vez que o distúrbio não se encontra no sujeito, mas na posição discursiva com o outro.

Formação Discursiva 2

Há precisão e certeza do erro

Esta é a segunda formação discursiva que ancora duas questões: *o que o mantém gaguejando? E quando percebe o momento de gagueira?* Antes de acontecer, no momento em que está falando ou depois que gaguejou?

Em todos os sujeitos da pesquisa, observamos que houve a previsão do erro, a certeza a priori de que sua fala falhará, antes mesmo da gagueira acontecer. Todos os sujeitos pesquisados percebem a gagueira antes mesmo que ela aconteça.

Segundo Azevedo (2006), é interessante ver que a gagueira é algo inerente à linguagem/sujeito e acontece devido à incompletude e a falta que a caracterizam. A autora relata que o momento da gagueira ocorre sem que haja a previsão do mesmo, e o sujeito-dito-fluente só percebe a gagueira depois que ela acontecer. Essa formação discursiva marca a condição de sujeito-gago que prevê a gagueira. Portanto, podemos afirmar que o sujeito-gago percebe o momento de gagueira antes mesmo que ela aconteça, o que o diferencia de um sujeito com gagueira natural, que identifica a gagueira apenas depois de ter ocorrido.

A autora relata que o sujeito-gago aguarda a situação de fala como um momento de grande dificuldade e, porque faz previsões do erro, realiza ensaios silenciosos, não fala ou mesmo insere algo no lugar da suposta dificuldade.

Azevedo (2006) esclarece que a perspectiva terapêutica linguístico-discursiva proporciona condições de trabalho que encaminhe o sujeito a um discurso mais fluido,

com pouca ou nenhuma previsão de erro, mas que sempre haverá momentos de gagueira ou disfluência natural em sua linguagem, uma vez que ela é inerente ao sujeito e a sua linguagem.

Assim, como dissemos anteriormente, esta formação discursiva foi proposta após a análise de dois tópicos abordados nas entrevistas dos treze sujeitos-gagos: manutenção da gagueira e percepção do momento de gagueira, que iremos analisar.

6. Manutenção da Gagueira

Questão: O que o mantém gaguejando?

(Formação Discursiva 2 - há previsão e certeza do erro)

Tivemos a intenção nessa questão de identificar no discurso dos sujeitos-gagos, aspectos responsáveis pela manutenção da gagueira, analisando a partir da formação discursiva 2 - *há previsão e certeza do erro*.

A maioria dos sujeitos que participaram da pesquisa (oito) indica como mantenedores da gagueira, a preocupação com a fala, falar rápido, nervosismo, já ter o hábito de gaguejar. Um exemplo disso é o que diz o sujeito 9 *'porque eu sempre fico preocupada. Se eu ficar falando direitinho sem me preocupar eu não gaguejo, não. Agora se eu começar a ficar estressada, com raiva, falar avexado, aí eu gaguejo'*. O sujeito 8 acredita que o que o mantém gaguejando é *'porque eu não sei falar corretamente, porque eu já me acostumei com o hábito de gaguejar.'* De acordo com os discursos dos sujeitos, essas situações é que fazem manter a gagueira.

Como foi dito por Van Riper (1982) e Johnson (1959), os momentos de gagueira podem ser mais ou menos intensos, conforme a pressão social exercida pelo interlocutor. Sendo assim, pessoas hierarquicamente superiores ou familiares costumam dificultar a fluidez da fala do gago e, ao contrário, pessoas desconhecidas ou pouco conhecidas são geradoras de menos gagueira.

É interessante considerar que a maioria dos sujeitos entrevistados relaciona a gagueira à ativação emocional, sendo estabelecido entre elas um vínculo de causa e efeito. No entanto, Azevedo (2006) afirma que, em sua experiência clínica, os sujeitos-gagos, mesmo submetidos a atividades de relaxamento, não deixam de gaguejar, ao mesmo tempo em que uma situação de alto estresse nem sempre faz com que sua gagueira fique mais intensa. Sendo assim, podemos concluir que as emoções estão ligadas à gagueira, porém não a causam nem a mantêm, porém podem estar associadas como consequências dos momentos de gagueira.

A preocupação com a situação da gagueira, o medo de deboches, medo de alguém rir da sua fala e o nervosismo em relação ao momento de fala com o outro, pode ser compreendida como *antecipação*, ou seja, o sujeito representa o discurso do interlocutor, e a *previsão do erro*, que marca o dizer do sujeito-gago, já que antes de falar, ele já tem a certeza de que irá gaguejar. Deste modo, são estes dois pontos – antecipação e previsão do erro - que merecem maior atenção no processo terapêutico com o sujeito-gago, porque, de fato, eles mantêm a posição do sujeito como falante-gago (AZEVEDO, 2006).

7. Percepção do momento de gagueira

Questão: Quando você percebe um momento de gagueira? Antes de acontecer, no momento em que acontece ou depois de gaguejar?

(Formação Discursiva 2 - há previsão e certeza do erro)

Esta questão teve como objetivo identificar quando o sujeito percebe o momento de gagueira, o que é essencial para o próprio diagnóstico fonoaudiológico da mesma. Este tópico também foi analisado a partir da formação discursiva 2 – *há previsão e certeza do erro*.

Dos treze sujeitos pesquisados, todos afirmam perceber o momento da gagueira antes mesmo que ele aconteça. O sujeito 3 diz ‘*antes de falar eu já sei que a palavra vai sair toda misturada. Ai eu acho que por pensar assim, ela não sai direito*’. Já o sujeito 4

afirma *‘sei que vou gaguejar antes de falar. Eu vou falar, aí fico falando devagar, mas sai a primeira palavra, só que depois volta a entalar de novo.’* O sujeito 5 reforça quando diz *‘eu sei que vou falar e aí a palavra vai sair mais gaguejada’*. O sujeito 6 afirma que *“antes de falar eu já sei que vou gaguejar. Porque eu penso que quando vou sair, vou falar, a palavra não quer sair, né?”*. Relatando o que foi dito pelo sujeito 7, ele diz que *‘quando eu vou falar, a gente já percebe que vai gaguejar mesmo, entendeu? Pode ser problema psicológico da gente, que você bota aquilo na cabeça, que você vai errar, que vai gaguejar, aí termina acontecendo. Você não fala direito, gagueja muito, entendeu?’*. O sujeito 8 relata que *‘antes eu já sei que vou gaguejar. Aí eu respiro fundo e começo tudo de novo. Eu repito só a palavra’*. O sujeito 9 diz que *antes de falar fica treinando e procurando para dizer a palavra certa*.

Van Riper (1972) e Johnson (1959) afirmam que a antecipação pode vir acompanhada de grande carga de emoções e da certeza de que a palavra a ser dita deve ser emitida com muito cuidado. Van Riper (1971) vê a gagueira como um comportamento de fala produzido com padrão temporal inadequado e da reação do falante a isso. O autor afirma que todos nós gaguejamos ocasionalmente. O medo de falar, a ansiedade, a antecipação do momento de gagueira, substituição de palavras que o sujeito realiza diante de sua dificuldade são fundamentais neste conceito de gagueira, implicando que para existir a gagueira, o sujeito deve considerar-se gago e apresentar sentimentos e reações à disfluência.

Segundo Jakubovicz (1997), entre os fatores que mais influenciam e precedem a gagueira estão a tensão muscular, a responsabilidade na comunicação, a reação do interlocutor e os momentos de gagueira anterior. Salienta também que nos bloqueios fonatórios ocorre a perda do contato visual e uma fixação muito prolongada, tendendo a bloquear no som inicial da palavra e na posição inicial da palavra na frase. Alguns fenômenos secundários são usados na tentativa de escapar ou esconder essa inabilidade para se dizer o que quer, encontrando-se algumas distorções faciais, como tensões visíveis da face e piscar de olhos, movimentos com o corpo, tremor nos lábios, entre outros.

Friedman (2004) relata que antecipar dificuldades na fala significa acreditar na sua existência, que é o que foi apontado sobre a forma de falar estigmatizada decorrente da interação paradoxal que foi mostrada ao indivíduo. Sendo assim, quando em situação de

comunicação, é comum que as dificuldades de fala sejam antecipadas seguidas da tentativa de evitá-las para que sua fala saia melhor. Dessa maneira, uma fala que se tornou tensa em virtude do conflito entre não poder falar como fala e não saber falar de outro modo, é somada a mais tensão para atender especificamente ao desejo de não se mostrar como mau falante. Refere-se também ao fato de que essa antecipação pode ser tão intensa que às vezes o sujeito opta por sair dela para não ter que falar, ou se não pode fazê-lo, começa a falar com um forte bloqueio. A atividade de fala é realizada de maneira demasiadamente rápida para admitir que o sujeito possa refletir como ele fala, ou seja, para falar não pensamos em “como” mas no “o quê”. Sendo assim, a imagem de si estigmatizada de falante e o desejo de evitá-la implica exatamente o contrário, pois a atenção do indivíduo que gagueja é levada a ligar-se em como falar, produzindo o aumento de tensão na atividade de fala.

Ainda citando Friedman (1986), os sujeitos definem-se a si mesmos como gagos. A autora ressalta a importância da imagem estigmatizada de falante na origem e na manutenção da gagueira e a antecipação dos momentos de falhas na fala. Tendo uma posição dentro das teorias sociais, procura ver a causa da gagueira não no indivíduo, mas na sua relação com os outros.

Nesse aspecto nós concordamos com Friedman, porém nomeamos esse mesmo fenômeno de *‘previsão do erro’*, e não, *“antecipação”*, já que esse termo na proposta discursiva refere-se à representação que o locutor faz do seu interlocutor, no discurso, termo que também foi utilizado para discutirmos as condições de produção na gagueira.

O sujeito-gago relaciona-se com uma sociedade que, por conceitos culturalmente adquiridos, rejeita esta produção linguística e o marginaliza, estigmatizando-o, ou negando a sua linguagem. Friedman (1986) relata que o sujeito-gago em uma situação de fala, depara-se com o falar e falhar, ou não falar, referindo-se à dúvida pela qual passa o indivíduo, sempre que há a possibilidade de utilizar a linguagem. Desta forma, o sujeito-gago passa por um evidente conflito em todas as situações de discurso: falar (e preocupar-se com a forma da fala), expondo-se à falha, ou não falar (e assumir a posterior frustração pelo insucesso). Complementando a ideia de Friedman, Azevedo (2000) relata que essas situações reforçam a insatisfação no discurso, caminhando para uma imediata frustração, uma vez que o discurso fica abalado. Sendo assim, a autora diz que *falar/falhar/frustrar-se*

x não falar/frustrar-se. O que é calado, poderia ter sido dito, é desejo. A frustração, enquanto finalização única deste conflito, seria então a sequela da evidência da inabilidade para a linguagem, fruto do resultado (qualquer um que seja – falar/não falar) conflituoso da situação de (preparação para) linguagem.

Azevedo (2006) vê que o sujeito-gago ocupa uma função-sujeito em uma formação social, visando o normal/patológico, em que qualquer deslize na sua fala é visto pela sociedade como patologicamente anormal. É nesse momento que o sujeito-gago é discriminado e marginalizado pela sociedade, pois a forma como ele fala não é aceita. É nessa posição em que ele se vê no outro, que ele se torna ainda mais gago. Podemos concluir assim, que o sujeito-gago é formado e é fruto da sua relação com o dizer e com o seu interlocutor, em que irá influenciar o lugar de onde ele fala, a sua posição e visão de falante perante à sociedade, posição de discurso dentro de uma sociedade hierarquizada e discriminadora. Ao pensar que o seu ouvinte está julgando a sua fala e o julgando como gago, o sujeito-gago recusando-se a ser visto como tal, acaba gaguejando ainda mais e reforçando a sua imagem patológica, sendo muitas vezes visto pela sociedade como ‘doente’.

Azevedo (2006) afirma que não convém separar sujeito gago de linguagem patológica, pois existe um sujeito que fala, um sujeito constituído na/pela linguagem e incluso em uma sociedade pautada por valores ideológicos, que interpelam os indivíduos enquanto sujeitos do seu dizer.

Desta forma, analisando o discurso dos sujeitos pesquisados, consideramos que o sujeito-gago, antes do momento da gagueira, já está certo do seu fracasso, porque prevê o erro e, então tem três possibilidades, como é exposto por Azevedo (2006):

- a) fala e falha (gagueja);
- b) fala e não falha (mas utiliza alguma estratégia discursiva ou não discursiva no lugar da palavra que sairia gaguejada, como a troca por outra considerada mais fácil ou o aperto dos olhos, na tentativa de liberar a palavra);
- c) silencia (deixa de falar, por considerar que gaguejará).

Formação Discursiva 3

Há algo que deve ser colocado no lugar do erro iminente (previsto e certo)

antes que ele ganhe visibilidade na interpretação.

Esta é a terceira formação discursiva e foi constituída a partir da discussão da próxima questão analisada nas entrevistas: O que faz para evitar ou adiar a gagueira?

8. Evitação ou Adiamento da Gagueira

Questão: O que faz para evitar ou adiar a gagueira?

(Formação Discursiva 3 - há algo que deve ser colocado no lugar do erro iminente - previsto e certo - antes que ele ganhe visibilidade na interpretação)

Quase todos os sujeitos que participaram da pesquisa (doze) relataram fazer algo para adiar ou evitar a gagueira. A grande maioria disse falar mais devagar, substituir a palavra a ser dita, antes de iniciá-la, ou mesmo durante a percepção do seu impedimento; controlar a fala; gaguejar, parar e repetir a palavra mais devagar; falar menos; respirar fundo antes de falar; bater no peito; mexer a língua dentro da boca. O sujeito 1 diz *'eu fico falando pausadamente, tento ficar tranquila'*; do mesmo modo, o sujeito 2 relata que *'quando eu to muito apressado pra falar, eu gaguejo mais, então diminuo a pressa'*.

Já o sujeito 3, relatou *'Respiro fundo. Às vezes eu consigo falar direito, outras vezes, não. Aí eu falo mais pausadamente. Substituo as palavras muitas vezes, e eu tenho muita dificuldade. Eu tenho muita dificuldade'*. O sujeito 4 diz que *'de vez em quando eu dou um tapa no peito, aí a palavra sai'*. O sujeito 4 ainda relatou que *'quando vou falar alguma coisa, mas eu sei que não vou conseguir, eu falo outra palavra parecida'*. O sujeito 7 disse que tinha vários artifícios, como *'bater o pé, bater a mão ou fechar os olhos, mas eu fui tirando isso, entendeu? Fui tentando falar sem fechar o olho, sem fazer gestos com a mão. Eu fazia isso como um jeito da palavra sair rápido, entendeu? É como se tivesse saindo aquele negócio do seu pulmão para sair rápido'*.

Para o sujeito 8 *'quando eu to falando, eu paro aí começo a falar de novo. Eu começo a parar. Quando eu falo rápido e começo a gaguejar, aí as pessoas dizem – 'parem e comece tudo de novo. Fale tudo de novo porque eu não entendi'*. Já o sujeito 12 diz *'eu fico mexendo a língua dentro da boca, como se fosse exercitar a língua pra falar.'*

Eu fico pensando – ‘será que vou falar a palavra certa? Aí eu começo’. O sujeito 13, ainda relacionando a gagueira com a fala rápida, relata que *‘aí eu diminuo a pressa da fala. Falo uma palavra mais curta. Se falar devagar não gagueja, sabe como é? Mas quando eu quero dar um recado assim, tá vendo, aí eu quero gaguejar’.*

Dos trezes sujeitos da pesquisa, apenas um relatou não fazer nada para evitar ou adiar a gagueira.

Van Riper (1972) refere-se a truques disparadores e adiadores como duas classes genéricas que englobam os comportamentos manifestos da gagueira. O indivíduo percebendo que vai falar, procura forçar a saída da fala, por exemplo, estalando a língua, apertando os olhos, batendo com a mão, ou disfarça tentando adiar a dificuldade que ele acredita que vai ter, interpondo palavras ou sons sem nexos. É importante considerar que um truque que para um sujeito tem caráter adador, para outro pode ser disparador da gagueira.

Friedman (2004) considera que a presença de truques ganha coerência dentro de uma história de desenvolvimento da fala que surge da interação paradoxal e da ideologia do bem falar que a sustenta, pois os truques passam a fazer parte de um ritual que se desenvolve para esse fim. O ritual de truques utilizados pelos sujeitos-gagos cria uma forma de confirmar a imagem estigmatizada de falante, permitindo que se continue falando, porque visa mascarar e superar as dificuldades antecipadas. No entanto, o indivíduo não percebe que, ao usá-lo, perpetua sua dificuldade. Deste modo, o truque é produto da antecipação de dificuldades na fala e, ao mesmo tempo, confirma sem que o indivíduo perceba que o seu uso torna-se condição necessária para que possa continuar falando.

Ainda com relação aos truques utilizados pelos sujeitos-gagos, no momento em que ele sente que não vai conseguir falar, e realiza o seu artifício conseguindo depois disso falar, permite enxergar que a dificuldade não é de fato na fala, uma vez que esse artifício nada tem a ver com os movimentos articulatórios. Os truques, assim, são mostrados como fetiches que fazem parte de um ritual para evitar a gagueira, antecipando as dificuldades que ocorrem na fala. No entanto, o indivíduo não percebe que o próprio truque pode ser pior na manifestação da gagueira, porque a sustenta e mantém a antecipação das falhas ao mesmo tempo em que decorre dela.

Na literatura sobre a gagueira é comum encontrar depoimentos e discussões sobre os truques utilizados pelos sujeitos gagos para disfarçar sua gagueira, como o uso dos

sinônimos ou algumas expressões que não são necessárias ao conteúdo da fala, mas que servem para adiar o momento da gagueira. Guarneri (2002) acredita que o uso desses artificios não é utilizado pelo gago na tentativa de disfarçar a gagueira, pois a gagueira é o próprio disfarce da fala do sujeito. Ainda considera que a gagueira é uma discussão do sujeito consigo mesmo, que justamente o coloca em suspenso impossibilitando que fale. Para a autora, a solução é procurar possibilidades de se sair bem com as palavras, podendo continuar sua fala sem conflitos, sem trazer à tona falas inconfessáveis no que concerne o seu desejo.

O respirar fundo antes de falar, dar uma pausa, trocar as palavras, tornam-se um ritual que prevê a dificuldade no ato da fala, consistindo a imagem de mal falante. Muitos dos sujeitos-gagos relatam que o difícil é começar a falar, depois que começa, é mais fácil. Concluimos que, antes de falar, há uma previsão do momento da gagueira. Quando se começa a falar, percebe-se a possibilidade concreta desse ato, tornando-se mais simples. Sentir-se gago ou sentir-se fluente, irá depender de suas relações com o meio e suas representações.

Tassinari (2001) relata que usar atalhos para esconder a gagueira prejudica muito a produção de sentido, colocando o sujeito-gago explicitamente na armadilha do significante. Por medo de falhar em uma palavra, ele a perdia, pois desviava, não só seu dizer como a escuta do interlocutor, gerando um outro tipo de gagueira, a do sentido. O foco da escuta fonoaudiológica, mesmo centrado nos dizeres não é e não deve ser impermeável ao dito, que é mantido pelos vários efeitos de sentidos manifestos nos movimentos corporais; nas assimetrias; nos rearranjos antifisiológicos, provocados nos sistemas que estão envolvidos na produção da fala.

Com relação a esse aspecto, partindo para a perspectiva discursiva, afirmamos que o sujeito-gago utiliza estratégias *discursivas* e *não-discursivas* com a intenção de adiar ou evitar a gagueira. As estratégias discursivas são aquelas que procuram adiar ou evitar a gagueira, em que o sujeito age sobre o discurso. Encontram-se nesta categoria as substituições de palavras (palavras previstas como possivelmente gaguejadas) por outras consideradas mais simples e, portanto, mais facilmente articuladas. As estratégias não-discursivas também objetivam evitar ou adiar o discurso gaguejado, com a diferença que, nestas, há uma fuga do discursivo. O sujeito age no corpo, utilizando um artifício corporal,

como piscar fortemente os olhos, bater os pés, as mãos, mexer a cabeça, sempre evitando gaguejar, ou tentando falar bem (AZEVEDO, 2006).

Formação Discursiva 4

Há fonemas e palavras considerados difíceis ou impossíveis de serem ditos

Esta quarta formação discursiva constituiu-se em função das respostas à questão: há sons (letras) e palavras que você considera mais difíceis de falar?

Os sujeitos-gagos que participaram da entrevista indicam a existência de *sons difíceis*. Podemos listar esses fonemas que podem ser representados pelos encontros consonantais e, em geral, sons plosivos, como o /p/, /t/ e /k/. Além disso, também foi relatado pelos pesquisados dificuldades em falar palavras grandes e que não usam cotidianamente.

A maioria dos sujeitos pesquisados indicou uma ou mais palavras que evita emitir durante a fala, porque considera que esta leva a uma fala gaguejada. Os sujeitos restantes relatam não haver palavra que, de antemão, gere a gagueira, porém relatam perceber, em determinada palavra, antes mesmo de dizê-la, que haverá um momento de gagueira.

O sujeito 2 diz que *'consigo falar tudo. Só me engancho nas palavras grandes e que não são do cotidiano'*. Seguindo nessa mesma dificuldade, o sujeito 3 afirma *'palavras muito grandes, assim como 'respectivamente'. Agora saiu normal, mas às vezes engancha, embaralha e não sai. Eu gaguejo mais quando eu to falando. Quando eu leio, não gaguejo. Só quando as palavras são complicadas e que não fazem parte do meu dia a dia.'* O sujeito 11 relata que *'depende da conversa, entendeu? Se tiver uma palavra, por exemplo, 'queijo', eu nunca gaguejo, mas se estou nervoso em uma conversa, eu vou gaguejar falando essas palavras'*.

Reforçando a ideia da gagueira como fruto da imagem estigmatizada de falante, Friedman (2004), aponta a gagueira como sendo produto da cristalização dessa consciência de si. Quando se pede, por exemplo, para uma criança, para que fale devagar, está mediando a não-aceitação da fala, ou seja, o fato de que se fala 'errado'. Utilizando esse

artifício, de falar pausado, o sujeito se interpreta como uma imagem estigmatizada de falante. Fora isso, o fato de falar mais pausado implica em falar dando mais atenção a maneira como os sons são articulados, em não ‘como’ falar. Essa atenção que é dada à articulação impõe uma atenção na dificuldade, ou antecipando esta dificuldade.

É interessante notar que ao contar sobre as palavras que tem mais dificuldades ou os sons que não conseguem sair, estes, sempre saem bem, certificando ainda mais a existência de um aparelho fonoarticulatório íntegro, e a manifestação da gagueira como um processo que é marcado historicamente. Não é difícil observar que todos os sons que em um determinado momento o sujeito apresenta dificuldade em emitir, em vários outros momentos aparecem sem dificuldade alguma.

Segundo Azevedo (2006), para o sujeito gago, falar implica sempre na possibilidade de errar. Na análise dos discursos de pessoas gagas, realizada em seu trabalho, percebe-se que é comum para um sujeito que se intitula gago acreditar em dificuldades articulatórias, dificuldades em pronunciar um som com /p/, /f/, /m/, então se entende que esse discurso é baseado, muitas vezes, nas tentativas de substituição das palavras que se iniciam com esses sons, ou em estratégias para dizer essas palavras sem gaguejar. Com isso, a preocupação do sujeito é voltada para a forma do discurso e não para o seu sentido.

A autora ainda relata que o sujeito-gago percebe a gagueira antes mesmo de ela acontecer, porque ele passa a prever seu ‘erro’ e quando acontece o momento de gagueira, o bloqueio, a hesitação, já não é mais nenhuma novidade. Assim, ele passa sempre a prever a sua gagueira, acrescentando uma lista de sons em que ele considera não conseguir falar.

Na perspectiva que fundamentamos essa pesquisa, podemos apontar, como sugere Azevedo (2000; 2006) para as condições de produção do discurso e não para o significante (sons, palavras) o estatuto da gagueira, uma vez que, ao contar a alguém que gagueja em determinado fonema ou palavra, geralmente, o sintoma não aparece. Isto marca, também, a garantia de que não há alteração articulatória que justifique a referida dificuldade fonológica ou lexical. Esse ponto também deve ser considerado como reflexão durante a terapia fonoaudiológica.

9. Fonemas e palavras considerados difíceis

Questão: Há sons (letras) e palavras que você considera mais difíceis de falar?

(Formação Discursiva 4 - há fonemas e palavras considerados difíceis ou impossíveis de serem ditos)

Ao discutir esse item, tivemos como objetivo realizar um levantamento de fonemas e palavras que são consideradas de difícil emissão pelo sujeito-gago.

Dos treze sujeitos pesquisados, oito relataram haver sons considerados difíceis. Um desses sujeitos listou os sons que sentia dificuldade que foram os seguintes encontros consonantais: *TRA; CRO; PR e CR*, e os demais relataram ter dificuldades em alguns sons, porém não estavam lembrados no momento. Os seis sujeitos restantes relatam não haver palavra que, de antemão, gere a gagueira, porém afirmam perceber, em determinada palavra, antes mesmo de dizê-la, que haverá um momento de gagueira. Entre as palavras, ditas “difíceis,” indicadas, foram apontadas: dizer o preço de algum produto (o sujeito trabalha como vendedor), dizendo que *‘ quando tenho que dizer um número, um preço, empanca mais’*. O sujeito 7 diz que tem dificuldade em várias palavras, relatando *‘eu sempre compro jornal para ficar por dentro das notícias, aí quando eu to lendo, eu sei que se eu for falar aquela palavra, eu vou gaguejar, entendeu? É que prende aqui, prende pra sair alguma palavra (coloca a mão na garganta). Eu não lembro de nenhuma palavra específica. A minha dificuldade é na saída da voz mesmo, entendeu?’*

Segundo Jakubovicz (1980) os gagos apresentam maiores dificuldades em estímulos muito longos, como a emissão de polissílabos, com palavras pouco frequentes na língua, com o discurso encadeado (a palavra isolada seria mais fácil do que a frase) e com a velocidade rápida de fala. Para a autora, a gagueira é considerada uma desordem sociomotora, que pela dificuldade de emitir alguns fonemas o sujeito adota uma postura anormal, antes mesmo que a corrente aérea saia dos pulmões, resultando em uma *performance* silenciosa do som ou a fragmentação da palavra.

Ainda citando a autora, ao se referir aos fonemas geradores de gagueira, indica que sons iniciais costumam ser de difícil emissão para o gago, enfatizando que, geralmente, a dificuldade ocorre na consoante, uma vez que esta é articulada com uma interrupção da corrente de ar, o que exige tensão articulatória maior.

Van Riper (1972) relata que o gago quando está falando sozinho, cantando, falando com crianças, animais, geralmente não gagueja, mostrando assim, a integridade do seu aparelho fonoarticulatório e a ideia de que existe alguma ligação entre a gagueira e as situações de relação entre as pessoas. O autor cita as estratégias que são utilizadas na intenção de esconder a gagueira, porém continuam a gerá-la.

Para Guarneri (2002), sempre foi óbvio que o gago ao apresentar os momentos de fluência mostra a integridade do seu aparelho fonoarticulatório, não havendo assim, intervenções desta ordem, querendo consertar o que não está estragado. A autora revela que na literatura sobre a gagueira são encontradas propostas terapêuticas que atuam no controle dos movimentos do corpo. O sintoma é resumido à própria manifestação do discurso que precisa ser removido, contornado e controlado pelos exercícios de coordenação corporal, respiratória e dos órgãos fonoarticulatórios. Considerando a integridade do aparelho fonoarticulatório do gago, questiona a coerência de tais propostas e o seu valor científico, uma vez que foge do problema em questão.

Friedman (2004) recomenda a utilização dos exercícios proprioceptivos no tratamento da gagueira, apontando a intenção de que esses exercícios propiciam a leveza dos movimentos da fala, aflorando a sensibilidade, favorecendo a capacidade de ser fluente e diminuindo a previsão dos momentos de dificuldade. A autora considera que a grande maioria dos sujeitos-gagos tem a integridade do sistema fonoarticulatório alienada da consciência, pelo fato dele acreditar que não consegue falar bem, ao mesmo tempo em que ele tenta falar bem, contribuindo para a imagem de si como mal falante, levando a comportamentos incompatíveis com esse objetivo. Preocupando-se com toda a elaboração para a fala sair perfeita, o sujeito-gago desperdiça muita energia para isso, ficando angustiado, fazendo um esforço sobre-humano para atingir uma fala perfeita.

Neste sentido, concordamos com Friedman (1994) e salientamos a inexistência *real* de fonemas ou palavras difíceis, já que o sujeito pode emitir fluentemente a palavra ou som indicado por ele como sendo de impossível emissão em qualquer outra situação de fala.

Podemos exemplificar a afirmação, relatando o caso do paciente que declarou não poder dizer “respectivamente”, mas nos trouxe a palavra, enquanto relatava a sua impossibilidade, sem momentos de gagueira. Acreditamos que este exemplo ilustra o fato de que não é a palavra que traz a gagueira, mas as condições de produção do discurso.

Formação Discursiva 5

Há posições discursivas geradoras de gagueira

A quinta formação discursiva foi constituída a partir da discussão da questão: que situações ou pessoas o conduzem a mais gagueira?

10. Condições de Produção geradoras de Gagueira

Questão: Que situações ou pessoas o conduzem a mais gagueira?

(Formação Discursiva 5 - Há posições discursivas geradoras de gagueira)

Esta questão foi trabalhada para conhecer posições discursivas geradoras de gagueira no sujeito-gago, considerando a ótica discursiva e, portanto, acreditando que o sujeito ocupa posições discursivas diferentes, dependendo das condições de produção.

Com relação às pessoas que conduzem os sujeitos a mais gagueira, falar com pessoas hierarquicamente superiores a elas foi a que mais se destacou, seguido de amigos e depois os familiares. Segundo o sujeito 3 *‘não tem uma pessoa específica. Existem muitas pessoas. Só quando é uma pessoa muito importante, aí você quer falar melhor, porque vai achar que ela vai rir da gente porque ela tem uma dicção melhor.’* Nessa questão, é interessante pensar no que foi abordado anteriormente, quando Azevedo (2006) se refere à antecipação que o sujeito-gago faz do seu ouvinte. Antes mesmo de falar, só pelo ouvinte ter uma posição hierarquicamente superior, o sujeito-gago já se coloca na posição dele, que passa ser de um interlocutor interessado no conteúdo que está sendo passado a um

interlocutor que está para julgar a forma com que ele fala. E como o mesmo se referiu anteriormente, podendo até rir dele por ter uma fala ‘melhor’.

O sujeito 6 trabalha como motorista de transporte escolar e comentou que com as crianças que ele leva para as escolas, não tem nenhum problema em falar, no entanto, quando vai falar com as mães dos alunos, a gagueira se apresenta mais. Disse também que até com o seu chefe não gagueja, pois quando vai falar com ele, já está com tudo pronto na cabeça, sobre o que vai falar e responder, caso surja alguma pergunta. O sujeito relatou que fica ensaiando, treinando o que vai responder para não se prejudicar.

Com as situações geradoras de gagueira, obtivemos grande parte das respostas como sendo situações de maior nervosismo, como diz o sujeito 7 *‘eu gaguejo mais quando eu to assim, mais estressado, falo rápido’*. O sujeito também relatou que *‘tem uma época que eu percebi que eu gaguejo mais. Eu fico mais assim no inverno. Fico mais gago do que no verão. É que eu sinto que tem época mesmo que eu falo melhor’*.

Já o sujeito 8, revelou que a situação que gagueja com mais frequência é quando está dialogando com alguém, conversando, apresentando um trabalho na escola, porque fica mais nervoso. Diz também que *‘eu gaguejo mais com meus amigos. Quando eu to apresentando um trabalho na escola e vejo que tem uma palavra que vou gaguejar, eu não falo, eu pulo’*. Remetendo-nos novamente à teoria que já foi discutida acima, percebemos na fala desse sujeito o que foi chamado por Azevedo (2000; 2006) de ‘previsão do erro’. O sujeito antes mesmo de falar já prevê que irá gaguejar, fazendo com isso, o uso de estratégias adiadoras da gagueira.

Para o sujeito 9, *‘quando eu to com vergonha de chegar perto da pessoa para falar e gaguejar, aí eu gaguejo. Se eu tiver bem à vontade, eu não gaguejo. Se tiver com uma pessoa conhecida, eu não gaguejo, não.’* O sujeito ainda relata sobre a questão de pessoas que aumentam seus momentos de disfluência, confirmando o que foi dito anteriormente, sobre pessoas hierarquicamente superiores *‘se eu for falar com uma pessoa importante, como um juiz, prefeito, advogado, aí eu fico gaguejando mais’*.

O sujeito 10 relata *‘tem situações que me deixa mais gago, mas vai depender às vezes se eu me agito um pouquinho, uma emoção. Se to tranqüilo, falo bem. Quando to com raiva também gaguejo muito.’* O sujeito 12 afirma *‘quando fico nervoso, discutindo com alguém e quando eu bebo, aí é que não sai nada.’*

O sujeito 13 é vendedor e trabalha em uma feira e diz *'quando eu vou falar meio avexado mesmo. Aqui mesmo no negócio, quando eu to despachando, aí eu boto pra gaguejar'*

Friedman (2004) explica que quanto mais a auto-imagem de falante está em jogo, mais importante se torna falar direito, gerando ativação emocional, tensão, prejudicando o movimento da fala, explicando o aumento da gagueira nas situações que o indivíduo tem de falar diante de pessoas que para ele representa uma autoridade, ou diante de um grupo que poderá julgá-lo, ou quando existe uma grande responsabilidade pela comunicação.

Segundo Azevedo (2000; 2006) algumas posições discursivas são potencializadoras da gagueira, pois a língua por si só não desloca o sujeito para a posição de gago, visto que o sujeito consegue ser fluente quando fala sozinho. Sendo assim, para que haja a gagueira é preciso ter a presença de um ouvinte, que ocupa a posição de intérprete, que é visto por ele como alguém que vai censurá-lo, discriminá-lo, o que é diferente quando o interlocutor é um animal, uma criança pequena, porque eles não poderão julgá-la como gago. Nas formações imaginárias do sujeito, o ouvinte é visto como hierarquicamente superior, mais crítico, fazendo com que o sujeito se coloque na posição de gago. O ouvinte é antecipado como sujeito-censurador que contribui para o bloqueio da fala – a gagueira.

A autora vê que o sujeito-gago ocupa uma função-sujeito em uma formação social, visando o normal/patológico, em que qualquer deslize na sua fala, ele é visto pela sociedade como patologicamente anormal. É nesse momento que o sujeito-gago é discriminado e marginalizado pela sociedade, pois a forma como ele fala não é aceita. É nessa posição, em que ele se vê no outro, que ele se torna ainda mais gago. Podemos concluir assim, que o sujeito-gago é formado e é fruto da sua relação com o dizer e com o seu interlocutor, em que irá influenciar o lugar de onde ele fala, a sua posição e visão de falante perante a sociedade, posição de discurso dentro de uma sociedade hierarquizada e discriminadora. Ao pensar que o seu ouvinte está julgando a sua fala e o julgando como gago, o sujeito-gago recusando-se a ser visto como tal, acaba gaguejando ainda mais e reforçando a sua imagem patológica, sendo muitas vezes visto pela sociedade como 'doente'.

Seguindo o enfoque discursivo, como as condições de produção estão presentes em toda situação discursiva, nelas estão contempladas a situação dos protagonistas, a relação

de sentido e a antecipação, devendo ser mais uma vez compreendidas na sua singularidade e escutadas terapeuticamente.

Formação Discursiva 6

Há posições discursivas geradoras de fluência

A sexta e última formação discursiva foi constituída a partir da discussão da questão: que situações ou pessoas o conduzem a uma fala sem gagueira?

11. Condições de Produção Geradoras de Fluência

Questão: Que situações ou pessoas o conduzem a uma fala sem gagueira?

(Formação Discursiva 6 - Há posições discursivas geradoras de fluência)

O objetivo desta questão foi identificar posições discursivas de fluência, ou seja, situações e pessoas que conduzem o sujeito-gago a um discurso fluente.

Com relação às pessoas que podem contribuir para o aumento da fluência, obtivemos respostas variadas, como falar com parentes, com conhecidos, com outro gago, com pessoas do trabalho, pessoas que os deixam à vontade e pessoas estranhas.

Quanto às situações geradoras de fluência, as respostas também foram bastante variadas, sendo descritas como, cantar, falar devagar, ler, ficar calmo. Ainda tivemos respostas em que os sujeitos disseram não haver diferença nem com pessoas ou situações, permanecendo gaguejar da mesma forma com todas as pessoas.

Para exemplificar essas três situações, usaremos relatos de alguns dos sujeitos participantes, como o sujeito 1 que diz *'eu gaguejo sempre. Só não gaguejo quando não falo'*. Junto ao sujeito 1, o sujeito 7 também afirma não haver diferença com quem fala. Já o sujeito 3 relata que *'eu gaguejo menos com as pessoas que são mais próximas a mim, porque eu sei que elas vão ter paciência de me ouvir falar'*. Em relação à situação que gagueja menos, o sujeito 2, que trabalha como vendedor, diz que *'quando eu to negociando, eu acho que gaguejo menos. No meu trabalho'*. O sujeito 5 afirma que não gagueja quando está numa festa, pois está rodeados geralmente, de pessoas desconhecidas.

Com relação ao sujeito 6, ele relata que *‘quando eu to com outro gago, eu falo mais bom do que quando eu falo com uma pessoa normal. É que eu fico pensando que eu falo melhor que ele, porque quando a pessoa fala bem, eu fico envergonhado, né?’*

Os sujeitos 8 e 12 relataram que só há maior momento de fluência quando estão cantando. Já o sujeito 9 fala que *‘eu gaguejo menos quando a pessoa tá me atendendo direitinho. Eu gaguejo mais fora de casa. Como eu tenho vergonha de falar com a pessoa, aí eu fico gaguejando. A pessoa que é gago tem que ficar tranqüilo, porque ele se avexar, ele não fala, não.’* O sujeito 11 diz que há o aumento de fluência quando está conversando com a noiva dele, porque ele sempre conversa devagar com ela, bem lentamente. E, por fim, o sujeito 13 quando diz que gagueja menos quando está em casa, com a sua família.

Blodstein (1949) identifica as seguintes condições de maior fluência em gagos, como ler em coro o mesmo material, falar com um animal, cantar, falar com crianças, falar e escrever ao mesmo tempo, fazer juras, falar sozinho, falar com o ritmo de balançar o corpo, ler alto sozinho, imitar um dialeto regional, falar sentindo-se calmo e relaxado, imitar a maneira dos outros falarem, falar e andar ao mesmo tempo, imitar um dialeto estrangeiro, falar e bater o ritmo com o pé, fazer uma observação inconsequente, falar em uma situação jocosa, falar com os dentes trincados, falar cantarolando, falar em tom mais baixo, falar e ao mesmo tempo dar a mensagem por escrito, falar sentindo-se confiante, falar enquanto pratica esporte e falar com o (a) namorado (a).

Scarpa (1995) acrescenta várias considerações em relação à gagueira, relatando que tanto a fluência como a disfluência apresentam relações entre o sujeito e a língua. Na tentativa de encontrar um conceito para a fluência, o autor conclui que esse conceito se dá pelo contrário, ou seja, a fluência se dá pelo contrário, pois não é um termo discutido, marcado, ideal, enquanto a disfluência é vista como um erro, um problema.

A fluência total é uma abstração, uma vez que a própria linguagem é constituída pela sua incompletude. A autora cita que *‘Os discursos transitam por outros discursos e quem faz a fluência é o outro (ouvinte). O interlocutor recompõe as disfluências e imperfeições da fala’* (op.cit.,p.176).

Segundo Azevedo (2000; 2006) a disfluência é o lugar da objetivação, o lugar onde a língua faz efeito, descobrindo regras. A disfluência é constituinte do sujeito e permanece até a idade adulta, uma vez que o conceito de fluência é ideal.

Consideramos, juntamente com Azevedo (2000; 2006) que a justificativa para a fluência seria a ausência de ouvinte ou a impossibilidade de se sentir julgado por ele de “gago”, no caso de falar com crianças pequenas ou animais. Já nos casos de cantar, recitar poesias, imitar um dialeto regional ou estrangeiro, o ritmo favorece a fluência, uma vez que leva o sujeito a um efeito de distração da fala (não é a sua linguagem). Quanto a emitir linguagem automática, como seriações, interjeições ou falar palavrões, salientamos que a linguagem elaborada é que conduz o sujeito à posição de gago, porque o insere na ordem do discurso.

Sendo assim, para existir gagueira é necessário um ouvinte. O indivíduo sozinho nunca gagueja, assim como é fluente quando fala com uma criança pequena, ou com um animal, ouvintes não críticos. Por isso que acreditamos que se houvesse algum dano neurológico no sujeito-gago, haveria um caráter de permanência no distúrbio.

Os momentos de fluência ocorrem em todos os casos, mesmo nos mais severos, além de serem grandes indicadores de que, de fato, ela advém de uma situação discursiva.

No entanto, gostaríamos de salienta que, apesar dos sujeitos relatarem situações como condições de fluência, é fundamental uma escuta singular para que se possa conhecer o sujeito da linguagem. Azevedo (2006) considera importante recuperar a noção de fluência como incompleta, uma vez que esta não é ideal, mas se constitui por falta e incompletude, inerentes à linguagem. Assim, o sujeito-fluente-ideal é uma abstração, pois consideramos que o sujeito-fluente traz falhas e imperfeições em sua fala. Deste modo, partindo deste pressuposto, a terapia fonoaudiológica deve ressignificar a concepção de fluência, procurando compreender a disfluência/hesitação como constituinte do sujeito/linguagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“ Se você nunca foi gago não pode ter a mais remota ideia do misterioso poder de desaprovação da sociedade para com isso a que chamam de gagueira. É talvez uma das influências sociais mais desmoralizantes, perplexificantes e aterroradoras de nossa cultura”
(Johnson, 1959)

Diante do que foi estudado, observamos que a gagueira tem sido discutida por diferentes concepções teórico-metodológicas, onde cada qual procura estudar os objetos de seu interesse. É comum vermos vários objetos sendo discutidos e estudados sob diferentes concepções, que não necessariamente excluem umas às outras. Atualmente, podemos dizer que temos duas correntes que se propõem ao estudo da gagueira. Uma que estuda o objeto em si, excluindo o contexto em que ela ocorre, e a outra que estuda a partir do seu contexto.

A gagueira pode ser considerada como uma das dificuldades mais penalizadas pela sociedade. É aprendido pelo gago desde muito cedo que o desejável é não gaguejar, pois a sociedade o recompensa pela fluência. Sendo assim, é entendido por ele que, quando não se fala fluentemente, está se fazendo algo de errado. Desse erro, é originada a culpa por não conseguir falar de uma outra forma que seja aceita e desejada de acordo com o que as outras pessoas esperem que ele fale. Acredito que um dos pontos principais que posso fazer enquanto fonoaudióloga, profissional da área, é desmistificar essas crenças errôneas a respeito da gagueira. É fazer entender que a gagueira é inerente à linguagem do sujeito.

Com os repetidos fracassos no ato de falar, o gago passa a acreditar que a comunicação é muito difícil e que ele, de certa forma, é imperfeito e inferior como pessoa. Aos poucos, quando entra na idade adulta, sua auto-imagem torna-se tão infiltrada com pensamentos mórbidos e negativos que ela antecipa e interpreta a maioria de suas experiências diárias em termos de sua anormalidade da fala. A gagueira tende a dominar seus dias, bem como seus sonhos .

Esta pesquisa nos conduziu a uma série de reflexões, uma vez que tivemos como objetivo realizar uma análise discursiva de adultos diagnosticados como gagos em três

idades do interior de Pernambuco (Macaparana, São Vicente Férrer e Limoeiro) e analisar o que dizem sobre suas dificuldades em desenvolverem seus processos de linguagem e interação, imersas em um quadro de gagueira, além de identificar as marcas e propriedades discursivas que caracterizam o discurso dos adultos diagnosticados como gogos e descrever as estratégias discursivas que servem como apoio para o alcance de uma possível fluência e veículo de interação utilizado pelos sujeitos em estudo.

Ao longo do estudo, procuramos compreender as queixas dos sujeitos-gogos em relação à etiologia, à interpretação da gagueira e os seus sintomas, analisar condições de produção geradoras de gagueira ou fluência, fonemas e palavras considerados difíceis no discurso, estratégias de evitação e adiamento da gagueira.

Na análise dos treze sujeitos participantes da pesquisa analisamos e identificamos as seguintes formações discursivas: a) a gagueira é vista como algo do corpo; b) há previsão e certeza do erro; c) há algo que deve ser colocado no lugar do erro iminente (previsto e certo), antes que ele ganhe visibilidade na interpretação; d) há fonemas e palavras considerados difíceis ou impossíveis de serem ditos; e) há posições discursivas geradoras de gagueira; f) há posições discursivas geradoras de fluência. Essas formações discursivas estão materializadas no discurso dos sujeitos-gogos.

Como resultado, a maioria dos sujeitos-gogos informou sobre a gagueira como queixa principal. Já em relação aos conceitos sobre a gagueira tivemos respostas variadas, no entanto, elas se convergiam em um ponto - eram materializadas em algo do corpo e, em sua maioria, tendo a relação entre nervosismo e gagueira, à localização de um espaço corporal, à velocidade da fala, a características linguísticas da gagueira, a questões emocionais.

Em relação à etiologia da gagueira, as respostas dos entrevistados apontam para causa orgânica/ hereditária; causas psico-emocionais; imitação, além das crenças populares muito comuns em cidades do interior.

Recorremos à Análise do Discurso de linha francesa (AD) e à Psicanálise lacaniana para estudar a constituição e situação do sujeito gogo.

Quanto à interpretação da gagueira, os sujeitos pesquisados identificam a gagueira como estando neles próprios, no outro ou na língua. No entanto, como compreendemos a gagueira como um problema linguístico-discursivo, acreditamos que ela

não se encontra em nenhum destes lugares, mas no espaço intervalar, no espaço do discurso, em uma relação direta com as condições de produção e a exterioridade.

É a partir daí que a gagueira acontece pelas formações imaginárias, onde se constituem a relação de forças (o lugar a partir do qual o sujeito fala constitui o seu dizer), a relação de sentido (interdiscursividade) e a antecipação (capacidade de colocar-se no lugar do seu ouvinte). A antecipação pode ser facilmente observada especificamente nos discursos analisados, uma vez que o sujeito-gago relata acreditar que o outro espera pela sua gagueira, critica a sua fala, ou ri da sua falha.

Já quanto aos sintomas da gagueira, os sujeitos responderam: “ *fala atrapalhada*”; “ *as pessoas não entendem a minha fala*”; “ *fala rápida*”; “ *Já tô acostumado com minha fala, não ligo, não. Só se a pessoa ficar rindo, aí eu paro de falar*”; “ *Tremo, fico muito nervosa*”; “ *fico suada*”; “ *fico mexendo com os dedos*”; “ *fico mexendo nos cabelos*”; “ *mexo os olhos*”; “ *fazer força*”; “ *cansaço*”; “ *cansaço na região da garganta*”; “ *sinto uma tremedeira*”; “ *falta força para falar*”; “ *fico apreensiva, querendo falar mas não sai*”; “ *vergonha*”; “ *fico nervoso*”.

Verificamos que em todos estes tópicos que foram discutidos, há uma formação discursiva que é constituída: a gagueira é vista como algo do corpo.

Os sujeitos pesquisados identificam como fatores mantenedores da gagueira: *a preocupação com a fala, falar rápido, nervosismo, já ter o hábito de gaguejar, entre outros*.

Ao perguntarmos sobre o momento de percepção da gagueira, a grande maioria dos sujeitos analisados respondeu que percebe a gagueira antes mesmo que ela aconteça, o que gera nova formação discursiva: há previsão e certeza do erro.

Acreditamos que esse é um dos pontos principais a serem trabalhados com o sujeito-gago, pois para eles, falar implica em gaguejar, falhar, errar, não considerando que a linguagem é constituída pela incompletude. Na tentativa de falar sem gaguejar, muitas vezes o sujeito-gago acaba ensaiando e planejando a sua fala, além de utilizar estratégias discursivas (substituição das palavras que são ‘difíceis’ de falar pelas mais ‘fáceis’) e as não-discursivas (tiques corporais, como bater os pés, as mãos), na intenção de adiar ou evitar a gagueira.

A formação discursiva seguinte - há algo que deve ser colocado no lugar do erro iminente - previsto e certo - antes que ele ganhe visibilidade na interpretação – aponta que quase todos os sujeitos da pesquisa relatam fazer algo com o intuito de evitar ou adiar a gagueira. Neste sentido, relatam falar mais devagar falar, substituir a palavra a ser dita, antes de iniciá-la, ou mesmo durante a percepção do seu impedimento; controlar a fala; gaguejar, parar e repetir a palavra mais devagar; falar menos; respirar fundo antes de falar; bater no peito; mexer a língua dentro da boca.

Há fonemas e palavras considerados difíceis ou impossíveis de serem ditos. Esta formação discursiva se forma a partir do discurso dos sujeitos-gagos, ao apontarem listas de fonemas e palavras que impossibilitam o seu dizer. É preciso salientar que não existe uma inabilidade ou incapacidade articulatória nestes sujeitos e que são as condições de produção do discurso que conduzem a uma fala com momentos de mais ou menos gagueira.

A formação discursiva: há posições discursivas geradoras de gagueira foi composta, de: falar com pessoas hierarquicamente superiores, amigos, familiares, quando tá nervoso, vai falar uma palavra grande, entre outras respostas.

Da mesma maneira, obtivemos diversas respostas às posições discursivas geradoras de fluência, como falar com parentes, com conhecidos, com outro gago, com pessoas do trabalho, pessoas que os deixam à vontade, pessoas estranhas, cantar, falar devagar, ler, ficar calmo.

Chegamos ao consenso de que a gagueira é vista como uma forma de sofrimento e procuramos compreendê-la como um distúrbio discursivo, diretamente relacionado às condições de produção (relação de forças, de sentido e antecipação) caracterizada pela ocorrência de repetições de sons, sílabas, palavras ou frases, hesitações, prolongamentos de fonemas e/ou bloqueios tensos de sons, em que, mesmo antes de falar, o sujeito já tem a certeza de que gaguejará.

Observamos que há uma ordem direta entre o sujeito que fala, a presença de um outro interlocutor e a ocorrência de situações de gagueira. Se não há ouvinte ou se este não é visto como alguém que julga, não há momentos de gagueira. Se, ao contrário, este outro-interlocutor é antecipado como alguém que coloca o sujeito falante na posição de gago, então, há momentos de gagueira.

A partir dos estudos da AD, procuramos compreender que o sujeito-gago é discriminado diante da sociedade, sendo sua gagueira vista como uma *doença*, que precisa ser curada. Uma das nossas intenções diante da gagueira é inserir outra visão sobre ela, tentando desmistificar que a fala é sempre perfeita, sem deslizes. É fazer com que o gago perceba em sua fala seus momentos de fluência e mudar sua imagem estigmatizada de sujeito-gago, para sujeito-fluente. Existe uma ideologia do bem falar na sociedade. Por isso, é esperado que todas as pessoas falem bem e corretamente. Ao gaguejar, o sujeito carrega consigo a imagem estigmatizada de falante, formada ainda na infância, considerando um estigma social marcado. A partir dessa visão, entendemos a importância que os valores sociais e a interpretação do outro tem para a produção da fala.

Vivemos em uma sociedade que é impregnada pelo poder, pautada em divisões e isso faz pensar em determinadas posições que são ocupadas pelos sujeitos nessa sociedade. O sujeito-gago como integrante dessa sociedade também é visto como sujeito marginalizado, por ser visto como portador de uma ‘doença’.

Tivemos também como a intenção na realização dessa pesquisa, de instaurar uma outra possibilidade discursiva dentro da Fonoaudiologia, no estudo das disfluências. Para isso, precisamos realizar a ressignificação do sujeito na/da linguagem, compreendendo que não só faz parte da constituição do sujeito, mas de toda uma dinâmica de funcionamento discursivo e das representações entre os interlocutores.

Para o sujeito-gago, falar implica sempre na possibilidade de errar, gaguejar. A linguagem é constituída pela falta e incompletude. Como vimos ao longo do trabalho, o discurso só faz sentido no dizer do outro. É este quem reorganiza o dizer do sujeito.

Esperamos que este trabalho contribua para iluminar e despertar novos interesses para os estudos sobre a gagueira, uma vez que existem poucas publicações que olham esse distúrbio sob a ótica discursiva, procurando incluir o sujeito e a linguagem em sua abordagem e ver a gagueira como um lugar de subjetivação discursiva.

Essa pesquisa permite avançarmos na reflexão sobre a gagueira e a possibilidade terapêutica sobre o aporte teórico do discurso.

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, C.R.F. Programa fonoaudiológico de avaliação das gagueiras Infantis. Revista da Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia, ano 2, Suplemento 1, p.61-66, nov. 2001

_____. Diagnóstico e intervenção precoce no tratamento das gagueiras infantis. Carapicuíba, SP: Pró-Fono, 1999.

_____. Qualidade de vida em indivíduos com gagueira desenvolvimental persistente. Pró-Fono Revista de Atualização Científica. 2008. 219-224.

ANDRADE, C. R. F. . Perfil familiar da gagueira: estudo linguístico, eletromiográfico e acústico. Pró-Fono (Impresso), v. 22, p. 169-174, 2010.

AUTHIER-REVUZ. (1982) *Heterogeneidade mostrada e heterogeneidade constitutiva: elementos para uma abordagem do outro no discurso*. In: Authier-Revuz, Jacqueline. Entre a transparência e a opacidade: um estudo enunciativo do sentido. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1982. p. 11-80.

AZEVEDO, N.P.S.G. A gagueira sob a perspectiva lingüístico-discursiva: um olhar sobre a terapia. Tese de doutorado (doutorado em Letras e Lingüística). UFPB – PB, 2006.

_____. Uma Análise discursiva da gagueira: trajetórias de silenciamento e alienação na língua. 2000. 126 f. Dissertação (Mestrado) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC-SP. Curso de Mestrado em Fonoaudiologia.

AZEVEDO, N. P. S. G.; FREIRE, M. R. “*Trajetórias de silenciamento e aprisionamento na língua: o sujeito, a gagueira e o outro*”, In: CUNHA, M.C.; FRIEDMAN, S. *Gagueira e subjetividade: possibilidades de tratamento*. Porto Alegre: Artmed, 2001.

BLOODSTEIN, O. Conditions under which stuttering is reduced or absent. Illinois:ASHA, 1949, p. 295-302.

BLOODSTEIN, O. Stuttering – the search for a cause and cure. Needham Heights: Allyn and Bacon, 1993.

BLOOM, L. Notes for a history os speech pathology. The Psychoanalytic Review n.65, 1978.

BOHNEN, A. J. Sobre paradigmas, linguagem e gagueira. Fono Atual. São Paulo, 14: 8-13, 1º trimestre, 2000.

- BOHNEN, A.J. “Avaliando crianças com gagueira”, in: RIBEIRO, Ignês M.(org). Conhecimentos essenciais para atender bem a pessoa com gagueira. São José dos Campos, SP: Pulso Editorial, 2003a.
- BRANDÃO, H. H. Nagamine. Introdução à análise do discurso. 8. ed. Campinas, sp: Unicamp, 2004. 96 p.
- BRANDI, E. *Voz falada: estudo, avaliação e tratamento*. São Paulo: Atheneu, 1990.
- BRITTO, M. M. de; QUEIROGA, Érika; COSTA, Roberta. Disfluência Infantil: Tratamento direto X Tratamento indireto. Revista Fono Atual, Ano 4, Janeiro 2001, n 15.
- BRITTO PEREIRA, M.M. Análise Lingüística da Gagueira. Ed.AM 3 artes; 2002.
- CANGUILHEM, G. O normal e o patológico. Tradução: Maria Thereza Barrocas. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1966.
- CHAVES, T.A. À procura de um novo olhar sobre a gagueira. In: MEIRA, I. *Tratando gagueira: diferentes abordagens*. São Paulo. Cortez, 2002.
- CHAUI, M. O que é ideologia. SP: Brasiliense, 1980.
- CONTURE, E. Evaluating childhood stuttering. In: CURLEE, R.F & SIEGEL, G.M. Nature and treatment of stuttering. New directions. Needham Heights: Allyn and Bacon, 1997.
- COURTINE, J. J. Defintion d’ orientations théoriques et methodologiques en analyse de discours. Philosophiques, v.9, n.2, Paris, 1984.
- CUNHA, M.C. *Gagueira: qual o alvo desses estilhaços de palavras?* In: CUNHA, M.C.; FRIEDMAN, S. *Gagueira e subjetividade: possibilidades de tratamento*. Porto Alegre: Artmed, 2001.
- CUNHA, M.C.; GOMES, R.E.O. Fonoaudiologia e psicanálise: uma reflexão sobre a gagueira e o inconsciente. In: PASSOS, M.C. (org.) *Fonoaudiologia: recriando seus sentidos*. São Paulo: Plexus, 1996.
- DEMO, P. Metodologia científica em ciências sociais. São Paulo, Atlas, 1995.
- DINVILLE, C. *A gagueira: Sintomatologia e Tratamento*. Rio de Janeiro: Enelivros, 1993. 164 p. (biblioteca fonoaudiológica) .

FERRIOLLI, B.H.V.M. A Análise de discurso como proposta clínica fonoaudiológica nos casos de disfluência da fala. Relato de um caso. In: MEIRA, I. *Tratando Gagueira: diferentes abordagens*. São Paulo: Cortez, 2002; p.79-90.

FOUCAULT, M. A arqueologia do saber. Petrópolis: Vozes, 1969.

_____. A Arqueologia do Saber. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

FRIEDMAN, S. *Gagueira: Origem e Tratamento*. 2. ed. São Paulo: Summus, 1994. 143

FRIEDMAN, S.; CUNHA, M. C. (Org.). *Gagueira e Subjetividade: possibilidades de tratamento*. Porto Alegre: Artmed, 2004. 160p

FRIEDMAN, S. *Cartas com um paciente (co-autor): Um processo de terapia para gagueira*. 1. ed. São Paulo: EDUC, 1986. 71 p.

GUARNERI, L.B. Na Clínica fonoaudiológica da gagueira: um sintoma atropelado, explicado ou decifrado? In: MEIRA, I. *Tratando Gagueira: diferentes abordagens*. São Paulo: Cortez, 2002; p.91-112.

HENRY, P. Os fundamentos teóricos da análise automática do discurso de M. Pêcheux. In: GADET, F., HAK, T. Por uma análise automática do discurso. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1990.

IRWIN, A. *Gagueira: uma ajuda prática em qualquer idade*. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

KELLY, R.E.O.G. “O buraco na língua ou... Há especificidade no Sintoma da Gagueira?”, In: CUNHA, M.C.; FRIEDMAN, S. *Gagueira e subjetividade: possibilidades de tratamento*. Porto Alegre: Artmed, 2001.

JAKUBOVICZ, R. *A Gagueira: teoria e tratamento de adultos e crianças*. Rio de Janeiro: Edições Antares, 1980.

JAKUBOVICZ, R. *A Gagueira: teoria e tratamento de adultos e crianças*. São Paulo, Revinter, 1997.

JOHNSON, W. The onset of stuttering. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1959.

LACAN, J. Seminário 4 ed. A relação de objeto. Rio de Janeiro: Zahar, 1996.

_____, Os Complexos Familiares na Formação do Indivíduo. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1990.

LOGAN, R. The three dimensions of stuttering. Neurology, behavior and emotion. London: Whurr Publisher Ltd, 1999.

MARTINS, M.C.F. Considerações sobre a metodologia qualitativa como recurso para o estudo das ações de humanização em saúde. Saúde e Sociedade v.13, n.3, p.44-57, set-dez 2004.

MEIRA, Í. *Gagueira: do fato para o fenômeno*. 2.ed. São Paulo: Cortez, 1983. 143 p.

_____. *Gagueira: um caso clínico*. Revista Fono Atual. Março 2000, n 11; p 08.

MERLO, S. Hesitações na fala semi-espontânea: análise por séries temporais. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Linguística). Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, Campinas, SP, 2006.

NEVES, J.L. Pesquisa Qualitativa – característicos, usos e possibilidades. Cadernos de Pesquisas em administração. São Paulo, v.1, nº 3. 1996.

OLIVEIRA P. *A gagueira: a teoria na prática*. São Paulo, CEFAC. 1998.

ORLANDI, E.P. A linguagem e seu funcionamento. SP. Brasiliense, 1984.

_____. *A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*. Campinas, SP: Pontes, 1987.

_____. *Sujeito e texto*. SP: Educ, 1988.

_____. *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1993.

_____. *Interpretação – autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

_____. *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. Campinas, SP: Pontes, 2000.

_____. *Discurso e texto: formulação e circulação dos sentidos*. Campinas, SP: Pontes, 2001.

PANHOCA, I; et.al. Para falar de gagueira. In: LACERDA, C.B.F.; PANHOCA, I. Tempo de Fonoaudiologia III. Taubaté, SP: Cabral Editora Universitária, 2000.

PÊCHEUX, M. *Análise do Discurso: três épocas*. In: GADET, F.; HAK, T. *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1997.

PÊCHEUX, M. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1988.

PÊCHEUX, M. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Tradução Eni Orlandi. Campinas. Ed. Unicamp, 1975.

PÊCHEUX, M. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. Tradução Eni Orlandi, Campinas, SP: Pontes, 1990.

PERKINS, W.H. San Diego, California: Singular Publishing Group, Inc., 1990.

ROCHA, E.M.N. O adulto que gagueja. In: RIBEIRO, I.M. (org) *Conhecimentos essenciais para atender bem a pessoa com Gagueira*. São José dos Campos, SP: Pulso, 2002, p. 89-109.

RODRIGUES, P.R. “O tratamento do adulto gago.”, In: CUNHA, M.C.; FRIEDMAN, S. *Gagueira e subjetividade: possibilidades de tratamento*. Porto Alegre: Artmed, 2001.

SCARPA, E.M. Sobre o sujeito fluente. *Cad. de Estudos Lingüísticos*, Campinas, v.29, p.163-184, Jul./Dez., 1995.

SCHRAGER, O.L. “ Orientaciones para el tratamiento de la tartamudez en niño em edad pré-escolar. In: patologia de La comunicaci3n. Suplemento nº 5. Buenos Aires, 1969.

SHEEHAN, J.G. Conflict theory of stuttering. In: EISENSON, J. (ed). *Stuttering: a symposium*. New York: Harper, 1975.

SOUZA, L.A.P. “*Da gagueira: entre o medo e o desejo.*”, In: CUNHA, M.C.; FRIEDMAN, S. *Gagueira e subjetividade: possibilidades de tratamento*. Porto Alegre: Artmed, 2001.

SPRITZER, S. Distúrbios da linguagem e Psicanálise: distúrbios da ou na linguagem. *Revista Brasileira de Psicanálise*, n. 33 [s.d].

STARKWEATHER, C.W. A simple theory os stuttering. *Journal of Fluency Disorders*, 20 (2): 91-116, 1995.

TASSINARI, M.I. Do sintoma ao sujeito: contribuições da Psicanálise para o atendimento de um paciente gago. In: FRIEDMAN, S.; CUNHA, M.C. (Orgs) *Gagueira e subjetividade: possibilidades de tratamento*. São Paulo: Artmed, 2001, p. 77-94.

TEIXEIRA, M. *Análise de Discurso e Psicanálise: Elementos para uma abordagem no sentido no discurso*. 2ª edição, 2005. Porto Alegre, 210 p.

TFOUNI, L.V. A noção de sujeito e seu processo de construção. Disciplina ministrada na Pós-graduação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, Departamento de Psicologia da USP de Ribeirão Preto – SP, 2000.

TRIVIÑOS, A. N. S. Introdução à pesquisa em ciências sociais, a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo, Atlas, 1987.

VAN RIPER, C. *Speech Correction : principles and methods*. 5 ed., Englewood Cliffs, New Jersey: Prentice-Hall, 1972.

_____. The treatment of stuttering. Englewood Cliffs, New Jersey: Prentice - Hall, 1939.

_____. The nature of stuttering. Englewood Cliffs, New Jersey: Prentice-Hall, 1982.

VAN RIPER, C.; EMERICK, L. *Correção da Linguagem: uma introdução à patologia da fala e à audiologia* [trad. Marcos Antônio Guirado Domingues] - 8 ed. Porto Alegre: Artmed, 1997, 445p.

YAIRI, E. The onset of suttering in two-and three-year-old children. Journal of Speech and hearing Disorders, 48. 1983.

YAIRI, E. & AMBROSE, N. A longitudinal study of stuttering in children: selected factors. Journal of speech and Hearing Research, 35, 1992 a.

YAIRI, E. & AMBROSE, N. A Onset of stuttering in preschool children. Journal of speech and Hearing Research, 35, 1992 b.

APÊNDICES

APÊNDICE I

ENTREVISTA

Título da Pesquisa: ANÁLISE DO DISCURSO DE ADULTOS DIAGNOSTICADOS COMO GAGOS EM TRÊS CIDADES DO INTERIOR DO ESTADO DE PERNAMBUCO

Autora: Tatiana Maria Corrêa Cavalcanti

Orientadora: Profa Nadia Pereira Gonçalves de Azevedo

Nome: _____
Idade: _____ Sexo: _____

- 1) Qual a sua queixa em relação à fala?
- 2) Qual o seu conceito de “gagueira”?
- 3) Qual a causa do seu problema?
- 4) Que sintomas estão associados à gagueira?
- 5) O que faz para evitar ou adiar a gagueira?
- 6) Onde está localizada a gagueira?
- 7) O que o mantém gaguejando?
- 8) Que situações ou pessoas o conduzem a mais gagueira?
- 9) Que situações ou pessoas o conduzem a uma fala sem gagueira?
- 10) Há sons (letras) e palavras que você considera mais difíceis de falar?
- 11) Quando você percebe um momento de gagueira? Antes de acontecer, no momento em que acontece ou depois de gaguejar?

APÊNDICE II



UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO - UNICAP

**TERMO DE LIVRE CONSENTIMENTO E ESCLARECIMENTO PARA
PARTICIPAÇÃO EM ESTUDO CLÍNICO OBSERVANDO A RESOLUÇÃO 196 /96**

TÍTULO: ANÁLISE DO DISCURSO DE ADULTOS DIAGNOSTICADOS COMO GAGOS DE TRÊS CIDADES DO INTERIOR DO ESTADO DE PERNAMBUCO

PROFESSOR PESQUISADOR RESPONSÁVEL: Nadia Pereira da Silva Gonçalves de Azevedo.

Universidade Católica de Pernambuco. Rua do Príncipe, 526. Boa Vista. Recife – PE.
50.050-900. E-mail: nadiaazevedo@terra.com.br

INVESTIGADOR / MESTRANDO: Tatiana Maria Corrêa Cavalcanti
E-mail: tatianac.cavalcanti@gmail.com

Convidamos você a participar da pesquisa intitulada **Análise do discurso de adultos diagnosticados como gagos de três cidades do interior do Estado de Pernambuco**. O objetivo deste projeto é realizar uma análise discursiva de adultos com queixa de gagueira, em processo de terapia fonoaudiológica e o que dizem esses sujeitos sobre suas dificuldades em desenvolverem seus processos de linguagem e interação imersas em um quadro de gagueira.

Para isso, será preciso primeiramente, entrar em contato com os fonoaudiólogos que são responsáveis pelo atendimento desses sujeitos-gagos. Posteriormente, será solicitado a participação dos adultos na resposta à entrevista e no acompanhamento das sessões terapêuticas. Essas sessões e as entrevistas serão registradas por um gravador de voz. Essas gravações serão transcritas, ortograficamente, e analisadas sob a luz da Análise do Discurso de Linha Francesa.

Este trabalho não envolve procedimentos invasivos e/ou medicamentos, nem oferece risco de morte. Entretanto, envolve grandes dificuldades por você apresentadas: a fala. Isto lhe traz risco de frustração e constrangimento.

As atividades serão conduzidas pela Mestranda Participante, com o apoio e supervisão da Professora Pesquisadora Responsável.

Os dados coletados ficarão sob sigilo, apenas acessados pela Mestranda Participante e pela Professora Pesquisadora Responsável.

Essas informações serão tratadas, rigorosamente, em caráter confidencial. Os resultados serão divulgados, com objetivos apenas científicos, sem revelar as identidades dos participantes.

A sua participação neste estudo é totalmente voluntária, estando assegurada a sua permanência na pesquisa até o momento de sua conveniência, podendo desistir a qualquer momento, bastando comunicar isso à pesquisadora, sem obrigação alguma de dar explicações à mesma e sem que haja nenhuma represália ou mudança de atitude por parte dela.

Esta pesquisa não irá acarretar ônus para sua participação. E quando ela for finalizada você será informado(a) de seus resultados.

